COLEÇÃO HERANÇA CRISTÃ

JOHN OWEN

A mortificação do pecado

Um clássico do século XVII

Introdução de J. I. Packer

Tradução
Gordon Chown

Vida

EDITORA do grupo
ZONDERVAN
HARPERCOLLINS

Filiada a

CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDITORES CRISTÃOS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE LIVRARIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE LIVRARIAS EVANGÉLICAS

Título original: The mortification of sin,
edição publicada pela
Christian Focus Publications,
(Geanies House, Fearn, Ross-shire, IV20 1TW Escócia,
Grã-Bretanha)

■

EDITORA VIDA
Rua Júlio de Castilhos, 280, Belenzinho
CEP 03059-000 São Paulo, SP
Tel.: 0 xx 11 6618 7000
Fax: 0 xx 11 6618 7050
www.editoravida.com.br

■

Todas as citações bíblicas foram extraídas da
Nova Versão Internacional (NVI),
©2001, publicada por Editora Vida,
salvo indicação em contrário.

■

Coordenação editorial: Vera Villar
Edição: Rosa Ferreira e Liege Marucci
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Capa: Marcelo Moscheta
Diagramação: Sonia Peticov

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Owen, John
A mortificação do pecado: Um clássico do século XVII — Introdução de J. I. Packer / John Owen; traduzido por Gordon Chown. — São Paulo : Editora Vida, 2005. – (Coleção herança cristã.)

Título original: *The mortification of sin.*
Bibliografia
ISBN 85-7367-795-3

1. Bíblia. N. T. Romanos VIII, 13 – Crítica e interpretação 2. Conversão 3. Pecado – Ensino bíblico 4. Salvação I. Packer, J.I. II. Título. III. Série.

04-5005 CDD 241.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Pecado: Ensino bíblico: Doutrina cristã 241.3

Sumário

Introdução

Acredito que devo mais a John Owen do que a qualquer teólogo do passado ou da atualidade, e devo mais a este livro sobre a mortificação do que a qualquer outro de seus escritos. Deixe-me explicar.

Converti-me — ou seja, cheguei ao Senhor Jesus Cristo com um compromisso decisivo, necessitado e ávido do perdão e da aceitação de Deus, consciente do amor redentor de Cristo por mim e de seu chamado pessoal a mim — no meu primeiro trimestre na universidade, há pouco mais de meio século. O grupo que me alimentava espiritualmente era de estilo fortemente pietista e não me deixou dúvida alguma de que o mais importante como cristão era a qualidade de meu andar com Deus — e nisso, naturalmente, tinham toda a razão. Eram, no entanto, um pouco elitistas: sustentavam que somente cristãos evangélicos bíblicos poderiam dizer algo que valesse a pena ouvir a respeito da vida cristã. Os líderes nos incentivavam a pressupor que qualquer um considerado suficientemente ortodoxo para dirigir-se ao grupo a respeito desse tema teria de

ser bom. Eu escutava com grande expectativa e emoção os pregadores e os mestres que o grupo trazia toda semana, sem jamais duvidar de que eram os melhores mestres da Grã-Bretanha, talvez do mundo inteiro. Caí das nuvens.

Hoje, fica em aberto se o que eu pensava ouvir era o que realmente comunicavam, mas a mim parecia que diziam o seguinte: "Existem dois tipos de cristãos, os de primeira e os de segunda classe — os 'espirituais' e os 'carnais'" (v. 1Co 3.1-3). Os primeiros conhecem paz e alegria duradouras, segurança interior constante e vitória contínua sobre a tentação e o pecado de uma maneira que a segunda categoria não experimenta. Os que desejam ser úteis a Deus precisam tornar-se "espirituais" nesse sentido. Sendo um adolescente solitário, nervoso e introvertido, cuja recém-descoberta segurança da salvação não transformara, da noite para o dia, esse temperamento, tive de chegar à conclusão de que eu ainda não era "espiritual". Mas queria ser útil a Deus. O que fazer, então?

SOLTE AS RÉDEAS E DEIXE DEUS AGIR

Disseram-me que havia um segredo para elevar-se da carnalidade à espiritualidade, espelhado no princípio: "Solte as rédeas e deixe Deus agir". Lembro-me nitidamente de um pastor radiante, num púlpito de

Oxford, reforçando esse princípio. O segredo tinha a ver com alcançar a plenitude do Espírito. A pessoa plena do Espírito, dizia-se, deixa a cena da segunda metade de Romanos 7, passagem entendida (mal-entendida, diria eu agora) como uma análise da derrota moral resultante da autoconfiança, e adentra Romanos 8, em que anda com confiança no Espírito e não sofre semelhante derrota. O modo de encher-se do Espírito, conforme fui aprendendo, era o seguinte.

Primeiro, o cristão deveria *negar-se a si mesmo*. Jesus não exigia isso de seus discípulos (Lc 9.23)? Sim, mas fica claro que se referia à negação do eu carnal — isto é, a obstinação, a autoconfiança arrogante, o egoísmo e a egolatria, a síndrome adâmica na natureza humana, o padrão egocêntrico de comportamento arraigado em aspirações e em atitudes contrárias a Deus, atitudes cujo nome comum é pecado original. O que eu parecia escutar, porém, era um chamado à negação do eu *individual* para que pudesse ser dominado por Jesus Cristo de tal maneira que minha experiência presente de pensar e de desejar se tornasse algo diferente, uma experiência do próprio Cristo vivendo em mim, ativando e operando meus pensamentos e minha vontade. Dito dessa forma, isso parece mais uma fórmula de possessão demoníaca do que o ministério do Cristo que em nós habita segundo o Novo Testa-

mento. Mas naquela época eu não sabia nada sobre possessão demoníaca, e o que acabei de expressar em palavras parecia ser o significado claro de "já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20), segundo a exposição dos preletores aprovados. Cantávamos o seguinte cântico:

> Quem me dera ser liberto de mim mesmo, querido Senhor,
> Quem me dera perder-me em ti;
> Quem me dera não ser mais eu
> Mas Cristo que vive em mim!

Qualquer que fosse a intenção do compositor, eu cantava esse cântico com toda a sinceridade, de acordo com o sentido que acabei de definir.

O restante do segredo estava vinculado ao binômio *consagração e fé*. Consagração significava entrega total da própria vida, entregar cada parte do ser ao senhorio de Jesus. Mediante a consagração, o indivíduo se esvaziaria de seu eu, e o vaso vazio se tornaria automaticamente cheio do Espírito, de modo que o poder de Cristo nele estaria pronto para o uso. Com a consagração, viria a fé, que se explicava em termos de confiar no Cristo que em nós habita em todo momento, não só para pensar e escolher em nós e por nós, mas também para lutar em nosso favor e para resistir à ten-

tação. Em vez de enfrentar a tentação diretamente (que seria o caso de lutar com as próprias forças), devemos entregá-la a Cristo e confiar nele para vencê-la. Assim era a técnica da consagração e fé conforme eu a entendia — magia bem poderosa, eu pensava, o precioso segredo do que se chamava vida vitoriosa.

Mas o que aconteceu? Fiz uma raspagem em meu interior, figuradamente, para ter certeza de que minha consagração era completa, e esforcei-me para "soltar as rédeas e deixar Deus agir" quando a tentação se fazia presente. Naquele tempo, não sabia que Harry Ironside, pastor, durante certo período, da Igreja Memorial de Moody, em Chicago, havia caído em completo esgotamento mental por tentar alcançar um padrão de vida mais elevado, da mesma forma que eu tentava na ocasião; não teria ousado concluir, conforme fiz mais tarde, que essa vida mais sublime, como se descreve, é fogo passageiro, uma irrealidade que ninguém jamais conseguiu concretizar, e os que dão testemunho de sua experiência nesses termos na verdade, mesmo que de modo inconsciente, distorcem o que de fato ocorreu. Tudo o que eu sabia era que a experiência esperada não estava acontecendo. A técnica não funcionava. Por quê? Ora, como essa doutrina declarava que tudo dependia da consagração total, forçosamente a culpa era minha. Portanto, deveria fazer

nova raspagem em meu interior para descobrir que sujeiras do ego não-consagrado ainda se escondiam em mim. Fiquei um tanto desvairado.

Então (graças a Deus!) o grupo recebeu como doação a biblioteca de um pastor idoso, na qual havia um conjunto de obras de Owen, praticamente completa. Escolhi algumas páginas do volume VI, meio a esmo, e li o que Owen escreveu a respeito da mortificação — e Deus usou o que esse antigo puritano escreveu três séculos atrás para esclarecer meus pensamentos.

UM GIGANTE PURITANO

Owen é, por consenso, o mais bem conceituado teólogo puritano, e muitos o classificariam, ao lado de João Calvino e de Jonathan Edwards, como um dos três maiores teólogos reformados de todos os tempos. Nascido em 1616, entrou para o Queen's College, em Oxford, aos 12 anos de idade e completou seu mestrado em 1635 aos 19 anos de idade. Aos vinte e poucos anos, a convicção do pecado tumultuou-lhe tanto o espírito que, durante três meses, raramente conseguiu pronunciar uma palavra coerente sobre qualquer assunto. Mas aos poucos aprendeu a confiar em Cristo e, assim, encontrou a paz. Em 1637, tornou-se pastor. Na década de 1640, foi capelão de Oliver Cromwell e, em 1651, veio a ser deão da Christ Church, a maior faculdade

de Oxford. Em 1652, recebeu o cargo adicional de vice-reitor da universidade, a qual passou a reorganizar com sucesso notável. Depois de 1660, foi líder dos Independentes, nos anos amargos da perseguição, até morrer em 1683.

Era teólogo reformado conservador de grande erudição e oratória. Seus pensamentos são semelhantes a colunas de uma catedral normanda e deixam a impressão de grandeza extrema, exatamente por causa de sua simplicidade sólida. Escrevia para o tipo de leitor que, uma vez que levantasse uma questão, não conseguia descansar até tratá-la em profundidade, acreditando que a cobertura e a apresentação exaustivas a partir de muitos pontos de vista não são cansativos, mas revigorantes. Seus livros foram justamente considerados um conjunto de sistemas teológicos, cada um organizado em torno de um diferente foco. A verdade da Trindade — a história do Criador triúno que se tornou o Redentor triúno — sempre constituía seu ponto de referência, e viver a vida cristã era sua preocupação constante.

Owen personificava tudo quanto havia de mais nobre na devoção puritana. "A santidade dava um brilho divino a suas realizações", disse seu colega mais jovem, David Clarkson, ao pregar no culto fúnebre de Owen. Como pregador, Owen submetia-se à própria

máxima de que "o homem só prega bem um sermão quando este é pregado em sua própria alma", e declarou: "Considero-me obrigado, pela consciência e pela honra, a nem sequer imaginar que consegui o conhecimento apropriado de algum artigo da verdade, muito menos de o tornar público, a não ser que tenha, mediante o Espírito Santo, experimentado tanto seu sabor, no sentido espiritual, a ponto de dizer, de todo o coração, com o salmista: 'cri, e por isso falei'". Isso explica a autoridade e a perícia com que Owen sonda as profundezas escuras do coração humano. "Passagens inteiras lampejam na mente do leitor, com um impacto que o faz sentir como se tivessem sido escritas somente para ele" (Andrew Thomson). O tratado sobre a mortificação é um exemplo notável disso.

SABEDORIA SOBRE A MORTIFICAÇÃO

O "discurso" de Owen, conforme ele o chamava, é uma coletânea — reescrita em forma de livro — de sermões pastorais sobre Romanos 8.13: "...se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão" (*mortificar* é o mesmo que *fazer morrer*). Os sermões foram pregados em Oxford, e a obra foi publicada em 1656 (segunda edição, aumentada, em 1658). Diz-se que os romances de Jane Austen serão lidos primeiro pela quarta vez, o que significa que somente na quarta vez

as excelências especiais da estrutura equilibrada, da sátira suave e do humor sutil da autora são fixadas na mente do leitor. Pode-se dizer o mesmo desses sermões, pois somente pela leitura repetida seu poder e sua unção perscrutadores se fazem sentir. O tema que apresentam é o lado negativo da obra de Deus na santificação (ou seja, a renovação do caráter à imagem de Cristo). Os mestres reformados, a partir de Calvino, têm explicado a obra santificadora do Espírito Santo em termos positivos, de vivificação (virtudes que se desenvolvem), e negativos, de mortificação (matar os pecados). Conforme o que se expressa na *Confissão de Westminster* (13.1):

> Os que são eficazmente chamados e regenerados têm um novo coração e um novo espírito e são, além disso, santificados, real e pessoalmente, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua Palavra e por seu Espírito, que neles habita; o domínio do pecado sobre o corpo é destruído, suas várias concupiscências cada vez mais enfraquecidas e mortificadas, e eles cada vez mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras, para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor.

A mortificação é o assunto de Owen, decidido a explicar a teologia desse tema a partir das Escrituras

— isto é, a vontade, a sabedoria, a obra e os meios envolvidos — tão plenamente quanto conseguisse. Mas, para tornar seu tratado mais prático e útil possível, aborda em seu texto a seguinte questão:

> Suponhamos que alguém seja cristão verdadeiro, porém encontre dentro de si um pecado poderoso, que o faça cativo de sua lei pecaminosa, consuma-lhe o coração com angústia, confunda-lhe os pensamentos, enfraqueça a alma no tocante aos deveres da comunhão com Deus, perturbe-lhe a paz, quem sabe lhe macule a consciência e o exponha ao endurecimento mediante o engano do pecado. O que deve fazer esse indivíduo? Que procedimento adotar, e nele insistir, para a mortificação desse pecado, dessa concupiscência, perturbação ou corrupção?

Em seguida, dispõe o material como uma série de coisas a conhecer e de coisas a fazer, as quais, juntas, respondem à pergunta proposta.

Comentei anteriormente que Owen salvou minha sanidade espiritual. Na verdade, acho, depois de cinqüenta anos, que ele contribuiu mais do que qualquer outra pessoa para fazer de mim um realista moral, espiritual e teológico. Owen me perscrutou até às raízes de meu ser. Ensinou-me a natureza do pecado, a necessidade de lutar contra ele e o método para fazer

isso. Mostrou-me a importância dos pensamentos do coração em minha vida espiritual. Deixou-me clara a verdadeira natureza do ministério do Espírito Santo no cristão, bem como a vitória da fé. Mostrou-me como compreender a mim mesmo como cristão e de que forma viver diante de Deus humilde e sinceramente, sem fingir ser o que não sou nem não ser o que sou. Comprovou cada argumento pela exegese bíblica direta, explicando as implicações experimentais dos textos didáticos e narrativos com precisão e profundidade tais que eu não encontrara antes e raras vezes vi igualadas depois. O despertar decisivo de todas as percepções que já recebi de Owen surgiu quando li pela primeira vez o que escreveu sobre a mortificação. Essa pequena obra é uma mina de ouro espiritual. Nenhum elogio meu seria suficiente para recomendá-la.

SINTONIZANDO

Reconheço, porém, ao escrever isto, que alguns leitores acharão difícil sintonizar-se (por assim dizer) com as ondas de Owen, não em razão de seu linguajar pomposo, com sua retórica fastidiosa e eventuais palavras estranhas, mas por causa das falhas de boa parte da educação cristã de nossos dias presentes. Cabe aqui mencionar particularmente quatro dessas falhas.

Primeiro: *a santidade de Deus* é insuficientemente enfatizada. Nas Escrituras, e em Owen, a santidade do "Santo" é constantemente ressaltada. A santidade, chamada de o atributo acima de todos os atributos de Deus, é a qualidade que separa o Criador de suas criaturas e que o faz diferente de nós em nossa fraqueza; digno de nosso reverente temor e adoração em sua força; alguém que visita nossa consciência com sua presença, desmascarando e condenando o pecado dentro de nós. Hoje, com muita freqüência, põe-se a santidade de Deus em segundo plano; o resultado é que seu amor e sua misericórdia são sentimentalizados, e acabamos pensando nele em termos de um tio bondoso. Um dos efeitos desse irrealismo é tornar difícil a crença de que o Deus santo dos escritores bíblicos — dos profetas, dos salmistas, dos historiadores, dos apóstolos e muito claramente do próprio Senhor Jesus Cristo — é o Deus verdadeiro com quem de fato precisamos tratar. Os puritanos acreditavam nisso, e é-nos necessário ajustar nossa mente para compreender a teologia de Owen.

Segundo: *a relevância do desejo motivador* é insuficientemente enfatizada. Nas Escrituras, e em Owen, o desejo é o indicador de nosso coração, e a motivação é o teste decisivo que mostra se as ações são boas ou más. Se o coração for mau, sem reverência, amor, pu-

reza, humildade e espírito doador, e se, além disso, estiver envenenado por soberba, ambição egoísta, inveja, concupiscência, ódio, concupiscência sexual ou coisas semelhantes, nada do que o indivíduo realize será certo aos olhos de Deus, conforme Jesus disse repetidas vezes aos fariseus. Hoje, no entanto, como acontecia entre os fariseus, é comum a vida moral ser reduzida a uma pecinha de teatro, em que a representação determinada e exigida é tudo, e nenhuma atenção se dá à concupiscência, à fúria e às hostilidades do coração, contanto que as pessoas façam o que se acha que devem fazer. Entretanto, essa formalidade mediante a qual nos avaliamos não é o modo pelo qual Deus nos avalia: quando as Escrituras mandam o cristão mortificar o pecado, o significado não é apenas que os maus hábitos devem ser desfeitos, mas também que os desejos e impulsos pecaminosos precisam ser aniquilados —, e, nesse aspecto, Owen está interessado em nos ajudar no decurso de seu livro. Se quisermos entender o argumento de Owen nessa questão, precisamos de um ajuste de perspectiva.

Terceiro: *a necessidade de exame de consciência* é enfatizada de modo insuficiente. Nas Escrituras, e em Owen, ressalta-se que o coração humano decaído é enganoso e que a ignorância a respeito do eu é perigo-

sa. Em conseqüência, fazemos bom juízo de nosso coração e de nossa vida, ao passo que Deus, que perscruta o coração, se desagrada de ambos. Numa era em que psicólogos e psiquiatras atribuem tanta importância às motivações ocultas e não concretizadas, é por demais irônico que os cristãos se recusem tão categoricamente a reconhecer que eles e outros se deixem enredar por qualquer forma de auto-engano no conceito que têm de si próprios. Owen, um puritano realista, sabe que estamos constantemente nos ludibriando ou sendo ludibriados no tocante a nossas verdadeiras atitudes e a nossos propósitos, por isso insiste em que devemos vigiar e nos examinar à luz das Escrituras; sem isso, sequer saberemos que hábitos de nosso coração precisam ser mortificados. Também, nessa questão, é necessário um ajuste de nossa forma de pensar para entendermos como Owen nos examina.

Quarto: *o poder de Deus na transformação da vida* não recebe ênfase suficiente. Nas Escrituras, e em Owen, a salvação individual significa, literalmente, mudança de coração, uma mudança moral que cria raízes no exercício contínuo de fé, esperança e amor, no qual o poder da morte de Cristo liberta do domínio do desejo pecaminoso; também o poder do Espírito Santo para induzir atitudes e ações semelhantes às de

Cristo está sendo constantemente comprovado. Por mais errônea que tenha sido a fórmula para a vida sobrenatural da qual Owen me libertou, era totalmente correta a expectativa de que os cristãos conheceriam a libertação das paixões pecaminosas do coração mediante a oração a Jesus. É triste — até escandaloso — que hoje se ouça tão pouco a respeito disso, ao passo que tanta coisa se diz a respeito do poder de Cristo e de seu Espírito em várias outras formas do ministério. Mas a verdadeira libertação das paixões pecaminosas é a bênção para a qual Owen desejaria levar-nos, e ele não duvida de que ela exista e de que possa ser obtida. "Ponha em prática a fé em Cristo para a *mortificação* de seu pecado", escreve. "Seu sangue é o excelente e poderoso remédio para as almas doentes do pecado. Viva assim e morrerá vencedor. Sim, ainda viverá, mediante a boa providência de Deus, até ver a concupiscência morta a seus pés." Nesse assunto também precisamos ajustar nosso interesse e nossa expectativa para nos beneficiar da orientação de Owen.

Leia com a disposição de aprender a respeito do poder de seu Salvador, e o Espírito Santo o libertará da escravidão dos desejos descontrolados. Que Deus conceda a todos nós coração para entender e aplicar as verdades que Owen expõe aqui.

J. I. PACKER

1

A base de todo o argumento *a seguir está em Romanos 8.13. As palavras do apóstolo abrem a conexão certeira entre a verdadeira mortificação e a salvação. A mortificação é trabalho do cristão, sendo o Espírito sua causa eficaz principal. O que significa "o corpo" nas palavras do apóstolo. O que significam "os atos do corpo". A vida: em que sentido ela está comprometida com a prática desse dever.*

A fim de que a orientação aqui apresentada contribua para a continuidade da obra de mortificação nos cristãos e seja ordenada e clara, devo assentar seus alicerces nas seguintes palavras do apóstolo Paulo (Rm 8.13): "... se pelo Espírito fizerem morrer os atos do corpo, viverão" e reduzir tudo ao desenvolvimento da grande verdade do evangelho e dos mistérios nele contidos.

Depois de recapitular a doutrina da justificação pela fé e do estado abençoado e a condição daqueles que, pela graça, dessas coisas são participantes (Rm 8.1-3), o apóstolo passa a desenvolver seu argumento visando à maior santidade e à consolação do cristão.

Dentre seus argumentos e motivações para a santidade, o versículo mencionado contém um pensamento que se baseia nos acontecimentos e efeitos contrários à santidade e ao pecado: "... se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão...". Uma vez que meu alvo e propósito não são, no presente, explicar o que é "viver de acordo com a carne" nem o que é "morrer", não oferecerei outra explicação além de que tais palavras estão de acordo com o restante desse versículo que tomamos como tema.

Nas palavras designadas como fundamento às considerações seguintes, existe, em primeiro lugar, a prescrição de um dever: "façam morrer os atos do corpo"; em segundo lugar, são declaradas as pessoas às quais o dever se dirige: "... se vocês [...] fizerem morrer..."; em terceiro lugar, há uma promessa ligada a esse dever: "...viverão"; em quarto lugar, a causa ou meio de realização desse dever, o Espírito: "... se vocês [...] pelo Espírito..."; em quinto lugar, a condição da proposição inteira, que contém o dever, os meios e a promessa: "... se pelo Espírito...".

Todavia, devemos observar a disposição das palavras na proposição inteira:

1) A primeira coisa que ocorre é a condicional "se". As conjunções condicionais em proposições como essa podem denotar duas possibilidades:

a) A incerteza do evento ou do objeto prometidos em relação a quem o dever é direcionado. Isso ocorre quando a condição é absolutamente necessária e não depende de nada determinado por quem recebeu o preceito. Assim, dizemos: "se vivermos, faremos isso e aquilo". No presente contexto, essa não pode ser a intenção da expressão condicional. Das pessoas a quem se dirigem essas palavras, diz-se no versículo 1: "... já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1).
b) A certeza da coerência e da conexão que existem entre coisas mencionadas, tais como um conselho dado a um enfermo: "se tomar determinado remédio, vai sarar"; nesse caso, o que se pretende expressar é unicamente a certeza da conexão entre o remédio e a saúde. Esse é o emprego do termo condicional aqui. A conexão exata entre "fazer morrer os atos do corpo" e "viver" é intrínseca nessa partícula condicional.

Uma vez esclarecida a ligação e a coerência entre as coisas, como causa e efeito, meios e fim, a conexão entre a mortificação e a vida não é apenas de causa e efeito, pois "o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Rm 6.23), mas também de meios e fim: Deus determinou esses meios para

alcançar o fim que já prometera gratuitamente. Os meios, embora necessários, são devidamente subordinados a um fim gratuitamente prometido. É inconsistente a idéia de uma relação entre a concessão de um presente e a busca de algum merecimento por parte de quem o recebe. A intenção, portanto, do fato de essa proposição ser condicional é *que há certa conexão e coerência infalível entre a mortificação verdadeira e a vida eterna.* Se forem empregados esses meios, a finalidade será alcançada. Se realmente "fizer morrer", viverá. Nisso se encontra a motivação principal do dever prescrito e de sua prática.

2) O fato seguinte que encontramos nessas palavras é a natureza das pessoas às quais esse dever é prescrito, expressa na palavra "vocês": se "vocês [...] fizerem morrer", ou seja, vocês, cristãos, para os quais "já não há condenação" (v. 1), vocês, que "não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito" (v. 9), vivificados pelo Espírito de Cristo (v. 10,11), a vocês é dado esse dever. Ir impondo esse dever diretamente a qualquer um é, com certeza, fruto da superstição e do farisaísmo que enchem o mundo, prática de indivíduos devotos que desconhecem o evangelho (Rm 10.3,4; Jo 15.5). Assim, o tipo de indivíduo descrito acima, aliado à prescrição de um dever, constitui o alicerce

principal do argumento a seguir, que se baseia nesta tese ou proposição: *cristãos exemplares, com certeza libertos do poder condenatório do pecado, mesmo assim devem assumir o dever, durante toda a vida, de mortificar o poder do pecado que neles habita.*

3) A *causa* eficaz e principal do cumprimento desse dever é o Espírito: "... se pelo Espírito...". O Espírito aqui é o Espírito mencionado no versículo 11, o Espírito de Cristo, o Espírito de Deus que em nós habita (v. 9), que nos dará vida (v. 11), o "Espírito que os adota" (v. 15), o Espírito que "intercede por nós" (v. 26). Todos os demais meios de mortificação são vãos; todas as ajudas nos deixam indefesos; imprescindivelmente, só o Espírito a realiza. Os homens, conforme subentende o apóstolo (Rm 9.30-32), podem tentar realizar essa obra segundo outros princípios, por meios e ajudas que operam por outros sistemas, como sempre fizeram e fazem; mas (diz Paulo) essa é obra do Espírito; deve ser realizada somente por ele e não pode ser levada a efeito por outro poder qualquer. A mortificação mediante as próprias forças levada a efeito por meios inventados pelo próprio indivíduo, com o propósito de ser justo em si mesmo, é o cerne e a substância de toda a religião falsa no mundo inteiro: e esse é o segundo princípio de meu argumento seguinte.

4) Agora devemos comentar o *dever propriamente dito*: “fazer morrer os atos do corpo”.

Aqui pesquisaremos três coisas: a) qual é o significado de “o corpo”; b) qual é o significado de “os atos do corpo”; c) qual é o significado de “fazer morrer” os atos do corpo.

a) O corpo, no fim do versículo, é o mesmo que carne no início: “... se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão”, mas se “fizerem morrer os atos do corpo”, isto é, da carne, “viverão”. É a esse corpo que Paulo se refere, o tempo todo, com o nome de carne; isso fica claro quando leva adiante o contraste entre o Espírito e a carne nos versículos anteriores e posteriores. O corpo, portanto, é referido aqui como corrupção e depravação de nossa natureza, da qual o corpo, em grande medida, é a sede e o instrumento; sendo que os próprios membros do corpo são escravos da maldade (Rm 6.19). Está em foco o pecado que habita interiormente, a carne corrompida, a concupiscência. Muitas explicações, nas quais não vou insistir no presente momento, podem ser dadas para essa expressão figurada. O corpo, aqui, é igual a “velho homem” e a “corpo do pecado” (Rm 6.6); ou pode, por outra figura, expressar o indivíduo total, considerado

corrompido, e a sede das concupiscências e das paixões desenfreadas.

b) Os atos do corpo: a palavra "atos" denota principalmente ações externas, "as obras da carne", conforme são chamadas (Gl 5.19), que no texto são manifestas e passam a ser enumeradas. Embora somente os atos externos sejam considerados aqui, na intenção principal são suas causas mais íntimas e próximas que estão em jogo. O "machado deve ser aplicado à raiz da árvore": os atos da carne devem ser mortificados em suas causas, das quais brotam. O apóstolo chama essas causas de atos, pois a estes tendem todas as concupiscências. Ainda que apenas concebidos e que não dêem em nada, sua intenção é dar à luz o pecado consumado.

Tanto no capítulo 7 quanto no início deste capítulo, tratamos da concupiscência e do pecado que habitam no íntimo como fonte e princípio de todos os atos pecaminosos, sendo mencionada aqui a destruição que causam, nomeando-se os efeitos produzidos por eles. "Os atos do corpo" são semelhantes à "mentalidade da carne" (Rm 8.6) — uma figura de linguagem da mesma natureza que a anterior — ou à "carne, com as suas paixões e os seus desejos" (Gl 5.24), de

onde emergem os atos e frutos da carne, e nesse sentido é mencionado "o corpo" (v. 10): "... O corpo está morto por causa do pecado...".

c) Mortificar ou, citando o original, "se pelo Espírito fizerem morrer" — expressão metafórica tirada do conceito de fazer morrer qualquer ser vivente. Matar um ser humano ou qualquer outro ser vivo é tirar o princípio de todas as forças, seu vigor e seu poder, de modo que não possa agir, exercer nem produzir nenhum ato por conta própria. É o que se dá nesse caso. O pecado que habita em nós é comparado com uma pessoa viva chamada de velho homem, com as próprias faculdades e propriedades, sabedoria, manhas, sutilezas e forças. Este (diz o apóstolo) deve ser morto, executado, mortificado. Isto é, o poder, a vida, o vigor e as forças que produzem esses efeitos devem ser removidos pelo Espírito. São, na verdade, notável, definitiva e exemplarmente mortificados e executados pela cruz de Cristo; portanto se diz que o velho homem foi crucificado com Cristo (Rm 6.6), e nós mesmos "morremos com Cristo" (v. 8). Isso, na realidade, começa na regeneração (Rm 6.3-5), quando um princípio contrário ao pecado é implantado em nosso coração para *destruí-lo* (Gl 5.17). Mas

toda essa obra deve ser levada adiante paulatinamente em direção à perfeição, durante todos os dias de nossa vida. Falaremos mais disso no decorrer de nosso argumento.

A intenção do apóstolo ao prescrever o dever mencionado é que a mortificação do pecado que ainda permanece em nosso corpo mortal seja dever constante do cristão, a fim de que o pecado não tenha vida nem poder para produzir as obras ou atos do corpo.

5) *A promessa para o cumprimento desse dever é a vida:* "... viverão". A vida prometida opõe-se à ameaça da morte na frase anterior: "... se vocês viverem de acordo com a carne, morrerão...", conceito que o apóstolo expressa em outro texto: "Quem semeia para a sua carne, da carne colherá destruição..." (Gl 6.8), a qual vem da parte de Deus. É possível que essa palavra não se refira somente à vida eterna, mas também à vida espiritual em Cristo que temos nas atuais circunstâncias; não que sua essência e realidade já estejam sendo desfrutadas pelos cristãos, mas a alegria, a consolação e o vigor que trazem estão. Diz o apóstolo em outro contexto: "Pois agora vivemos, visto que vocês estão firmes no Senhor" (1Ts 3.8), isto é, agora minha vida me fará bem, terei alegria e consolação em minha

vida. Vocês "viverão", terão uma vida proveitosa, vigorosa, confortável e espiritual, enquanto estiverem aqui, e obterão a vida eterna no porvir.

Tomando por certo o que foi dito anteriormente, no tocante à conexão entre a mortificação e a vida eterna no sentido de serem o fim e os meios, acrescentarei somente, como segunda motivação ao dever prescrito, que *o vigor, o poder e a consolação de nossa vida espiritual dependem da mortificação dos atos da carne.*

2

Apresenta-se e confirma-se a principal **asserção** *referente à necessidade de mortificação.*

A mortificação é dever dos melhores cristãos (Cl 3.5; 1Co 9.27). O pecado está sempre presente em nossa vida: não há perfeição nesta vida (Fp 3.12; 1Co 13.12; 2Pe 3.18; Gl 5.17 etc.). A atividade do pecado permanece no cristão (Rm 7.23; Tg 4.5; Hb 12.1) com seus frutos e tendências. Toda concupiscência visa ao auge de sua categoria. O Espírito e a nova natureza nos são dados para lutar contra o pecado que em nós habita (Gl 5.17; 2Pe 1.4,5; Rm 7.23). O terrível problema de negligenciar a mortificação (Ap 3.2; Hb 3.13). O primeiro princípio do argumento inteiro é, portanto, confirmado. Lamenta-se a falta do cumprimento desse dever.

Assentado esse alicerce, uma breve confirmação das inferências fundamentais mencionadas acima levará à minha intenção principal.

A primeira é que os cristãos exemplares, libertos do poder condenador do pecado, ainda assim devem em-

penhar-se, enquanto viverem, para mortificar o poder do pecado que neles habita.

Diz o apóstolo: "Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês..." (Cl 3.5). A quem ele se dirige? Aos que ressuscitaram com Cristo (v. 1); que morreram com ele (v. 3); de quem Cristo era a vida e que se manifestariam com ele em glória (v. 4). Mortifique-se, faça da mortificação seu empenho diário, ocupe-se sempre dela enquanto viver, não interrompa um só dia essa obra; preocupe-se em matar o pecado, senão ele acabará matando você. O fato de estar praticamente morto em Cristo e de ter sido vivificado com ele não é desculpa para evitar esse trabalho. Nosso Salvador nos diz como o Pai lida com cada ramo que nele dá fruto, que é verdadeiro e vivo: "ele poda, para que dê mais fruto ainda" (Jo 15.2). Poda o ramo, e isso não durante um ou dois dias, mas enquanto for um ramo deste mundo. O apóstolo conta qual era a prática dele: "... esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo" (1Co 9.27). Faço isso (diz ele) diariamente, é o trabalho de minha vida; não me omito dele, essa é minha tarefa. E se essa era a obra e tarefa de Paulo, tão incomparavelmente exaltado em graça, iluminação, revelações, contentamento, privilégio, consolações, muito acima da média dos cristãos, em que poderíamos fundamentar nossa isenção dessa obra e

obrigação enquanto ainda estivermos neste mundo? Podem-se dar algumas explicações resumidas das razões disso.

1) A natureza do pecado permanecerá em nós enquanto estivermos neste mundo, por isso sempre deve ser mortificada. As disputas vãs, tolas e ignorantes entre os indivíduos, no tocante a cumprir com perfeição os mandamentos de Deus, a alcançar perfeição nesta vida, a ficar total e perfeitamente morto para o pecado, nelas não me intrometo. É mais do que provável que os partidários dessas abominações nunca souberam o que está envolvido na guarda de sequer um dos mandamentos de Deus; estão tão abaixo da perfeição nos graus de obediência que nunca atingiram nem mesmo a obediência universal em sinceridade. Por isso, em nossos dias, muitos que têm falado em perfeição tentam mostrar-se mais sábios e afirmam que essa perfeição consiste em não reconhecer nenhuma diferença entre o bem e o mal. Não se trata de ser perfeitos nas coisas que chamamos de virtuosas, mas sim que tudo para eles é igual, e o auge da iniqüidade é sua perfeição. Outros, que descobriram um caminho novo para a suposta perfeição negando o pecado original que habita no íntimo, ajustam ao coração carnal do ser humano a espiritualidade da lei de Deus; revela-

ram-se suficientemente ignorantes da vida de Cristo e de seu poder que atua no cristão, a ponto de inventarem uma nova justiça que o evangelho desconhece, ensoberbecidos pela vaidade de sua mente carnal.

Quanto a nós, que não ousamos ser sábios acima do que está escrito, nem nos vangloriamos, como fazem alguns, daquilo que Deus tem feito não por meio de nós, dizemos que o pecado habita em nós em certa medida e em certo grau enquanto ainda estamos neste mundo. Não ousamos falar como se já tivéssemos obtido tudo ou sido aperfeiçoados (Fp 3.12); enquanto aqui vivemos, "interiormente estamos sendo renovados dia após dia" (2Co 4.16); quantas são as renovações da vida nova, tantas são as brechas e decadências da vida velha. Enquanto estamos aqui, "conhecemos em parte" (1Co 13.12); resta-nos certa escuridão a ser aos poucos removida: "Cresçam, porém, na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 3.18). A carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne, de modo que não podemos fazer o que desejamos; por isso, somos defeituosos em nossa obediência, bem como em nosso entendimento (Gl 5.17; 1Jo 1.8). Temos um "corpo sujeito a esta morte" (Rm 7.24), do qual não nos livramos a não ser pela "morte desse corpo" (Fp 3.21). Ora, é nosso dever mortificar e

continuar matando o pecado, mas é dentro de nós que devemos agir. Quem é designado para matar um inimigo e pára de golpeá-lo antes que o opositor cesse de viver, cumprirá apenas metade da tarefa (Gl 6.9; Hb 12.1,2; 2Co 7.1).

2) O pecado não somente permanece em nós, mas continua agindo, sempre em dores de parto para dar à luz os atos da carne. Quando o pecado nos deixa em paz, podemos deixar o pecado em paz; contudo, o pecado nunca está menos quieto do que quando parece mais quieto, e, já que suas águas correm mais profundas quando parecem paradas, nossas estratégias contra ele devem ser constantes, em todas as condições, ainda que não haja suspeitas.

Não só o pecado habita em nós, mas também a lei "atuando nos membros" está "guerreando contra a minha mente" (Rm 7.23), e "o Espírito que fez habitar em nós [com] fortes ciúmes" (Tg 4.5) está em operação contínua: "... a carne deseja o que é contrário ao Espírito..." (Gl 5.17). A concupiscência continua tentando e concebendo o pecado (Tg 1.14). Em toda ação moral, há inclinação para o mal ou para impedir a prática do bem, deixando o espírito indisposto à comunhão com Deus. Leva a pessoa a inclinar-se para o mal: "... o mal que não quero fazer, esse eu continuo

fazendo", diz o apóstolo (Rm 7.19). Como é isso? É porque "nada de bom habita em mim, isto é, na minha carne". Isso impede a prática do bem: "... o que faço não é o bem que desejo..." (v. 19). Pela mesma razão, não faço o bem nem tenho o desejo de fazê-lo, pois toda a minha santidade está maculada por esse pecado. A "carne deseja o que é contrário ao Espírito [...] de modo que vocês não fazem o que desejam" (Gl 5.17). Nosso espírito fica desestruturado, por isso é chamado de "pecado que nos envolve" (Hb 12.1). Por essa razão, o apóstolo queixa-se tão fortemente contra ele (Rm 7). Portanto, o pecado está sempre agindo, concebendo, seduzindo e tentando.

Quem pode dizer que já teve algum contato com Deus ou fez algo para Deus sem que o pecado que habita interiormente corrompesse, de alguma forma, o que se realizou? O pecado exerce sua influência, em maior ou menor grau, todos os dias. Se o pecado estiver sempre atuando, e nós não o estivermos sempre mortificando, estaremos perdidos. Quem se mantém imóvel na luta e deixa seus inimigos duplicarem os golpes contra si, sem resistência, certamente será vencido. Se o pecado for sutil, vigilante, forte e sempre operante para nos destruir a alma, e se formos preguiçosos, negligentes, imprudentes em proteger da ruína nossa alma, poderíamos esperar algum bom resultado?

Não se passa um dia sem que o pecado nos frustre ou seja frustrado, prevaleça ou seja vencido, e assim será enquanto vivermos neste mundo. Considerarei desobrigado desse dever aquele que conseguir um entendimento pacífico com o pecado, um cessar-fogo nessa guerra: se o pecado poupá-lo um só dia sequer de um só dever (tratando-se de alguém que conhece a espiritualidade da obediência e a astúcia do pecado), que diga à sua alma quanto a esse dever: "Minha alma, fique em repouso". Os santos cuja alma suspira pela libertação da rebeldia desorientadora sabem que não há segurança contra ele senão numa guerra perpétua.

3) O pecado não somente lutará, agindo, rebelando-se, perturbando, inquietando, mas, se for deixado à vontade, sem ser mortificado, também produzirá pecados grandes, malditos, escandalosos e destruidores da alma. O apóstolo diz quais são as obras e os frutos do pecado, da carne: "Ora, as obras da carne são manifestas: imoralidade sexual, impureza e libertinagem; idolatria e feitiçaria; ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja; embriaguez, orgias e coisas semelhantes. Eu os advirto, como antes já os adverti: Aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus" (Gl 5.19-21). Você sabe o que o pecado fez a Davi e a muitos outros.

O pecado sempre visa a produzir o máximo prejuízo: se toda vez que surge para tentar ou para seduzir, tivesse liberdade de atuação, levaria até ao pecado supremo de sua espécie. Todo pensamento ou olhar impuro se transformaria, se pudesse, em adultério; cada desejo cobiçoso se traduziria em opressão; cada pensamento incrédulo seria ateísmo, se tivesse licença de crescer até se completar. Os homens chegariam a ponto de, sem perceber uma voz escandalosa falando-lhes ao coração, praticar grandes pecados de escândalo com a boca; e cada tentação à concupiscência, recebendo liberdade de agir, chegaria ao auge da iniqüidade. É como a cova, que nunca está satisfeita. Nisso se acha boa porção do engano do pecado, que assim prevalece a fim de endurecer o coração das pessoas, levadas finalmente à ruína (Hb 3.13). É sutil, por assim dizer, em seus primeiros movimentos e propostas, mas tendo, por esse meio, conseguido acesso direto ao coração, avança firme e ganha mais terreno.

Essa nova atuação e essa incursão não deixam a alma perceber, de fato, que uma invasão já ocorreu para levar à apostasia de Deus. A alma pensa que tudo está mais ou menos bem, se não houver mais progresso. Quanto mais a alma é deixada insensível à presença de qualquer pecado, isto é, no sentido que o evangelho define, tanto mais é endurecida. Mas o pe-

cado continua pressionando aos poucos, pois seu alvo é levar a alma a abandonar totalmente a Deus e até a opor-se a ele. O fato de o pecado aproximar-se de seu auge paulatinamente, aproveitando o terreno já conquistado pelo endurecimento, não provém tanto de sua natureza, mas de sua fraudulência.

Logo, somente a mortificação pode impedir que isso ocorra. A mortificação seca a raiz do pecado e lhe fere a cabeça, hora após hora, de modo que todos os seus intentos sejam obstruídos. Não existe no mundo inteiro alguém maravilhosamente santo que, caso se torne relapso quanto a esse dever, não caia em tantos pecados malditos quantos os cometidos por qualquer membro da raça humana.

4) Essa é uma das razões principais por que o Espírito e a nova natureza são dados a nós: a fim de que tenhamos força interior para nos opor ao pecado e à concupiscência. Ora, se é bem verdade que "a carne deseja o que é contrário ao Espírito", o Espírito, por sua vez, deseja "o que é contrário à carne" (Gl 5.17). Existe uma propensão no Espírito, ou na nova natureza espiritual, de agir contra a carne, assim como a carne tende a agir contra o Espírito. De acordo com 2Pedro 1.4,5, como "participantes da natureza divina", é-nos oferecida a possibilidade de fugir "da corrupção que

há no mundo, causada pela concupiscência". Existe uma lei que governa a mente e outra que governa o corpo (Rm 7.23). Em primeiro lugar, a coisa mais injusta e impensável, numa luta entre dois combatentes, seria amarrar um deles para impedi-lo de dar o máximo de si, deixando o outro em liberdade para ferir o oponente a seu bel-prazer; em segundo lugar, a coisa mais tola do mundo seria amarrar quem luta em favor de nossa condição eterna e deixar à vontade quem tenta nos levar à ruína eterna. A disputa diz respeito à vida e à alma eternas. Deixar de empregar diariamente o Espírito e nossa nova natureza para mortificar o pecado é negligenciar o socorro excelente que Deus providenciou contra nosso maior inimigo. Se não utilizarmos o que recebemos, Deus pode, com razão, refrear sua mão de nos conceder mais bênçãos. Sua graça e seus dons nos são entregues para que os usemos, exercitemos e atuemos com eles. Não mortificar diariamente o pecado é pecar contra a bondade, a generosidade, a sabedoria, a graça e o amor de Deus, que nos ofereceu meios de mortificá-lo.

5) A negligência a esse dever lança a alma numa condição completamente contrária à descrita pelo apóstolo Paulo como sendo a sua: "Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sen-

do renovados dia após dia" (2Co 4.16). Nesse caso, o homem interior pereceria, enquanto o exterior se renovaria dia após dia. O pecado é como a casa de Davi, e a graça como a casa de Saul. O exercício e o sucesso são os dois principais incentivadores da graça no coração: quando o poder da graça é deixado inativo, murcha e decai. Sua atuação quase morre, e o pecado ganha terreno com o endurecimento do coração (Ap 3.2; Hb 3.13). É isso o que quero dizer: quando esse dever é deixado de lado, a graça definha, a concupiscência prospera e a disposição do coração fica cada vez pior. Só o Senhor sabe quantas conseqüências desesperadoras e horríveis isso acarreta para muitas pessoas.

Quando o pecado, mediante a negligência da mortificação, consegue considerável vitória, quebra os ossos da alma (Sl 31.10; 51.8) e deixa a pessoa fraca, doente, pronta para morrer (Sl 38.3-5), de modo que não consiga sequer levantar os olhos (Sl 40.12; Is 33.24). Quando pobres criaturas aceitam golpe após golpe, ferida após ferida, derrota após derrota, sem nunca se opor vigorosamente, como poderão esperar outra coisa senão ficar endurecidas, mediante o engano do pecado, e sangrar a alma até morrer (2Jo 8)? Realmente, é triste constatar os terríveis resultados dessa negligência diante de nossos olhos todos os dias. Vemos cris-

tãos antes humildes, mansos, quebrantados, ternos e temerosos de ofender, zelosos por Deus e por todos os seus caminhos, que guardavam seus domingos e ordenanças, tornando-se, pela negligência ao dever de mortificar o pecado, mundanos, carnais, frios, irados, contribuindo para o escândalo da religião e para a perigosa tentação dos que os conhecem? A verdade é que, ao fazer da mortificação um estado de espírito rígido e inflexível, quase sempre ela se transforma, por um lado, em mundana, legalista, crítica, parcial, cheia de ira, inveja, perfídia, soberba, e, por outro lado, com pretensões de liberdade e de graça e mais nem sei o quê, enquanto a verdadeira mortificação quase desapareceu de nosso meio cristão. Disso falaremos mais adiante.

6) Nosso dever é aperfeiçoar a santidade no temor do Senhor (2Co 7.1); crescer na graça todos os dias (1Pe 2.2; 2Pe 3.18); renovar o homem interior dia a dia (2Co 4.16). Isso não pode ser feito sem a mortificação diária do pecado, pois ele exerce seu poder contra todos os atos de santidade e contra todo nível de crescimento espiritual que atingimos. Ninguém pense que está fazendo algum progresso na santidade se não pisotear as concupiscências do pecado. Quem não o matar dessa forma, não fará progressos em sua jornada

cristã. Quem não tem consciência da oposição do pecado, não se dedica a mortificá-lo; acaba fazendo as pazes com ele e não morre para o pecado.

Esse, pois, é o primeiro princípio geral do argumento a seguir. A despeito da mortificação meritória, se posso assim falar, de todo e qualquer pecado na cruz de Cristo, a despeito do alicerce sólido da mortificação total estabelecido em nossa conversão mediante a convicção do pecado, a humilhação do pecado e a implantação de um novo princípio oposto ao pecado e que o destrói, ainda assim o pecado permanece agindo e operando nos cristãos mais dedicados, enquanto viverem neste mundo, de modo que lhes cabe mortificá-lo constantemente, durante todos os dias de sua vida.

Antes de considerar o próximo princípio, preciso falar com tristeza de muitos cristãos professos de nossos dias que, em vez de produzir os frutos agradáveis e evidentes que se esperam de sua parte, sequer produzem folhas. Uma forte luz, de fato, resplandeceu sobre os indivíduos desta geração, e com ela muitos dons espirituais foram transmitidos. Esses e outros fatores ampliaram maravilhosamente a quantidade de cristãos professos e de profissões de fé. Dessa forma, ouve-se falar de religião e de deveres religiosos por toda parte: pregações em quantidade, não de modo vazio, leviano

e trivial como acontecia antes, mas na boa proporção do dom espiritual; de modo que, se se quiser medir o número de cristãos por vidas vindo à luz, dons e profissões de fé, a igreja pode ter motivo para dizer: "Quem me deu à luz todos estes?".

No entanto, ao observar nesses indivíduos a grande graça característica dos cristãos, talvez não sejam encontrados números tão grandes assim. Onde está o cristão professo, que deve sua conversão a esses dias de luz e que fala e professa um padrão de espiritualidade que poucos, no passado, conheciam (não quero julgá-los), talvez vangloriando-se daquilo que o Senhor nele fez , e que dá provas de um coração miseravelmente mortificado? Se desperdício de tempo, negligência, falta do que fazer, inveja, ira, discórdia, dissimulações, facções, dissensões, soberba, mundanismo, egoísmo fossem características cristãs, nós as teríamos de sobra entre nós. E se é assim com aqueles que têm tanta iluminação, supostamente salvadora, que diremos de alguns que gostariam de ser chamados de evangélicos, mas que desprezam a instrução do evangelho? Quanto ao dever que examinamos, nada mais sabem sobre ele do que o fato de as pessoas, às vezes, negarem a si mesmas algum prazer externo — o que é apenas uma ramificação remota da mortificação —, negação que, ainda assim, praticam raras vezes. Que

o bom Senhor envie o espírito de mortificação para curar nossa indisposição, caso contrário ficaremos em situação lastimável.

Existem dois males que certamente acompanham todo cristão professo, mas não mortificado: o primeiro relaciona-se com ele mesmo, e o outro diz respeito às outras pessoas.

1) Em relação a si mesmo. O cristão pode fingir quanto quiser e não levar a sério o pecado, pelo menos não os pecados que o enfraquecem diariamente. A raiz de uma vida não mortificada é a assimilação do pecado sem senti-lo amargo no coração. Quando alguém ajustou a imaginação para uma espécie de apreensão da graça e da misericórdia que o torna capaz de engolir e de ingerir pecados diários sem sentir amargura, chegou à beira do abismo de transformar a graça de Deus em lascívia e de ser endurecido pela engenhosidade do pecado. Além disso, não existe no mundo inteiro maior prova de coração falso e impuro do que imaginar semelhante coisa. Usar, como desculpa para tolerar o pecado, o sangue de Cristo, dado para nos purificar (1Jo 1.7; Tt 2.14); a exaltação de Cristo, que visa a levar-nos ao arrependimento (At 5.31); a doutrina da graça, que nos ensina a negar toda a impiedade (Tt 1.11,12), é rebelião que nos esmagará os ossos.

Por essa porta tem saído a maioria dos cristãos professos que cometeram apostasia nos dias em que vivemos. Durante algum tempo, a maioria deles tinha convicções que os levavam a cumprir seus deveres e a fazer a profissão de fé. Assim, "tendo escapado das contaminações do mundo por meio do conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo" (2Pe 2.20), mas após algum contato com a doutrina do evangelho e cansados de cumprir deveres para os quais não possuíam princípio algum, começaram, a partir da doutrina da graça, a permitir-se numerosas negligências. Uma vez que esse mal tomou posse deles, rapidamente caíram na perdição.

2) Em relação às outras pessoas, há a influência maligna que opera de duas maneiras:

a) Ficam endurecidas, tendo a convicção de que estão em condições tão boas quanto a dos melhores cristãos professos. Seu modo de ver as coisas é tão maculado pela falta da mortificação do pecado que o que fazem não tem valor algum. Têm zelo pelo evangelho, mas acompanhado de falta de tolerância e de retidão global. Negam a prodigalidade, mas de modo mundano; separam-se do mundo, mas vivem totalmente para si mesmas e não têm cuidado de exercer

o amor benigno na terra. Ou são espirituais no diálogo e vivem de maneira vã: mencionam a comunhão com Deus e se amoldam de todas as maneiras ao mundo; vangloriam-se do perdão do pecado e nunca perdoam o próximo. Assim, com considerações como essas, essas pobres criaturas endurecem seu coração não regenerado.

b) Enganam-se a si mesmas e chegam a acreditar que, se conseguem parecer estar vivendo à altura de sua suposta condição, tudo vai bem com elas. Assim se torna bem corriqueira a grande tentação de atribuir todas as lutas da vida à religião; mesmo quando vão muito além das exigências da fé, segundo lhes parece, ainda ficam muito aquém da vida eterna. Mas dessas coisas e de todos os males do viver sem mortificação trataremos depois.

3

O ***segundo princípio geral*** *dos meios da mortificação é apresentado para confirmação. O Espírito é o único autor dessa obra. Desmascarada como vã a mortificação papista. Muitos meios usados pelos católicos romanos não são ordenados por Deus. Os que são ordenados por Deus são deturpados. Os erros de outros nesse assunto. O Espírito é prometido aos cristãos para essa obra (Ez 11.19; 36.26). Tudo quanto recebemos da parte de Cristo é mediante o Espírito. Como o Espírito mortifica o pecado (Gl 5.19-23). Os vários meios de sua operação com esse propósito. Em que medida é obra do Espírito e nosso dever também?*

O princípio seguinte relaciona-se com a grande causa soberana da mortificação do pecado, a qual, nas palavras escolhidas como alicerce desse argumento, é declaradamente o Espírito, o próprio Espírito Santo, como se demonstrou.

Somente ele é suficiente para essa obra. Sem ele, todos os meios e métodos não valem nada; ele é seu

grande motor eficaz; ele "opera em nós conforme lhe convém".

1) Em vão os homens procuram outros remédios; não serão curados por qualquer deles. Já se sabe que vários meios foram prescritos para a mortificação do pecado. A maior parte da religião católica romana, daquilo que é professado como religião pelos católicos, consiste em métodos e meios equivocados de mortificação. É sua aparência de "trajes simples" que é enganosa. Seus votos, ordens, jejuns, penitências são edificados sobre o alicerce da mortificação do pecado. Suas pregações, sermões e livros devocionais vêem tudo sob esse prisma. Os que interpretam os "gafanhotos" que surgiram do "poço do abismo" (Ap 9.2) como frades da igreja romana, que, segundo dizem, atormentam os homens de tal forma que "procurarão a morte, mas não a encontrarão" (v. 6), acham que esses frades fazem isso mediante seus sermões, verdadeiras ferroadas pelas quais convencem os ouvintes do pecado. Não conseguindo, porém, descobrir o remédio para a cura e para a mortificação do pecado, os frades mantêm os ouvintes em angústia e terror perpétuos, em tal aflição de consciência que estes "desejam morrer". Essa, digo, é a substância e a glória de sua religião. Mas o que conseguem com o esforço de mortificar criaturas mortas, ignorantes da natureza e da finalidade da obra,

com o veneno que nela misturam, na convicção de seu mérito, é realmente pretensioso, um mérito desnecessário, de título orgulhoso e bárbaro; sua glória é sua vergonha. Mas trataremos mais deles e de sua mortificação no capítulo 8.

Que os meios e os métodos de mortificação do pecado, inventados por eles, ainda são receitados insistentemente a pessoas que deveriam ter mais iluminação e conhecimento do evangelho é bem sabido. Algumas orientações nesse sentido foram recentemente oferecidas por alguns que se dizem protestantes, mas que teriam sido verdadeiros católicos devotos há cerca de três ou quatro séculos, e muitos as absorvem avidamente. Esses esforços exteriores, exercícios do corpo, realizações do próprio eu, deveres meramente legalistas, sem a mínima alusão a Cristo ou a seu Espírito, são envernizados com palavras pomposas de vaidade como os únicos meios e expedientes para a mortificação do pecado e revelam o desconhecimento profundamente arraigado do poder de Deus e do mistério do evangelho. Considerar essa condição foi um dos motivos para a publicação destas argumentações.

Dentre os motivos por que os católicos romanos nunca poderão, com todos os seus esforços, mortificar realmente nem um pecado sequer estão os fatos de que (em meio a tantos outros):

a) Muitos meios e métodos que empregam com insistência para esse fim nunca foram determinados por Deus para esse propósito. Nada existe na religião que tenha eficácia alguma para cumprir um propósito sem ter sido determinado por Deus para essa finalidade. A respeito de tudo isso, de suas roupas de pano de saco, de seus votos, de suas penitências, de suas disciplinas, de seu sistema de vida monástica e de coisas assim, Deus dirá: "Quem exigiu isso da sua parte?" e "Em vão me adoram ensinando por doutrinas as tradições dos homens". Da mesma natureza são os vários vexames impostos pela insistência de outros.

b) Como os meios determinados por Deus, tais como orar, jejuar, vigiar, meditar e coisas semelhantes, não são usados pelos papistas no devido lugar e ordem, esses hábitos são considerados por eles como negócios. Enquanto deveriam ser considerados correnteza, os romanistas os consideram fonte. Esses meios efetuam e cumprem sua finalidade apenas subordinados ao Espírito e à fé, ao passo que os católicos romanos esperam que essa finalidade se realize em virtude da obra que fizeram. Se jejuarem e orarem tanto e observarem suas horas e períodos de oração, a obra

será feita. Como disse o apóstolo a respeito de alguns, em outro caso, "estão sempre aprendendo, jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade"; portanto, sempre se mortificam, mas nunca chegam a qualquer mortificação consistente. Em resumo, têm vários meios de mortificar o homem natural quanto à vida natural que aqui vivemos, mas nenhum meio de mortificar a concupiscência ou a corrupção.

Esse erro dos que desconhecem o evangelho, no tocante a esse assunto, é comum. Tal ignorância está por trás de boa parte da superstição e da adoração à própria vontade introduzida no mundo. Que autoflagelações horríveis eram praticadas por alguns fundadores da devoção monástica! Que violência praticavam contra a natureza! A que extremismos de sofrimento se submeteram! Quem examina seus métodos e princípios a fundo, descobre que não tinham outra raiz senão este engano: na tentativa de fazer rígida mortificação do pecado, atacavam o homem natural em vez de o velho homem corrupto; atacavam o corpo em que habitamos, em vez de o corpo da morte.

Nem o catolicismo romano natural que existe em outras pessoas surtirá efeito. Os seres humanos ficam amargurados com a culpa de um pecado que prevaleceu sobre eles. De imediato, prometem a si mesmos e a

Deus que não mais pecarão, velam por si mesmos e oram durante algum período, até esse calor esfriar e a consciência do pecado esvair-se; desse modo, a mortificação desaparece também, e o pecado volta a seu domínio anterior. Os deveres são alimento excelente para uma alma sadia, porém não servem de remédio para a alma enferma. Quem transforma seu alimento em remédio, não deve esperar grande resultado. Indivíduos espiritualmente enfermos não podem livrar-se de sua indisposição mediante o suor de seu trabalho. Mas é isso o que tentam fazer os que enganam a própria alma, conforme veremos adiante.

Fica evidente, pela natureza da obra a ser feita, que nenhum desses meios é suficiente. Essa é uma obra que exige tantas atuações concorrentes que nenhum esforço individual é capaz de alcançar, e é de tal ordem que pressupõe energia sobrenatural para sua realização, conforme será ressaltado a seguir.

2) É, portanto, obra do Espírito, porque:

a) Deus prometeu que nos daria o Espírito para realizar essa obra. A remoção do coração de pedra, ou seja, do coração obstinado, soberbo, rebelde e incrédulo, é, em termos gerais, a obra da mortificação de que tratamos. Ela continua sendo prometida mediante a operação do Espí-

rito: "... porei um espírito novo em vocês; tirarei de vocês o coração de pedra..." (Ez 11.19; 36.26); e é pelo Espírito de Deus que essa obra é realizada, quando fracassam todos os outros meios (Is 57.17,18).

b) Recebemos a mortificação completa como dádiva de Cristo, e todas as dádivas de Cristo nos são transferidas e dadas pelo Espírito de Cristo. Sem Cristo, nada podemos fazer (Jo 15.5). Toda provisão e assistência na atuação de qualquer graça proveniente dele são mediante o Espírito, e é somente mediante o Espírito que Cristo opera nos cristãos e em cada um deles. É dele que recebemos a mortificação. "Deus o exaltou, colocando-o à sua direita como Príncipe e Salvador, para dar a Israel arrependimento e perdão..." (At 5.31); quanto ao arrependimento, a mortificação constitui boa parte dele. Como Cristo realiza essa obra? Tendo recebido a promessa do Espírito Santo, ele o envia com esse propósito (At 2.33). Conhecemos as múltiplas promessas que Cristo fez a respeito do Espírito, conforme diz Tertuliano, para cumprir as obras que deveria realizar em nós.

Responder a uma ou duas perguntas agora me levará para mais perto de minha intenção principal.

A primeira é:

Pergunta: Como o Espírito mortifica o pecado?
Resposta: De três modos, geralmente.

1) Ao levar nosso coração a transbordar na graça e nos frutos contrários à carne e a seus frutos, e aos princípios por detrás desses frutos. Dessa forma, o apóstolo faz o contraste entre as obras da carne e o fruto do Espírito: as obras da carne, diz ele, são tais e tais (Gl 5.19,20); mas, prossegue, o fruto do Espírito é bem diferente, de tipo totalmente contrário (v. 22,23). Sim, mas se esse fruto está em nós e transborda, as obras da carne não podem transbordar também? Não, diz ele: "Os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos" (v. 24), ou seja, mediante o derramar dessa graça do Espírito dentro de nós e mediante nosso viver à altura dela (v. 25). Pois, conforme diz o apóstolo, "eles estão em conflito um com o outro" (v. 17), de modo que ambos não podem lidar no mesmo nível, intenso e alto. A renovação mediante o Espírito Santo, conforme é chamada (Tt 3.5), é um dos melhores meios de mortificação: o Espírito nos faz crescer, prosperar, florescer e transbordar na graça que, sendo contrária a todas as obras da carne, não só as destrói como também acaba com a presença silenciosa e crescente do pecado que em nós habita.

2) Com eficácia real e física contra a raiz e o hábito do pecado, visando a seu enfraquecimento, destruição e remoção. Daí ser chamado de "espírito de julgamento [...] e de fogo" (Is 4.4), consumindo e destruindo de fato nossas concupiscências. Remove o coração de pedra com eficácia poderosa, pois, quando inicia obra desse tipo, dá-lhe seqüência em grau cada vez maior. Esse é o fogo que consome a própria raiz da concupiscência.

3) Introduz a cruz de Cristo no coração do pecador mediante a fé e oferece comunhão com Cristo em sua morte, bem como comunhão em seus sofrimentos. A maneira de ocorrer isso veremos posteriormente.

A segunda é:

Pergunta: Se essa é obra exclusivamente do Espírito, como somos exortados a realizá-la? Já que somente o Espírito de Deus pode realizá-la, que a obra seja confiada totalmente a ele.

Resposta: 1. A obra do Espírito não é diferente de toda graça e boa obra que, estando em nós, também são dele. Ele efetua em nós "tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele" (Fp 2.13); "... tudo o que alcançamos, fizeste-o para nós" (Is 26.12); "... faça dignos da vocação e, com poder..." (2Ts 1.11;

Cl 2.12). Ele nos leva a orar em "um espírito de ação de graças e de súplicas" (Rm 8.26; Zc 12.10). Mesmo assim, somos e devemos ser exortados a todas essas coisas.

Resposta: 2. Ele não opera em nós nossa mortificação, caso ela não seja um ato de obediência. O Espírito Santo opera em nós e sobre nós à medida que estejamos em condições de receber essa operação, conservando nossa liberdade e livre obediência. Opera sobre nosso entendimento, nossa vontade, consciência e emoções em harmonia com a própria natureza destes: opera em nós e conosco, não contra nós ou sem nós, pois a assistência do Espírito é um estímulo para facilitar a obra, e não uma desculpa para negligenciá-la. Lamento realmente a labuta tola e interminável de almas infelizes que, convictas do pecado e sem resistir ao poder de suas convicções, empreendem, por incontáveis e espantosos meios e deveres, a tarefa de manter dominado o pecado. Por não terem o Espírito de Deus, porém, é tudo em vão. Lutam sem vitória, guerreiam sem paz e permanecem na escravidão por todos os seus dias. Gastam suas forças naquilo que não é pão, e seu trabalho, naquilo que não pode satisfazer.

Essa é a guerra mais triste travada por qualquer pobre criatura. A alma sob o poder da convicção da lei é alistada para lutar contra o pecado, mas não tem

forças para o combate. Não pode recusar-se a lutar, mas jamais conseguirá vencer. É como os homens jogados contra as espadas dos inimigos para ser trucidados. A lei os força a avançar, mas o pecado os rechaça. Às vezes, pensam que realmente afastaram o pecado, quando, na realidade, somente levantaram poeira e, por isso, não o vêem. Ou seja, distorcem suas emoções naturais de medo, tristeza e angústia que os levam a crer que o pecado é vencido, mas, na realidade, nem sequer foi tocado. Quando sentem refrigério, devem voltar à frente da batalha; e a concupiscência que pensaram estar morta parece não ter sofrido a mínima ferida.

Se a história é bem triste para os que labutam, esforçam-se e, ainda assim, não entram no reino, quanto pior será a condição dos que desconsideram a questão, perpetuamente sob o poder e o domínio do pecado, muito satisfeitos nessa condição. Não se preocupam com nada a não ser conseguir dar provisão suficiente à carne, para satisfazer-lhe as concupiscências.

4

O último princípio: *da utilidade da mortificação. O vigor e o conforto de nossa vida espiritual dependem de nossa mortificação. Como? Não de modo absoluto e necessário. A condição de Hemã (Sl 88). Não como a causa próxima e imediata. Como meio, mediante a remoção do contrário. Os efeitos desesperados da concupiscência não mortificada; ela enfraquece a alma de várias maneiras (Sl 88.3,8) e a obscurece. A graça é mais bem aproveitada mediante a mortificação do pecado. A melhor evidência da sinceridade.*

O último princípio em que vou insistir, omitindo a necessidade de mortificação para a vida e a certeza da vida por meio da mortificação, é que a vitalidade, o vigor e o conforto de nossa vida espiritual dependem muito da mortificação do pecado.

Força, consolo, poder e paz em nosso andar com Deus é o que desejamos. Se alguém nos perguntasse com seriedade o que é que nos perturba, teríamos de relacionar tudo a uma dessas palavras. Ou queremos força, poder, vigor e vitalidade, em nossa obediência e

em nosso andar com Deus, ou queremos paz, conforto e consolação nesse andar. Tudo quanto acontecer a um cristão, mas que não se enquadrar em uma dessas categorias, não merece ser mencionado nas lamentações de nossos dias. Todas essas coisas podem melhorar muito com um sistema constante de mortificação, a respeito do qual se deve observar:

1) Não digo que procedam desse sistema, como se estivessem necessariamente vinculados a ele. Há quem vivencie um sistema constante de mortificação durante toda a vida sem nunca desfrutar um só dia agradável de paz e de consolo. Isso aconteceu com Hemã (Sl 88). Sua vida era de constante mortificação e andar com Deus; entretanto, terrores e feridas foram sua porção durante toda a vida. Mas Deus escolhera Hemã, seu amigo especial, para fazer dele um exemplo aos que posteriormente sofressem aflições. Você poderia queixar-se, se lhe ocorresse o mesmo que com Hemã, aquele servo eminente de Deus? Esse será o louvor dele até o fim do mundo. Deus tem como sua prerrogativa falar de paz e de consolação (Is 57.18,19). Deus diz que ele fará essa obra, ele o consolará (v. 18). Mas como? Mediante a obra imediata da nova criação: "Eu a crio", diz Deus. O emprego dos meios para obtenção da paz pertence a nós; outorgar a paz é prerrogativa de Deus.

2) Com relação aos meios instituídos por Deus para nos dar vida, vigor, coragem e consolação, a mortificação não é uma de suas causas imediatas. É o privilégio da adoção revelada à nossa alma que imediatamente nos dá essas bênçãos. O Espírito "testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus"; ele nos dá "um nome novo" e "uma pedra branca", a adoção e a justificação, isto é, sua consciência e seu conhecimento. Essas são as causas imediatas, mediante a operação do Espírito. Mas:

3) Em nosso andar diário com Deus e no decurso de seu modo usual de lidar conosco, o vigor e o conforto da vida espiritual dependem muito de nossa mortificação, não somente como requisito indispensável, mas também como algo que tem influência eficaz.

a) Pois é somente ela que impede o pecado de nos privar do relacionamento com Deus. Todo pecado não mortificado certamente fará duas coisas: primeiro, enfraquecerá a alma e a privará de seu vigor; em segundo lugar, obscurecerá a alma e a privará de seu conforto e de sua paz.

[a] Enfraquece a alma e a priva de sua força. Quando Davi, durante algum tempo, acalentou concupiscência não mortificada em sua alma, ela

lhe quebrou todos os ossos e o deixou sem forças espirituais; por isso, se queixava de estar enfermo, fraco, ferido, desmaiado. Dizia: "... todo o meu corpo está doente; não há saúde nos meus ossos..." (Sl 38.3); "Sinto-me muito fraco e totalmente esmagado..." (v. 8); "... já não consigo ver..." (Sl 40.12). A concupiscência não mortificada devora o espírito e todo o vigor da alma e a enfraquece para todos os deveres.

Isso porque, em primeiro lugar, o pecado não mortificado põe o próprio coração fora de sintonia e de disposição, confundindo as emoções. Desvia o coração da disposição espiritual necessária para a comunhão vigorosa com Deus. Toma posse de suas emoções e se torna seu objeto amado e desejável, expulsando o amor do Pai (1Jo 2.15; 3.17). Portanto, a alma não poderá dizer a Deus de modo reto e verdadeiro: "Tu és a minha porção", pois se apega a outra coisa a que ama mais. O temor reverente, o desejo e a esperança, as melhores disposições da alma, a qual deveria estar repleta de Deus, ficam de alguma forma emaranhados com o pecado não mortificado.

Além disso, esse pecado enche os pensamentos de concupiscências. Os pensamentos são os

grandes fornecedores da alma, fazendo provisão para satisfazer-lhe as afeições. Se o pecado permanecer não mortificado no coração, os pensamentos a cada momento sustentam a carne, visando a satisfazer suas concupiscências. Precisam lustrar, adornar e vestir os objetos da carne e trazê-los para casa, para que dêem satisfação. Isso conseguem fazer a mando de uma imaginação mais corrompida do que se pode expressar.

O pecado não mortificado também irrompe contra o dever e o prejudica. O indivíduo ambicioso está sempre se preparando; o mundano, sempre trabalhando ou planejando; e a pessoa sensual e fútil preocupa-se em satisfazer suas vaidades, ao passo que todos deveriam estar ocupados com a adoração a Deus.

Se meu propósito atual fosse desmascarar os rompimentos, a ruína, a fraqueza e a desolação que uma só concupiscência não mortificada traz sobre a alma, o presente argumento teria de estender-se para muito além de minha intenção.

[b] Assim como enfraquece a alma, o pecado também a obscurece. É uma nuvem espessa que se espalha sobre sua superfície e intercepta todos os raios do amor e favor de Deus. Remove toda

a consciência do privilégio de nossa adoção. Quando a alma começa a reunir alguns pensamentos de consolo, o pecado rapidamente os espalha. Disso falaremos posteriormente.

O vigor e o poder de nossa vida espiritual dependem de nossa mortificação, único meio de remover o que nos impede de ter vigor e poder. Aqueles que estão enfermos e feridos sob a opressão da concupiscência fazem muitos pedidos de socorro. Clamam a Deus quando ficam oprimidos pela perplexidade de seus pensamentos; sim, até a Deus clamam, mas não são libertos; em vão utilizam muitos remédios, não são curados. Oséias diz que, "quando Efraim viu a sua enfermidade, e Judá os seus tumores" (5.13), experimentaram vários remédios, mas nada disso funcionaria, até chegarem a reconhecer sua culpa (v. 15). Os homens podem perceber sua enfermidade e suas feridas, mas, se não aplicarem o remédio correto, não haverá cura.

b) A mortificação faz uma poda da graça de Deus e deixa lugar no coração para ela crescer mais. A vitalidade ou o vigor de nossa vida espiritual consiste no vigor e florescimento das plantas da graça em nosso coração. Como se vê num jar-

dim, é só plantar a muda de uma erva benéfica e deixar de lavrar a terra que ervas daninhas logo crescerão em redor. É possível que a planta boa continue viva, mas será uma plantinha frágil, murcha e inútil. É preciso procurá-la, às vezes sem êxito, mas, quando encontrada, dificilmente é possível identificá-la como a planta procurada. Mesmo que seja, não terá a mínima utilidade para o indivíduo. No entanto, deixe que outra erva preciosa do mesmo tipo seja plantada num terreno, por natureza, tão infértil e ruim quanto o outro, mas que seja limpo de todas as ervas más e daninhas, e a erva vicejará e florescerá. Você vai notá-la quando olhar pela primeira vez para o jardim, e ela estará à sua disposição para ser usada quando quiser. Assim acontece com a graça do Espírito quando plantada em nosso coração. É verdade que continua presente num coração em que a mortificação é parcialmente negligenciada; mas está a ponto de morrer (Ap 3.2), ficando murcha e decadente. O coração é como o campo do preguiçoso, tão coberto de ervas más que dificilmente se consegue ver o trigo bom. Esse indivíduo poderá procurar a fé, o amor e o zelo, mas dificilmente conseguirá achar algum deles. Se

descobrir que essas graças estão ali, vivas e sinceras, mas fracas e entupidas de concupiscências, tornam-se de pouco proveito. De fato, ainda estão ali, mas a ponto de morrer. Deixe que o coração seja purificado pela mortificação, que as ervas da concupiscência sejam constante e diariamente desarraigadas, pois brotam todo dia, já que a natureza é o solo apropriado para elas. Abra-se espaço para a graça vicejar e florescer e se verá cada graça desempenhando seu papel, à disposição para cada uso e propósito!

c) No tocante à nossa paz, assim como não existe nada que ofereça evidência de sinceridade sem a mortificação, assim também não existe nada que tenha tal evidência de sinceridade a não ser a mortificação, o que não deixa de ser um alicerce firme para nossa paz. A mortificação é a oposição vigorosa da alma ao próprio eu, o que torna a sinceridade mais evidente.

5

Proposta a intenção principal *do argumento inteiro. Declarado o primeiro caso principal da consciência. O que é mortificar um pecado de modo negativo. Não há destruição definitiva do pecado nesta vida. Não há dissimulação. Não há melhoria de princípio natural algum. Não há o desvio dele. Não há conquista eventual alguma. Vitórias ocasionais sobre o pecado, o que e quando. Quando o pecado irrompe em tempos de perigo ou aflição.*

Apresentadas essas premissas, chego à minha intenção principal: lidar com algumas questões ou casos práticos que se apresentam na mortificação do pecado nos cristãos. A primeira questão, que é a soma de todas as demais e dentro da qual é possível enquadrar todas elas, pode ser considerada dentro da proposição seguinte.

Suponhamos que certo indivíduo seja um cristão verdadeiro, mas descubra dentro de si um pecado poderoso, que o faz cativo de sua lei, consumindo-lhe o coração com problemas e deixando-lhe perplexo o pensamento, e a alma enfraquecida para os deveres da

comunhão com Deus, inquietando-o, talvez maculando-lhe a consciência e deixando-o exposto ao endurecimento pelo engano do pecado. O que fará? Que caminho deve adotar e nele insistir para a mortificação desse pecado, dessa concupiscência, indisposição ou corrupção, a ponto de, em sua luta contra essa transgressão, mesmo sem conseguir destruí-la totalmente, ser capaz de manter o poder, a força e a paz, em comunhão com Deus?

Como resposta a essa pergunta importante, seguirei alguns passos. Primeiro, mostrarei o que é mortificar um pecado, tanto de modo negativo quanto positivo, para que não nos enganemos em relação ao alicerce. Segundo, oferecerei orientação geral no tocante às condições sem as quais é totalmente impossível alguém mortificar verdadeira e espiritualmente um pecado. Terceiro, explicarei os pormenores de como se faz isso, levando em conta que não estou tratando da doutrina da mortificação de modo geral, mas somente de uma referência ao caso específico proposto anteriormente.

Primeiro: Mostrar o que é mortificar um pecado.

1) Mortificar um pecado não é matá-lo totalmente nem desarraigá-lo e destruí-lo, de modo que não tenha mais domínio sobre nós nem morada em nosso coração. É verdade que o alvo é esse, mas não será

alcançado nesta vida. Não existe ninguém que se empenhe realmente em mortificar um pecado que não tenha como alvo, intenção e desejo a total destruição dele, de modo que não deixe nem raiz nem fruto no coração e na vida. Esse indivíduo deseja matar o pecado de tal maneira que nunca mais fizesse o mínimo movimento ou gesto nem clamasse, nem chamasse, nem seduzisse, nem tentasse, para sempre. O alvo é que o pecado não exista mais. Embora seja possível, mediante o Espírito e a graça de Cristo, alcançar sucesso e conquistas maravilhosos contra o pecado, de modo que o indivíduo tenha triunfo quase constante sobre ele, não se deve esperar matá-lo ou destruí-lo totalmente nesta vida, a ponto de ele não mais existir. Paulo nos dá certeza disso: "Não que eu já tenha obtido tudo isso ou tenha sido aperfeiçoado..." (Fp 3.12). O apóstolo era um santo escolhido, um modelo para os cristãos, alguém sem igual neste mundo, e por essa razão atribui perfeição a si mesmo em comparação com outras pessoas (v. 15). Mesmo assim, não alcançara o alvo; não era perfeito, mas estava no caminho. Ainda tinha um corpo vil, como também nós temos, o qual deverá no final ser transformado pelo poder de Cristo (v. 21). Nós também sofreremos essa transformação, mas para Deus é melhor que em nada estejamos completos em nós mesmos, a fim de que, em todas as coi-

sas, sejamos completos em Cristo, que é o melhor para nós (Cl 2.10).

2) Creio que nem preciso acrescentar que a mortificação não é a dissimulação do pecado. Quando um indivíduo, por alguns aspectos externos, deixa de lado a prática de algum pecado, as pessoas talvez o considerem transformado. Deus sabe que ele acrescentou à sua iniqüidade anterior a hipocrisia maldita e que entrou num caminho mais certo para o inferno do que aquele em que antes trilhava. Conseguiu um coração diferente do que tinha, mais astuto, mas não um coração novo, mais santo.

3) A mortificação do pecado não consiste no aperfeiçoamento de uma natureza quieta e sóbria. Alguns têm essa vantagem por sua constituição natural, a ponto de não estarem expostos às paixões ingovernáveis e às emoções tumultuosas que outras pessoas sentem. Basta a esses homens cultivar e melhorar sua tendência e temperamento naturais por meio da disciplina, da consideração e da prudência, e conseguem dar a si mesmos e aos outros a impressão de serem indivíduos muito mortificados, quando o coração deles talvez seja um esgoto fétido de todas as abominações. É possível que determinado indivíduo nunca se perturbe tanto com a

ira e a paixão durante a vida inteira (nem perturbe os outros com isso) quanto outro que se perturba quase todos os dias; é possível que este último tenha feito mais em favor da mortificação do pecado do que o primeiro. Que esses homens não procurem avaliar sua mortificação pelas coisas às quais seu temperamento natural não empresta vida nem vigor; que se apliquem aos assuntos do desinteresse, da incredulidade, da inveja ou de algum pecado espiritual similar, e compreenderão melhor a si mesmos.

4) O pecado não é mortificado quando apenas o afastamos. Simão, o mago, deixou a feitiçaria por algum tempo, mas a concupiscência e a ambição que o levavam a praticar essa obra ainda permaneceram e passaram a agir de outra maneira. Por isso, Pedro lhe diz: "... vejo que você está cheio de amargura e preso pelo pecado" (At 8.23). A despeito de sua profissão de fé, de ter deixado a feitiçaria, sua concupiscência ainda é poderosa dentro dele; é a mesma concupiscência, mas sua correnteza foi desviada. Agora opera e se apresenta de outra maneira, mas continua sendo a velha plenitude da amargura.

O indivíduo pode ter consciência da concupiscência, colocar-se contra suas manifestações, tomar cuidado para ela não voltar a surgir da mesma forma, mas

ao mesmo tempo pode deixar o velho hábito corrompido expressar-se de outra maneira. Como aquele que cura e raspa uma ferida aberta e se considera curado, mas nesse ínterim sua carne infecciona por causa da putrefação da mesma purulência, e a ferida aparece em outro lugar. Esse desvio, com as alterações que o acompanham, em geral ocorre por meios totalmente estranhos à graça. Uma mudança no decurso da vida do indivíduo, em seus relacionamentos, interesses, intenções, pode produzir esse desvio. Sim, as próprias alterações na constituição do indivíduo, ocasionadas por um progresso natural em sua vida, podem produzir mudanças como essas. Os homens de mais idade normalmente não persistem na busca das concupiscências de jovens, embora nunca tenham mortificado qualquer delas. O mesmo acontece na troca de concupiscências, ao deixar uma para servir a outra. Aquele que troca a soberba pelo mundanismo, a sensualidade pelo farisaísmo, a vaidade pelo desprezo do próximo, não pense que mortificou e abandonou o pecado. Mudou de dono, mas continua escravo.

5) Vitórias ocasionais sobre o pecado não equivalem a mortificá-lo. Existem duas ocasiões, ou épocas, nas quais o indivíduo em luta contra qualquer pecado pode imaginar que o mortificou:

a) Quando o pecado surge de modo lastimável, a ponto da perturbar-lhe a paz, aterrorizando a consciência, causando medo, escândalo, tornando-se evidente provocação a Deus. Isso desperta e remexe tudo o que há no indivíduo, deixa-o atônito, enche-o de ódio pelo pecado e por si mesmo por tê-lo cometido, leva-o a recorrer a Deus, a clamar por vida, odiando seu pecado como ao inferno e colocando-se contra ele. O ser humano inteiro, espiritual e natural, desperta, o pecado se recolhe, não surge mais, mas reaparece como um fantasma diante dele. É como o caso de alguém que se aproxima, à noite, de um exército e mata uma pessoa importante: de imediato, os guardas acordam, os soldados levantam-se e procuram diligentemente o inimigo, que, nesse meio tempo, se esconde ou finge estar morto, até passar o barulho e o tumulto, mas resolve com firmeza que fará outros danos iguais na próxima oportunidade. No caso do pecado entre os coríntios, note como se reuniram como um exército para surpreendê-lo e destruí-lo (2Co 7.11). Assim acontece com um indivíduo quando a concupiscência viola sua consciência tranqüila, talvez confiante, e consegue alguma explosão de pecado real: dedica-

ção, indignação, ansiedade, temor, desejo de ver a justiça feita, tudo isso é direcionado contra o pecado, e a concupiscência aquieta-se por um tempo, ocultando-se, mas, passada a emergência, acabado o inquérito, o ladrão aparece vivo de novo, tão ativo como sempre em seus crimes.

b) Num período de algum castigo, calamidade ou aflição premente, o coração passa a ocupar-se de pensamentos e de planos para fugir das angústias, dos temores e dos perigos imediatos. Isso, como conclui uma pessoa convicta, ocorrerá somente por meio do abandono do pecado, para então ter paz com Deus. É a ira de Deus envolvida nessas aflições que atormenta a pessoa convicta do pecado. Para livrar-se disso, o ser humano, em ocasiões como essas, adota resoluções contra seus pecados: o pecado nunca mais terá lugar nele, nunca mais se entregará ao serviço do pecado. Assim, o pecado parece silencioso, não se mexe, aparentemente mortificado. Não porque tenha recebido uma ferida sequer, mas simplesmente a alma recuperou suas faculdades, com pensamentos contrários à operação do pecado. Quando esses pensamentos são deixados

de lado, o pecado volta à vida e ao vigor anteriores. Em Salmos 78.32-37, há uma plena exemplificação desse estado de espírito do qual falo:

> A despeito disso tudo, continuaram pecando; não creram nos seus prodígios. Por isso ele encerrou os dias deles como um sopro e os anos dele em repentino pavor. Sempre que Deus os castigava com a morte, eles o buscavam; com fervor se voltavam de novo para ele. Lembravam-se de que Deus era a sua Rocha, de que o Deus Altíssimo era o seu Redentor. Com a boca o adulavam, com a língua o enganavam; o coração deles não era sincero; não foram fiéis à sua aliança.

Não duvido de que, quando buscavam a Deus e se voltavam para ele com fervor, o faziam com pleno propósito de coração, visando a abandonar seus pecados. Isso é revelado pela verbo "voltavam"; voltar ao Senhor ou converter-se a ele é renunciar ao pecado. Buscavam esse objetivo com fervor, sinceridade e diligência; mas, apesar de tudo, seu pecado permanecia sem mortificação (v. 36,37). É o estado de humilhar-se muito em tempos de aflição. E, muitas vezes, no coração dos próprios cristãos existe uma grande fraude.

Há esses e muitos outros meios pelos quais as pobres almas enganam-se e supõem ter mortificado suas concupiscências, quando estão de bem com a vida, saudáveis; porém, a cada momento, a concupiscência vem à tona para maior perturbação e inquietude das almas.

6

Descrição pormenorizada da mortificação do pecado específico. As várias partes e os graus da mortificação. 1) O enfraquecimento habitual de sua raiz e seu princípio. O poder de tentação da concupiscência. Diferenças de grau desse poder em pessoas e ocasiões diversas. 2) A luta constante contra o pecado. Considerando seus aspectos. 3) Sucesso na luta contra o pecado. Resumo do argumento.

Consideraremos, a seguir, o que é mortificar um pecado, de modo geral, para depois passar às orientações específicas.

A mortificação de uma concupiscência consiste em três aspectos.

O ENFRAQUECIMENTO HABITUAL

Toda concupiscência é um hábito, ou disposição, depravado que inclina continuamente o coração para o mal, daí a descrição daquele que não mortificou verdadeiramente concupiscência alguma: "... toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sem-

pre e somente para o mal" (Gn 6.5). Esse indivíduo sempre é dominado pela forte tendência e inclinação ao pecado. A razão é que o homem natural nunca está constantemente correndo atrás de determinada concupiscência, antes tem de servir a muitas delas, cada uma clamando para ser atendida. Daí a ser impulsionado por várias delas, embora de modo geral tenda à satisfação do ego.

Supondo que a concupiscência ou perturbação, cuja mortificação estamos estudando, seja em si mesma uma inclinação e tendência forte, profundamente arraigada e habitual da vontade e das afeições por determinado pecado (do pecado como é, não segundo a forma que a mente considerou), sempre criará imaginações, pensamentos e planos a respeito desse objetivo. Daí se diz que o ser humano dedica o coração ao mal; a este se inclina a tendência de seu espírito, a fim de satisfazer os desejos da carne (Rm 13.4). Um hábito pecaminoso e depravado difere de todos os hábitos naturais ou morais (assim como em muitos outros aspectos). Enquanto estes inclinam a alma suave e apropriadamente para o bem, os hábitos pecaminosos impulsionam com ímpeto e violência. De forma que se diz que as concupiscências "lutam" ou "guerreiam contra a alma" (1Pe 2.11), rebelam-se ou levantam-se em guerra contra a conduta e a oposição que as enfrentam

(Rm 7.23), para "levar prisioneiro" ou efetivamente cativar após o sucesso na batalha, e todas operam com grande violência e impetuosidade.

Eu poderia expressar plenamente, a partir da descrição que temos do pecado (Rm 7), como ele obscurece a mente, apaga as convicções, remove a razão, interrompe o poder e influencia quaisquer considerações que surjam para obstruí-lo e, assim, irrompe em chamas, apesar de tudo. Mas esse não é o tema do presente estudo. O primeiro passo na mortificação é o enfraquecimento desse hábito de pecado ou concupiscência, evitando que ele, com tamanha violência, gravidade e freqüência, surja, conceba, tumultue, provoque, seduza, inquiete, conforme tende naturalmente a fazer (Tg 1.14,15).

De passagem, desejo propor um cuidado ou regra, que explico a seguir. Embora toda concupiscência, pela própria natureza, incline para o pecado, impulsionando-o, esse fato deve ser reconhecido com duas limitações.

A primeira é que certa concupiscência, ou um indivíduo com determinada concupiscência, pode, pelas circunstâncias, receber impulsos e reforços que lhe dêem muito mais vida, poder e vigor do que outra concupiscência de mesmo tipo e natureza daria a outro indivíduo. Quando uma concupiscência coincide com

a personalidade e o temperamento, com o tipo de vida apropriado, com ocasiões propícias, ou quando Satanás conseguiu uma alavanca apropriada para aplicá-la — e ele tem mil modos de fazer isso —, ela se torna violenta e impetuosa acima de todas as demais ou mais do que a mesma concupiscência em outro indivíduo. Desse modo, suas correntezas obscurecem a mente de tal maneira que, embora o ser humano se lembre de coisas boas do passado, estas não terão poder nem influência sobre a vontade, que só liberará emoções e paixões corruptas.

A concupiscência é fortalecida principalmente pela tentação: quando a tentação certa coincide com a concupiscência, concede-lhe nova vida, vigor, poder, violência e ira, que antes parecia não possuir nem ter capacidade de praticar. Disso temos vários exemplos, mas evidenciar essa observação fará parte de outra discussão.

A segunda é que algumas concupiscências são muito mais perceptíveis e discerníveis em sua atuação violenta do que outras. "Fujam da imoralidade sexual. Todos os outros pecados que alguém comete, fora do corpo os comete; mas quem peca sexualmente, peca contra o seu próprio corpo" (1Co 6.18). Daí a atuação desse pecado ser mais perceptível e discernível do que a dos demais. O amor ao mundo, ou coisa semelhante,

normalmente não é menos predominante numa pessoa do que esse pecado, contudo não causa tão grande combustão no indivíduo inteiro.

Desse modo, alguns se podem passar, no próprio conceito e aos olhos do mundo, por indivíduos mortificados, apesar de neles não predominar de foma menor a concupiscência do que nos que clamam atônitos por causa de conflitos que os deixam perturbados e nos que, pelo poder da concupiscência, precipitaram-se a pecados escandalosos. A concupiscência deles implica ações que não provocam tumulto na alma, e a respeito delas se preocupam com mais calma, pois, no caso deles, o próprio íntimo de sua natureza não é tão fortemente atacado como seria o de outra pessoa.

Eu diria, portanto, que a primeira necessidade da mortificação é enfraquecer esse hábito, de modo que não impulsione nem tumultue como antes, não seduza nem desvie, não deixe o indivíduo inquieto nem perplexo. É extinguir-lhe a vida, o vigor, a prontidão e a disposição de se mexer. Trata-se de crucificar a carne, "com as suas paixões e os seus desejos" (Gl 5.24). Significa remover seu sangue e o ânimo que lhe dão força e vigor, desgastar o corpo mortal dia após dia (2Co 4.16). Assim como um homem pregado na cruz inicialmente se debate e se esforça, clama com muita força e poder, mas, à medida que o sangue e o ânimo se consomem,

seus esforços vão ficando fracos e raros, seus gritos baixos e roucos, quase inaudíveis, o mesmo também ocorre quando o homem procura lidar, pela primeira vez, com uma concupiscência ou indisposição moral. Esta, luta com muita violência para ter sua liberdade, grita com vigor e impaciência a fim de ser atendida e saciada; mas quando, mediante a mortificação, fica com menos sangue e espírito, age de modo raro e fraco, clama pouco e é dificilmente ouvida no coração: às vezes, pode ter uma angústia mortal que a leva a ter aparência de vigor e de muita força, mas isso passa logo, principalmente se for impedida de ter sucesso.

Isso é apontado pelo apóstolo (Rm 6), especialmente no versículo 6. O pecado, diz ele, é crucificado, é pregado na cruz. Com que finalidade? Para que o corpo do pecado seja destruído, o poder do pecado enfraquecido e abolido pouco a pouco, a fim de que "não mais sejamos escravos do pecado", ou seja, que o pecado não mais nos incline nem impulsione de modo tão eficaz, escravizando-nos, conforme fazia antes. Isso é dito não somente em relação às emoções carnais e sensuais, aos desejos de coisas mundanas ou à concupiscência da carne, à concupiscência dos olhos e à soberba da vida, mas também em relação à carne, que está na mente e na vontade, e à oposição a Deus que temos por natureza. Seja qual for a natureza da in-

disposição que nos perturbe e seja como for sua prática, quer por nos impulsionar para o mal, quer por nos prejudicar na prática do bem, a regra é a mesma. Se isso não for praticado de modo eficaz, todos os esforços posteriores não alcançarão o propósito desejado. O indivíduo pode derrubar os frutos amargos de uma árvore ruim até se esgotarem, mas enquanto a raiz permanecer com força e vigor, derrubar os frutos atuais não a impedirá de produzir mais frutos ruins. Essa é a tolice de alguns. Colocam-se com toda a sinceridade e diligência contra qualquer erupção da concupiscência, deixando, porém, o princípio e a raiz intocados, fazendo pouco ou nenhum progresso nessa obra da mortificação.

EM LUTAS E CONTENDAS CONSTANTES CONTRA O PECADO

Conseguir sempre impor obstáculos ao pecado é um grau considerável de mortificação. Quando o pecado é forte e vigoroso, a alma dificilmente consegue enfrentá-lo. Ela suspira, geme e se lamenta, fica perturbada, conforme diz Davi a seu respeito, mas raramente percebe o pecado. Davi queixa-se: "... minhas culpas me alcançaram e já não consigo ver..." (Sl 40.12). Porque estava tão pouco capacitado para lutar contra elas? Vários fatores são necessários e estão envolvidos na luta contra o pecado.

a) Saber que o indivíduo tem esse inimigo a enfrentar, tomar conhecimento dele, considerá-lo como inimigo de verdade e destruí-lo por todos os meios possíveis. Conforme já disse, a luta é árdua e arriscada: refere-se às coisas da eternidade. Quando os homens têm idéias levianas e passageiras sobre seus desejos, não há sinal de estarem mortificados ou a caminho da mortificação. É necessário que cada um sinta "suas próprias aflições e dores" (1Rs 8.38), sem as quais nenhuma obra pode ser feita. Infelizmente, muitas pessoas têm pouco conhecimento do principal inimigo que carregam por aí em seu íntimo. Por isso, estão prontas a justificar-se e a ter pouca tolerância com a repreensão ou admoestação, por não reconhecerem que estão correndo perigo (2Cr 16.10).

b) O início dessa luta é conhecer os caminhos, as artimanhas, os métodos e os episódios de sucesso do pecado. É assim que os homens lidam com os inimigos. Pesquisam seus planos e desígnios, analisam seus objetivos, consideram como e por quais meios prevaleceram anteriormente, a fim de lhes tomar a dianteira. Nisso consiste a maior

perícia na condução das guerras. Sem essa estratégia, todo esfoço bélico (no qual se faz a maior aplicação da sabedoria e do empenho humanos) seria brutal. Assim também os que lutam contra a concupiscência a mortificam de fato. Não somente quando ela perturba, tenta e seduz, mas também nos momentos de paz, considerando que nossa inimiga continua agindo e avançando sempre, ganhando vantagem e prevalecendo, e assim fará se não for impedida. Por isso, disse Davi: "... meu pecado sempre me persegue" (Sl 51.3). Realmente, uma das partes mais preciosas e eminentes da sabedoria prática e espiritual consiste em descobrir as sutilezas, a política e as profundezas de qualquer pecado que em nós habita. Tomar conhecimento, considerando aquilo em que se acha sua força maior; que vantagem o pecado costuma tirar de oportunidades, ocasiões, tentações; quais são suas petições, seus fingimentos, seus raciocínios, seus estratagemas e suas desculpas; como colocar a sabedoria do Espírito contra a astúcia do velho homem; rastrear essa serpente em todos os seus movimentos contorcidos e tortuosos; conseguir dizer, contra suas atuações mais secretas e imperceptíveis (para o modelo comum

de coração): "Esse é seu modo antigo de agir, seu velho caminho, e sei o que você está pretendendo", e assim ficar sempre em estado de prontidão, essa é boa parte de nossa guerra.

c) Lançar dia a dia sobre o pecado todos os elementos que mencionarei mais adiante, os quais o atingem, destruindo-o e matando-o, é o auge dessa luta. Quem se empenha nesse combate, não pensa que sua concupiscência está morta só porque ficou quieta, mas continua lutando para infligir-lhe novas feridas, novos golpes, todos os dias. Como o fez o apóstolo (Cl 3.5).

   Enquanto a alma estiver nessa condição, com esse comportamento, certamente manterá o domínio, e o pecado estará sob a espada e morrendo.

A MORTIFICAÇÃO CONSISTE EM SUCESSO

O sucesso freqüente contra qualquer concupiscência é outra parte e evidência da mortificação.

Por sucesso, não entendo a mera frustração do pecado, de modo que não seja produzido nem levado a efeito, mas sim a vitória sobre ele e a perseguição dele até o domínio completo. Por exemplo, quando descobrimos o pecado em operação em qualquer momento,

seduzindo, criando imaginações para satisfazer os desejos da carne e para realizar suas concupiscências, o coração captura imediatamente o pecado e o submete à lei de Deus e ao amor de Cristo, condena-o e passa a aplicar-lhe a pena com a máxima severidade.

Digo que, quando um indivíduo atinge esse estado e condição de enfraquecer os desejos carnais na raiz e no princípio, de diminuir-lhe a freqüência dos atos e movimentos, deixando-os mais fracos que antes, a ponto de não mais conseguirem prejudicar seu dever, nem lhe interromper a paz; ao ser capaz de, em sereno e tranqüilo estado de espírito, descobrir o pecado, combatê-lo e prevalecer contra ele, mortificará o pecado consideravelmente e, apesar de toda a oposição, poderá ter paz com Deus durante toda a vida.

Aplico a esses casos, portanto, a mortificação pretendida, ou seja, a qualquer indisposição moral individual perturbadora, por meio da qual a depravação e a corrupção generalizadas de nossa natureza tentam exercer controle e ganhar terreno.

Primeiro, o alicerce da mortificação é o enfraquecimento da disposição interna do pecado para inclinar, seduzir, impelir ao mal, rebelar, opor-se, lutar contra Deus. A mortificação se faz pela implantação, pela habitação e pelo estímulo constantes do princípio da graça, que se opõe diretamente ao pecado e que o

destrói. Dessa forma, mediante a implantação e o crescimento da humildade, o orgulho é enfraquecido; a paixão é vencida pela paciência; a impureza, pela pureza da mente e da consciência; o amor deste mundo, pela consciência do céu. São as graças do Espírito ou sua habitual graça, operando de modos variados por meio do Espírito Santo, segundo a *variedade* ou a diversidade de propósito a que se destinam. Assim também existem, por oposição, diferentes concupiscências ou mesmo a corrupção natural, que atua de várias maneiras, segundo as inúmeras vantagens ou ocasiões que conseguem.

Segundo, a prontidão, a vivacidade e o vigor do Espírito ou do novo homem opõem-se à referida concupiscência, combatendo-a com ânimo, por todos os modos e por todos os meios determinados para isso. Empregar constantemente todas os recursos disponíveis contra seus movimentos e seus atos é a segunda exigência para cumprir essa finalidade.

Terceiro, o sucesso, em vários graus, resultará das duas atitudes acima. E mais, se a indisposição moral não obtiver vantagem invencível sobre a situação natural, talvez implique tamanha conquista geral que a alma praticamente nem sinta mais a oposição do pecado. No *mínimo*, servirá para permitir paz na consciência, segundo o caráter da aliança da graça.

7

Regras gerais *sem as quais nenhuma concupiscência será mortificada. Não há mortificação sem conversão. O perigo de pessoas não regeneradas tentarem a mortificação do pecado. Considerado o dever dos inconversos quanto ao assunto da mortificação. Descoberta, portanto, a inutilidade das tentativas e das regras católicas que visam à mortificação.*

Passamos a considerar os meios que a alma utiliza para a mortificação de qualquer concupiscência ou pecado específico, do qual Satanás tira vantagem para inquietá-la e enfraquecê-la.

Algumas considerações gerais precisam ser levadas em conta no que diz respeito a alguns princípios e fundamentos desta obra, sem os quais ninguém neste mundo, por mais atento que esteja a suas convicções e resoluto a mortificar algum pecado, será capaz de alcançar êxito; trata-se do segundo item proposto anteriormente.

As regras e os princípios gerais, sem os quais nenhum pecado chegará a ser mortificado, são estes:

Primeiro: A não ser que a pessoa seja convertida, verdadeiramente enxertada em Cristo, nunca poderá mortificar nem um pecado sequer. Não digo "a não ser que ela saiba ser cristã", mas "a não ser que de fato seja cristã". A mortificação é obra de cristãos: "... se pelo Espírito fizerem morrer..." (Rm 8.13); para os quais não há condenação (v. 1). Somente eles são exortados a isso: "... façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês..." (Cl 3.5). Quem deve mortificar? Aquele que ressuscitou com Cristo (v. 1), cuja vida está escondida com ele em Deus (v. 3) e que se manifestará com ele em glória. O indivíduo não regenerado talvez faça algo semelhante, mas essa obra propriamente dita, aceitável a Deus, jamais conseguirá realizar.

Como exemplo dessa condição, conhecemos a descrição de filósofos como Sêneca, Túlio e Epicteto. Que discursos apaixonados fizeram a respeito do desprezo do mundo e do ego, do equilíbrio de todas as emoções e paixões e do domínio sobre elas. A vida de quase todos eles revela que as colocações que faziam diferiam tanto da mortificação verdadeira quanto o Sol pintado num cartaz é diferente do Sol no firmamento. Não tinham luz nem calor. O próprio Luciano já é prova suficiente do que eram todos. Não existe a morte do pecado sem a morte de Cristo.

Conhecemos as tentativas de mortificação praticadas pelos monges católicos romanos, em seus votos, penitências e abstenções. Ouso dizer a respeito deles (refiro-me a todos quantos agem segundo os princípios de sua Igreja, conforme a chamam) aquilo que Paulo disse de Israel quanto à justiça (Rm 9.31,32). Seguiram a mortificação, mas não a alcançaram. Por quê? "Porque não a buscavam pela fé, mas como se fosse por obras." É o mesmo estado e a mesma situação de todos nós que, em obediência à convicção e à consciência despertada, nos esforçamos por abandonar o pecado. Procuram desfazer-se dele, mas não conseguem.

É certo que se exige, e se exigirá, de toda pessoa que ouve a pregação da lei ou do evangelho, que mortifique o pecado. Naturalmente isso é seu dever, mas não o mais imeditato. Deve fazê-lo, sim, mas do modo que Deus quer. Se o patrão manda um funcionário efetuar determinado pagamento em certo endereço, dizendo-lhe, entretanto, para ir buscar o dinheiro em outro local primeiro, é dever dele pagar a quantia determinada, e o patrão o culpará se o não fizer. Entretanto, esse não era seu dever mais imediato, mas sim ir buscar o dinheiro antes, conforme a ordem que lhe foi dada. Assim acontece no presente caso: o pecado deve ser mortificado, mas algo deve ser feito em primeiro lugar, a fim de nos capacitar para isso.

Já demonstrei que somente o Espírito pode mortificar o pecado. Ele prometeu fazer isso, e todos os demais meios, sem o Espírito, são vazios e em vão. Como o indivíduo que não tem o Espírito é capaz de mortificar o pecado? Seria mais fácil o indivíduo enxergar sem olhos, falar sem língua, do que mortificar de fato um só pecado sem o Espírito. Então, como se obtém o Espírito? Trata-se do Espírito do próprio Cristo, e, conforme diz o apóstolo: "... se alguém não tem o Espírito de Cristo, não pertence a Cristo" (Rm 8.9). Se, portanto, somos de Cristo, temos participação nele, temos o Espírito, e, somente assim, a capacidade para a mortificação. A respeito disso, o apóstolo faz amplas considerações (Rm 8.5-8). "Quem é dominado pela carne não pode agradar a Deus" (v. 8). Isso ele infere e conclui de seu argumento anterior acerca de nosso estado e de nossa condição naturais e da inimizade que temos contra Deus e sua lei. Se estamos na carne e não temos o Espírito, não podemos fazer coisa alguma que agrade a Deus.

Mas como livrar-se dessa condição? "Entretanto, vocês não estão sob o domínio da carne, mas do Espírito, se de fato o Espírito de Deus habita em vocês..." (v. 9); os cristãos que têm o Espírito de Cristo não estão na carne. Não existe maneira de ser liberto da condição de estar na carne senão mediante o Espírito de Cristo.

O que acontece quando o Espírito de Cristo está em nós? Nesse caso, estamos mortificados: "... o corpo está morto por causa do pecado" (v. 10) ou para o pecado. A mortificação é aplicada, e o novo homem é vivificado para a justiça. Isso, argumenta o apóstolo (v. 11), é fruto da união que temos com Cristo pelo Espírito. Portanto, são vãs as tentativas de mortificar qualquer concupiscência quando não se tem participação em Cristo.

Muitos ficam irritados com o pecado, e por causa dele (as flechas de Cristo para provocar a convicção, mediante a pregação da Palavra ou por meio de alguma aflição, acertaram-lhes incisivamente o coração), colocam-se em franco combate contra essa ou aquela concupiscência específica que mais lhes deixou a consciência inquieta ou perplexa. Pobres criaturas! Trabalham no meio do fogo, e sua obra é consumida pelas chamas.

Quando o Espírito de Cristo entrar nessa obra, será "como o fogo do ourives e como o sabão do lavandeiro" e "refinará como ouro e prata" (Ml 3.2,3); ele tirará "toda a sua escória [...] e todas as suas impurezas" e seu "sangue" (Is 1.25; 4.4). Mas os homens precisam ter a estrutura feita de ouro e de prata, senão a refinação não lhes servirá de nada. O profeta conta o triste resultado de tentativas extremadas dos ímpios de se mortificarem, sejam quais forem os meios que Deus

lhes tenha oferecido: "O fole sopra com força para separar o chumbo com o fogo, mas o refino prossegue em vão; os ímpios não são expurgados. São chamados prata rejeitada, porque o SENHOR os rejeitou" (Jr 6.29,30). E por que isso? Eram bronze e ferro ao serem colocados no forno (v. 28). Os homens podem refinar o bronze e o ferro por tempo ilimitado sem que se transformem em prata boa.

Digo, portanto, que a mortificação não é dever dos não regenerados. Deus ainda não os chamou para isso. Sua necessidade é a conversão da alma inteira, não a mortificação de uma ou outra concupiscência específica. Todos ririam de um indivíduo que estivesse levantando uma grande construção sem o mínimo cuidado de lançar o alicerce antes, principalmente quando observassem a insensatez de, tendo passado por milhares de experiências de edificar num dia e desabar no outro, continuasse com o mesmo método. Assim acontece com as pessoas convictas do pecado: embora vejam com clareza que o terreno que, num dia, conquistam do pecado perdem no dia seguinte, mesmo assim continuam pelo mesmo caminho, sem pesquisar onde se acha a falha que destrói seu progresso.

Quando os judeus, pela convicção de seus pecados, ficaram com o coração aflito (At 2.37) e clamaram: "... que faremos?", que orientação Pedro lhes deu?

Mandou-lhes mortificar o orgulho, a ira, a malícia, a crueldade e vários outros pecados? Não, pois sabia que essa não era a obra deles naquele momento, mas os chamou à conversão e à fé em Cristo (v. 38). Que a alma seja, em primeiro lugar, totalmente convertida, e depois, quando contemplarem Aquele a quem traspassaram, a humilhação e a mortificação virão em seguida. Assim, quando João Batista apareceu para pregar o arrependimento e a conversão, disse: "O machado já está posto à raiz das árvores..." (Mt 3.10). Os fariseus tinham imposto fardos pesados, obrigações tediosas e meios rígidos de mortificação, na forma de jejuns, purificações e coisas semelhantes, mas tudo em vão. João Batista diz, em outras palavras: "A doutrina da conversão é para vocês; o machado na minha mão está posto à raiz". E nosso Salvador diz o que deve ser feito nesse caso, quando pergunta: "Pode alguém colher uvas de um espinheiro ou figos de ervas daninhas?" (Mt 7.16). Suponhamos que o espinheiro seja bem podado e o máximo cuidado seja tomado com ele. Mesmo assim, nunca produzirá figos (v. 17,18), pois não é possível a árvore alguma produzir frutos diferentes dos de sua espécie. O que, pois, deve ser feito? Jesus nos diz: "... Uma árvore boa dá fruto bom..." (Mt 12.33). É necessário lidar com a raiz, transformar a natureza da árvore; de outra forma, nenhum fruto bom será produzido.

É esse o sentido de meu argumento. A não ser que o indivíduo seja regenerado, a não ser que seja cristão, todas as tentativas que faça visando à mortificação, por mais entusiásticas e promissoras que se apresentem, todos os meios que utilizar, mesmo com a máxima diligência, sinceridade, vigilância e contenção de mente e de espírito, de nada servirão. Em vão empregará muitos remédios e não será curado. Sim, existem ainda vários outros males que acompanham o esforço feito por pessoas convictas (mas que não passam dessa convicção) para cumprir esse dever.

1) A mente e a alma ficam ocupadas com o que não faz parte dos deveres próprios dos seres humanos, desviando-se do que é seu dever. Deus fixa a atenção, por sua Palavra e por seus juízos, em algum pecado dentro do indivíduo; irrita a consciência, inquieta o coração, priva-o do repouso. Por isso, outros desvios da atenção não servirão a seu propósito; deve forçosamente se dedicar à obra que tem diante de si. Tudo isso visa a despertar o ser humano inteiro para uma consideração do estado em que se encontra, a fim de ser trazido de volta a Deus. Em vez disso, porém, o indivíduo empreende a mortificação do pecado que o irrita, mera questão de amor a si mesmo, para ficar livre de sua aflição, o que está longe de ser a obra para

a qual foi chamado, assim se desviando dessa obra. Da mesma forma, Deus diz a respeito dos efraimitas: "... atirarei sobre eles a minha rede; eu os farei descer como as aves dos céus..." (Os 7.12). Quando os apanhou, os emaranhou e os convenceu, de modo que não pudessem escapar. Também disse: "Eles não se voltam para o Altíssimo..." (v. 16); empreenderam o abandono do pecado, mas não da maneira que Deus exigiu, mediante a conversão. Assim os homens evitam chegar direta e gloriosamente a Deus, pois buscam as próprias maneiras de chegar a ele. Essa é uma das fraudes mais comuns por meio das quais os seres humanos arruínam a própria alma.

Desejaria que os que se ocupam em fixar com argamassa mal preparada as coisas de Deus não ensinassem essa fraude que leva as pessoas a errar por ignorância. O que os homens fazem? O que quase sempre são orientados a fazer quando sua consciência é importunada pelo pecado e quando uma inquietação, da parte de Deus, os invade? Não é, na prática, a renúncia ao pecado que dá alguns frutos que os deixam perplexos e aos quais querem resistir com todas as forças? E não se perde, desse modo, a convicção de que somente mediante o evangelho é possível a solução? As pessoas só chegam a isso e perecem.

2) Esse dever, em seu devido lugar, é algo bom em si, que evidencia sinceridade e traz paz à consciência. O indivíduo que se acha realmente ocupado nele, com a mente e o coração resistindo a esse ou àquele pecado, com o firme propósito e a resolução de não ter mais nada com ele, está disposto a concluir que é bom seu estado, e assim ilude a própria alma. Pois:

a) Quando o homem sofre com o pecado, a ponto de não conseguir descanso, em vez de ir ao Médico dos médicos da alma e de conseguir a cura total e global, silencia a consciência por meio dessa luta contra o pecado e se acomoda, sem na verdade ter recorrido a Cristo. Ah! quantas almas desgraçadas são assim iludidas eternamente! "Quando Efraim viu a sua enfermidade [...] se voltou para a Assíria, e mandou buscar a ajuda do grande rei...", e isso o manteve longe de Deus (Os 5.13). O pacote inteiro da religião católica consiste em projetos e em maquinações para acalmar a consciência sem recorrer a Cristo, todos descritos pelo apóstolo Paulo (Rm 10.4).

b) Por esses meios, os homens se dão por satisfeitos, achando que seu estado é bom, desde que pratiquem uma obra boa em si mesma e que não

façam isso para ser vistos. Sabem que estão realizando a obra com sinceridade, portanto se endurecem em uma espécie de justiça própria.

3) Quando um indivíduo passa algum tempo se iludindo, enganando a própria alma, e descobre, depois de um longo período, que seu pecado não foi mortificado ou que apenas trocou um pecado por outro, começa a pensar que toda a luta foi em vão e que nunca conseguirá prevalecer. Essa pessoa está apenas represando as águas que a ameaçam. Diante disso, desiste, por não ter esperança de sucesso, e se entrega ao poder do pecado e ao hábito da formalidade que desenvolveu.

Esse resultado é comum em pessoas que tentam mortificar o pecado sem antes de mais nada obter participação na morte de Cristo. Ficam iludidas, endurecidas e destruídas. Vemos, portanto, que geralmente não existem pecadores mais vis e desesperados no mundo inteiro do que os que foram colocados nesse caminho pela convicção que sentiram, acharam-no infrutífero e o abandonaram sem ter encontrado Cristo. Essa é a substância da religião e a piedade dos melhores formalistas que há no mundo e de todos aqueles que, na sinagoga romana, são atraídos à mortificação da mesma maneira que forçam os índios ao batismo ou o rebanho à água. Digo, portanto, que a mortificação é

obra dos cristãos e somente destes. Matar o pecado é obra de vivos. Quando os indivíduos estão mortos, como estão todos os incrédulos (até os melhores dentre eles), o pecado está vivo e assim continuará. Essa é uma obra realizada apenas pela fé e específica da fé. Se existe uma obra a ser feita que depende do uso de uma única ferramenta, seria a maior loucura alguém sem essa ferramenta tentar realizá-la. A fé, sim, purifica o coração (At 15.9); ou, conforme diz Pedro: "... vocês purificaram as suas vidas pela obediência à verdade..." mediante o Espírito (1Pe 1.22); sem isso, a obra não será realizada.

Suponho que o que falei até aqui seja suficiente para confirmar minha primeira regra geral: se pretende mortificar algum pecado, tome o cuidado de estar em Cristo, pois, de outra forma, jamais conseguirá.

Objeção. Alguém dirá: "O que, pois, deveriam fazer os não regenerados convictos da iniqüidade do pecado? Cessar de lutar contra o pecado, viver de modo dissoluto e se tornar tão ruins quanto os piores indivíduos?" Essa seria uma maneira de colocar o mundo inteiro em confusão, de lançar tudo às trevas, de abrir as comportas da concupiscência e de soltar as rédeas para se precipitarem em todos os pecados com deleite e apetite, assim como o cavalo entra na batalha.

Resposta 1. Deus nos livre! Trata-se de uma grande providência da sabedoria, bondade e do amor de Deus que, por vários meios, impede os filhos dos homens de se precipitarem nos excessos e no desenfreamento aos quais a depravação de sua natureza quer levá-los a efetuar com violência. Seja como for, é uma questão do cuidado, da generosidade e da bondade de Deus, sem os quais a terra inteira seria um inferno de pecado e confusão.

Resposta 2. Existe na Palavra um poder especial de convencimento. Deus sempre se agrada de agir de modo a ferir e deixar atônitos os pecadores, embora jamais se convertam. A Palavra deve ser pregada não com esse propósito, embora atinja esse fim. Que a Palavra, portanto, seja pregada, e os pecados dos seres humanos sejam repreendidos. Assim, a concupiscência será refreada, e algumas oposições serão feitas contra o pecado, ainda que esse não seja o principal resultado.

Resposta 3. Embora seja uma obra da Palavra e do Espírito e boa em si mesma, nem por isso é proveitosa nem disponível para a finalidade principal naqueles em que se realiza. Ainda estão cheios de amargura e presos pelas trevas.

Resposta 4. Podem dizer que é dever deles... mas em seu lugar apropriado. Não que eu queira afastar os indivíduos da mortificação, mas quero levá-los à con-

versão. Quem chama alguém que está consertando um buraco na parede de sua casa para apagar um incêndio que consome a construção inteira não é inimigo dessa pessoa. Pobre alma! Não é com uma picada no dedo, mas sim com a febre do corpo inteiro que se deve preocupar. O indivíduo opõe-se a um pecado específico sem levar em conta que ele não é nada senão um pecado.

Quero acrescentar aos pregadores da Palavra ou aos que aspiram a esse ministério, com a ajuda de Deus, que é dever deles exortar os homens a respeito de seus pecados e enfatizar pecados específicos, sem nunca esquecer que isso deve ser feito de acordo com a finalidade genuína da lei e do evangelho. Ou seja, que aproveitem sua pregação contra o referido pecado para desmascarar a condição em que o pecador se acha. De outra forma, podem levar os homens à formalidade e à hipocrisia, sem alcançar a verdadeira finalidade da pregação do evangelho. Não surtirá efeito forçar um indivíduo a abandonar o hábito da bebida e entrar numa sobriedade meramente formal. Um pastor hábil lança o machado à raiz e sempre procura atingir o coração. Denunciar pecados específicos de pessoas ignorantes e não regeneradas, das quais o mundo está cheio, é uma boa obra. Entretanto, embora seja feita com muita eficácia, vigor e sucesso, se o único efeito

dela for mais dedicação aos esforços para mortificar os pecados contra os quais o pregador falou, o resultado não será maior que derrotar um inimigo em campo aberto e levá-lo a recuar para um castelo inexpugnável, impossível de conquistar. Se você encontrar um pecador que, em alguma ocasião, tenha tido vantagem sobre algum pecado isolado, se conseguir um jeito de pegá-lo, aplique a questão à condição dele, dirija-a ao nível da mente e trate dela aí. Provocar uma ruptura entre o ser humano e determinados pecados sem lhes quebrantar o coração é desperdiçar vantagens ao lidar com eles.

Nisso a mortificação católica romana falha seriamente, pois dirige pessoas de todos os tipos a si, sem a mínima preocupação de se têm base para isso. Sim, os romanistas estão tão distantes de conclamar os indivíduos a crer, a fim de que tenham capacidade de mortificar suas concupiscências, que os conclamam à mortificação, em vez de à fé. A verdade é que não sabem o que é crer em Cristo nem conhecem o propósito da própria mortificação. Para os católicos, a fé não passa de anuência geral à doutrina ensinada na igreja, e a mortificação é o voto feito por certos indivíduos para seguir determinado curso de vida, no qual se refreiam no uso das coisas deste mundo, mas não sem recompensa considerável. Esses homens não conhecem as Escri-

turas nem o poder de Deus. A vanglória de sua mortificação não passa de glorificação de sua vergonha.

Alguns casuístas entre nós deixam impercebida a necessidade da regeneração e oferecem abertamente essa orientação a todos os tipos de pessoas que se queixam de algum pecado ou concupiscência, dizendo que devem fazer algum voto contra o pecado, pelo menos por algum tempo, um mês ou mais. Esses indivíduos parecem ter bem pouca luz a respeito do mistério do evangelho e se parecem com Nicodemos, quando foi ter com Cristo pela primeira vez. Convidam os homens a abster-se do pecado por algum tempo. Isso quase sempre torna a concupiscência deles mais impetuosa. Talvez, com enorme esforço, cumpram sua promessa, talvez não, o que lhes aumenta a culpa e o tormento. Será que o pecado deles é mortificado de alguma forma? Conseguem vitória sobre ele? Sua condição transforma mesmo quando conseguem abandoná-lo um pouco? Não continuam, ainda, na amargura do pecado? Não é como obrigar os homens a fazer tijolos sem palha ou, muito pior, sem forças? Que promessa o indivíduo não regenerado recebe para apoiá-lo nessa obra? Que ajuda tem para realizá-la? O pecado pode ser mortificado sem o indivíduo ter participação na morte de Cristo ou sem o Espírito? Se essa orientação serve para mudar a vida das pessoas (e normalmente nem isso

consegue), ainda assim jamais chegará a efetuar a mudança de seu coração nem de suas condições de vida. Leva-as a justificar-se a si mesmas, a ser hipócritas, mas não a ser cristãs.

Sempre fico triste quando vejo almas infelizes e zelosas por Deus, desejosas da bem-aventurança eterna, sob a orientação de tais conselheiros, prestando culto a Deus e realizando serviços árduos, pesados e externos, com muitos esforços ilusórios que visam à mortificação, na total ignorância da justiça de Cristo e desconhecendo seu Espírito pela vida inteira. Conheço muitas pessoas e coisas desse tipo. Se Deus chegar a brilhar no coração delas para lhes dar o conhecimento da glória revelada em seu Filho Jesus Cristo, enxergarão o disparate de seus caminhos atuais.

8

Proposta a segunda regra geral. *Sem sinceridade completa para a mortificação de todas as concupiscências, nenhuma concupiscência será mortificada. A mortificação parcial sempre provém de um princípio corrupto. A perplexidade da tentação por uma concupiscência é freqüentemente castigo por outras negligências.*

O *segundo* princípio que proporei com tal finalidade é que, sem sinceridade e diligência na obediência completa, não se obtém a mortificação de concupiscência alguma que o perturbe. O primeiro princípio dizia respeito à pessoa; este, à própria concupiscência. Oferecerei algumas explicações dessa posição.

O indivíduo encontra uma concupiscência que o leva à condição descrita acima; ela é poderosa, forte, conflitante, leva-o cativo, perturba, inquieta, tira-lhe a paz. Ele não consegue suportá-la, por isso volta-se contra ela, geme sob seu peso, suspira para ser liberto. Ao mesmo tempo, talvez em outros deveres, tais como a comunhão constante com Deus, a leitura, a oração,

a meditação e em outras atividades que não têm a ver com a concupiscência que o perturba, ele é frouxo e negligente. Que esse indivíduo não imagine que chegará, um dia, à mortificação da concupiscência que o deixa perplexo.

Essa é uma condição que quase sempre atinge o ser humano em sua peregrinação. Os israelitas, convictos de seus pecados, aproximaram-se de Deus com muita diligência e sinceridade, com jejum e oração (Is 58). Muitas expressões são usadas para designar a seriedade deles nessa obra: "Pois dia a dia me procuram; parecem desejosos de conhecer os meus caminhos [...] parecem desejosos de que Deus se aproxime deles" (v. 2). Mas Deus rejeita tudo isso; o jejum deles é um remédio que não lhes trará a cura, e a explicação é oferecida nos versículos de 5 a 7: porque se dedicavam exclusivamente a esse dever, cumprindo-o com diligência, mas em outros eram negligentes e descuidados. Aquele que tem (segundo a expressão bíblica) uma ferida aberta que surge de mau hábito físico produzido pela intemperança e por uma dieta errônea, por mais que se aplique com diligência e perícia à cura de sua ferida, se deixar seu hábito físico geral ao descontrole, seu esforço e desempenho serão vãos. Inúteis também serão as tentativas de quem procurar estancar a hemorragia do pecado e a imundície na

alma, se não for igualmente cuidadoso em relação a seu temperamento e a sua constituição espiritual. Pois:

1) Esse tipo de esforço em favor da mortificação procede de um princípio, fundamento ou alicerce corrupto. Sendo assim, nunca produzirá uma boa solução. Insistiremos, adiante, nos princípios verdadeiros e aceitáveis para a mortificação do pecado. O ódio ao pecado, não só por ser irritante e inquietante, e o senso do amor de Cristo são a base de toda mortificação espiritual verdadeira. É certo que a mortificação de que falo neste parágrafo procede do amor-próprio. Você se aplica com toda a diligência e sinceridade a mortificar determinada concupiscência ou pecado: qual é a razão? Isso perturba você, tira sua paz, enche-lhe o coração de tristeza, aflição e medo; você não tem descanso por causa disso. Sim, amigo, mas tem negligenciado suas orações ou leitura da Palavra; tem sido negligente e descuidado no modo de vida em outros assuntos totalmente diferentes da concupiscência que o incomoda. Estes não são pecados e males menores do que aqueles que o deixam gemendo. Jesus Cristo sangrou por causa deles também, então por que não resiste a eles? Se odiasse o pecado e todos os caminhos da iniqüidade, seria mais vigilante contra tudo quanto entristece e inquieta o Espírito de Deus do que em

relação ao que entristece e inquieta sua alma. É evidente que lutou contra o pecado simplesmente porque o perturbava. Caso sua consciência ficasse tranqüila com ele, você o deixaria em paz. Caso o pecado não o inquietasse, você não se inquietaria com ele.

Você pode imaginar Deus concordando com semelhantes esforços hipócritas e seu Espírito deixando de dar testemunho da traição e da falsidade que tem no espírito? Acha que ele o aliviará daquilo que o deixa perplexo para o deixar livre para fazer outras coisas que igualmente o entristecem? "Não", diz Deus. "Aqui está alguém que, se pudesse ficar livre dessa concupiscência, não entraria mais em contato comigo; que ele lute com isso, senão estará perdido." Que ninguém pense que fará a própria obra sem fazer a obra de Deus. Interessa ao ser humano ficar livre da perplexidade do momento, mas a obra de Deus consiste na obediência completa. Portanto, diz o apóstolo: "... purifiquemo-nos de tudo o que contamina o corpo e o espírito, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus" (2Co 7.1). Se for para fazer algo, que façamos por completo. É aceitável, portanto, não a oposição intensiva a essa ou aquela concupiscência, mas a total humilhação de espírito e a disposição do coração para cumprir todos os deveres.

2) Como sabe se Deus não permitiu que a concupiscência que o deixou perplexo obtivesse força e poder para castigá-lo por outras negligências suas e pela fraqueza comum em seu viver diante dele? Ou, pelo menos, para despertá-lo a fim de que pense em como está vivendo e que faça uma obra eficiente de mudança em sua vida com Deus? A fúria e o predomínio de determinada concupiscência são quase sempre fruto e conseqüência de uma vida descuidada e negligente em geral, e isso por duas razões:

a) É seu efeito natural, se assim posso me expressar. A concupiscência, segundo demonstrei detalhadamente, se acha no coração de todas as pessoas, até no das melhores, enquanto viverem. Não pense que as Escrituras dizem sem motivo que a concupiscência é astuta, traiçoeira, enganadora, que seduz, logra, luta, rebela-se. Enquanto o ser humano mantém vigilância diligente do coração, raiz e fonte de tudo, enquanto guarda o coração acima de todas as coisas, de onde brotam as questões da vida e da morte, a concupiscência murcha e morre ali mesmo. Porém, se, mediante a negligência, a concupiscência brotar de alguma forma, obterá acesso aos pensamentos por meio das emoções e, a partir daí, talvez venha a se transformar em pecado explí-

cito na vida diária. A força dessa concupiscência prossegue pelo caminho que descobriu, vai pressionando até desobstruir a passagem, passando a incomodar e a inquietar. Dificilmente será refreada. Desse modo, o indivíduo será obrigado a enfrentar, durante todos os seus dias, com sofrimento, aquilo que uma vigilância rigorosa e completa poderia facilmente ter impedido.

b) Como afirmei, Deus às vezes permite que a concupiscência seja o castigo por todas as nossas outras negligências. Assim como no caso dos ímpios, o Senhor os entrega a um pecado como castigo por terem cometido outro (Rm 1.26), a um castigo maior por terem cometido um menor ou a um pecado que os dominará com mais força e eficácia que aquele do qual poderiam ter obtido livramento. Mesmo aos seus, ele pode deixar, e deixa, com indisposições irritantes, ou para impedir, ou para curar algum outro mal. Desse modo, o mensageiro de Satanás foi enviado contra Paulo para que não se orgulhasse com a riqueza das revelações espirituais (2Co 12.7). Não foi para corrigir sua vã confiança em si que Pedro teve de enfrentar a situação de negar seu Mestre?

Quando o estado de concupiscência prevalece pela tolerância de Deus, que permite isso com o propósito de nos admoestar e humilhar, talvez nos castigar e corrigir por causa de nossa vida leviana e descuidada, é possível que o efeito seja removido mas a causa continue, pois a concupiscência específica foi mortificada, porém o modo de vida não foi reformado. Aquele, portanto, que quiser mortificar de verdade, com sucesso e de modo aceitável, qualquer concupiscência inquietante, cuide de ser diligente em todos os aspectos da obediência, sabendo que toda concupiscência e toda omissão do dever desagradam a Deus, embora uma só delas já pese para o indivíduo (Is 3.24). Enquanto habitar no coração alguma deslealdade que permita certas negligências que levem a não persistir na perfeita obediência, a alma continuará fraca, por não deixar a fé fazer sua obra completa, e egoísta, por levar mais em conta a perturbação do pecado que sua culpa e imundície. Vive constantemente provocando a Deus, de modo que não consegue esperar nenhum resultado aceitável em qualquer dever espiritual que empreenda, muito menos no dever aqui considerado, o qual requer outro princípio e outra disposição de espírito para se realizar.

9

***Instruções específicas** com respeito ao argumento proposto no capítulo anterior. Diretriz 1: considere os sintomas perigosos que acompanham qualquer concupiscência: 1) É crônica. 2) A paz que se consegue com ela; várias maneiras de alcançá-la. 3) A freqüência do sucesso de suas seduções. 4) A alma luta contra ela com argumentos tirados somente do fato. 5) É acompanhada de severidade judiciária. 6) Resiste a tratamentos específicos da parte de Deus. O estado das pessoas em que se encontram essas coisas.*

Terceiro princípio: tendo como pressusposto as regras gerais já citadas, passamos a propor diretrizes específicas à alma para orientá-la a ficar consciente de alguma concupiscência ou indisposição, meu propósito principal aqui. Algumas dessas diretrizes são prévias e preparatórias; outras, contêm a obra propriamente dita.

Do primeiro tipo, temos as seguintes:

Diretriz 1: considere os sintomas perigosos que acompanham sua concupiscência; veja se ela contém al-

gum sinal mortífero. Se contém, devem ser empregados remédios específicos; um método comum de mortificação não surtirá efeito.

Você perguntará: "Que sinais ou sintomas perigosos são esses, acompanhantes desesperados de desejos do íntimo do coração?". Alguns deles, citarei pelo nome.

1) *Cronicidade*. Se já ficou muito tempo em seu coração, corrompendo-o, se permitiu que permanecesse no poder e que predominasse durante longo período sem fazer qualquer esforço vigoroso para matá-la e para curar as feridas que lhe causou, sua concupiscência é perigosa. Você permitiu, por muito tempo, que o mundanismo, a ambição, a ganância intelectual devorassem outros deveres pelos quais deveria manter comunhão constante com Deus? Ou deixou que a impureza lhe maculasse o coração com imaginações vãs, tolas e ímpias por muitos dias? Sua concupiscência apresenta sintomas perigosos. Assim como o pecado de Davi: "Minhas feridas cheiram mal e supuram por causa da minha insensatez" (Sl 38.5). Depois de ter ficado muito tempo no coração, corrompendo, supurando, gangrenando, a concupiscência deixa a alma em condição lastimável. Nesse caso, o tratamento comum de humilhação não surtirá efeito. Seja qual for sua natureza, vai se insinuar pelos meios antes mencionados,

em maior ou menor grau, em todas as faculdades da alma, marcando presença e deixando seu convívio à disposição da alma a ela já habituada. Torna-se familiar à mente e à consciência, de modo que estas não se assustem com ela, estranhando-a, mas se sintam à vontade, acostumando-se. Obterá grande vantagem por esses meios, atuando freqüentemente e se manifestando sem sequer ser notada, como parece ter sido o caso de José ao jurar pela vida do faraó. A não ser que alguma atuação extraordinária seja empreendida, essa pessoa não tem a mínima base para esperar ter, finalmente, paz.

Porque, primeiro, como conseguirá distinguir entre a habitação prolongada de um desejo não mortificado e o domínio do pecado, o qual não pode acontecer a uma pessoa regenerada? Segundo, como prometer a si mesmo ser diferente ou que suas concupiscências deixarão de causar tumulto e de seduzir, quando vê que estão estabelecidas e que permanecem por muitos dias, passando por várias etapas? É possível que tenha experimentado arrependimentos e aflições, e isso de forma tão notável que a alma não pudesse evitar percebê-las. Pode ser que tenha suportado muitas tempestades e recebido muitos dons na administração da Palavra. Será fácil despejar um inquilino que declara ser dono legítimo por direito adquirido? Velhas feridas negli-

genciadas são freqüentemente mortais e sempre perigosas. A indisposição moral que habita no íntimo torna-se rebelde e teimosa por ter desfrutado conforto e tranqüilidade. A concupiscência é uma inquilina que, se puder pleitear direito adquirido por tempo de habitação, não será facilmente expulsa. Nunca morre por conta própria, de modo que, se não for mortificada diariamente, sempre acumulará mais forças.

2) As petições secretas do coração para ser deixado e mantido em paz apesar de abrigar alguma concupiscência, sem nenhuma tentativa cristã vigorosa de mortificá-la, são outro sintoma perigoso de uma indisposição moral fatal no coração. Existem várias maneiras de chegar a essa condição. Citarei algumas:

a) Quando surgem pensamentos desconcertantes sobre o pecado, o indivíduo, em vez de se esforçar para destruí-los, busca em si evidências de que está em boas condições, apesar de abrigar esse pecado de concupiscência, de modo que conviva bem com ele.

É excelente para o indivíduo repassar suas experiências com Deus, relembrá-las, reuni-las, considerá-las, prová-las, procurar aumentá-las. É um dever praticado por todos os santos, reco-

mendado no Antigo e no Novo Testamento. Assim agia Davi quando meditava em seu coração e relembrava as misericórdias do Senhor no passado (Sl 77.6-9). Esse é o dever que Paulo nos manda praticar (2Co 13.5), e, como é excelente em si mesmo, fica mais belo quando realizado no tempo apropriado. Um período de provação, tentação e inquietação do coração por causa do pecado é uma moldura de prata a destacar essa maçã de ouro, conforme menciona Salomão. No entanto, agir assim, acalmando a consciência que chora e clama por outra solução, é engenhosidade desesperada de um coração apaixonado pelo pecado. Quando a consciência de um indivíduo lidar com ele, quando Deus o repreender pela indisposição pecaminosa de seu coração; se, em vez de se empenhar para que seu pecado seja perdoado no sangue de Cristo e mortificado por seu Espírito, aliviar a consciência por meio de alguma evidência que tenha ou que pense ter, livrando-se do jugo que Deus lhe colocou no pescoço, está em condição muito perigosa, e sua ferida dificilmente será curada. Era assim que os judeus, sentindo a consciência inquieta e convencida pela pregação de nosso Salvador,

apoiavam-se no argumento de serem filhos de Abraão e, por causa disso, aceitos diante de Deus. Dessa forma, sentiam-se bem, apesar de todas as suas iniqüidades abomináveis, para a própria ruína total.

Trata-se, até certo ponto, de "o indivíduo abençoar a si mesmo" e de dizer, por um motivo ou outro, que "terá paz, embora acrescente embriaguez à sede". O amor ao pecado e o menosprezo à paz e a todos os sinais do amor de Deus estão incluídos nessa atitude. Essa pessoa demonstra claramente que, se pudesse manter a esperança de escapar da ira vindoura, poderia acomodar-se à condição de ser um infrutífero neste mundo, mantendo certa distância de Deus que não seja a separação final. O que se espera de um coração como esse?

b) Essa fraude acontece quando se aplica a graça e a misericórdia a um pecado não mortificado ou quando não houve esforço sincero para mortificá-lo. Trata-se de um coração por demais comprometido com o amor ao pecado. Quando alguém, assim como Naamã, com respeito a seu culto na casa de Rimom (2Rs 5.18), tem pensamentos secretos no coração: nas demais coisas,

andarei com Deus, "mas que o SENHOR me perdoe por uma única coisa...", é triste a sua condição. A verdade é que qualquer resolução para desculpar o ego de algum pecado, por motivo da misericórdia, parece (e sem dúvida é, qualquer que seja o propósito) totalmente incompatível com a sinceridade cristã — é característica do hipócrita transformar a graça de Deus em leviandade (Jd 4). Mas não duvido de que, mediante a astúcia de Satanás e a própria incredulidade que permanece nos filhos de Deus, estes às vezes *caiam na armadilha dessa fraude* do pecado. De outra forma, Paulo não os teria prevenido tanto contra tal perigo (Rm 6.1,2). De fato, não há nada mais natural do que os raciocínios na carne se tornarem maiores e mais fortes por causa disso. A carne quer ser acalentada com base na graça e está pronta a distorcer e a corromper cada palavra dita a respeito da graça, para atingir os próprios alvos e propósitos. Aplicar, portanto, a misericórdia a um pecado que não foi vigorosamente mortificado é submeter o evangelho aos propósitos da carne.

Esses e outros tantos truques e artifícios serão, às vezes, empregados pelo coração traiçoeiro para tolerar bem as próprias abominações. Quando

um indivíduo com pecado está nessa condição e prevalece em seu coração o amor secreto pelo pecado, embora não se entregue totalmente à sua vontade, ainda mantém em si uma disposição errada. Acabaria cometendo esse pecado, não fosse por essa ou aquela consideração que aliviam sua consciência por outros meios que não a mortificação e o perdão no sangue de Cristo. As feridas desse indivíduo cheiram mal, pois estão apodrecendo, e, caso não haja livramento rápido, chegará às portas da morte.

3) Quando a sedução do pecado obtém sucesso constante em aprovar e em fazer prevalecer sua vontade, trata-se de mais um sintoma perigoso. Quero dizer o seguinte: quando o referido pecado obtém algum consentimento da vontade, que o considera agradável, mesmo que esse pecado não seja concretizado externamente, não deixa de ter conquistado algum sucesso. É possível que o indivíduo não consiga, por considerações externas, levar o pecado ao ponto que Tiago1.14,15 chama de consumação, ou ato externo, mesmo depois de ter existido a vontade de consumá-lo. Nesse caso, afirmo que o pecado tem êxito. Se alguma concupiscência consegue prevalecer até esse ponto na alma de qualquer pessoa, sua condição pos-

sivelmente será muito ruim, e ela não está de fato regenerada. Não há a mínima possibilidade de que isso seja bom; pelo contrário, é perigoso. Não faz diferença se isso ocorreu pela escolha da vontade ou por negligência, já que a própria negligência é, de certo modo, uma opção. Quando somos desatentos e negligentes, apesar de termos a obrigação de ser vigilantes e cuidadosos, essa negligência não diminui a voluntariedade daquilo que passamos a fazer, porque, embora os indivíduos não decidam que vão ser negligentes e inadvertidos, se optarem pelas coisas que os deixarão assim, optam pela própria negligência, assim como algo pode ser escolhido ao optar-se por sua causa.

Que os homens não pensem que a iniqüidade do coração será, em alguma medida, atenuada por serem aparentemente surpreendidos pelo consentimento que deram ao pecado, pois é justamente a negligência de seu dever de vigiar o coração que os trai e que os toma de surpresa.

4) Quando alguém luta contra o pecado somente com argumentos baseados no resultado ou no castigo envolvidos, é sinal de que definitivamente o pecado tomou posse de sua vontade e, portanto, há excesso de maldade no coração. Essa pessoa, que nada opõe contra a sedução do pecado e da concupiscência no co-

ração a não ser o medo da vergonha entre os homens ou do inferno após o juízo divino, estará totalmente decidida a cometer o pecado, se este não implicar castigo. Não vejo diferença entre isso e viver na prática do pecado. Os que são de Cristo e motivados pelos princípios cristãos levam em conta, para opor-se à sedução do pecado e a todas as sua ações, esforços e lutas que a concupiscência opera no coração, a morte de Cristo, o amor de Deus, a natureza detestável do pecado, a preciosidade da comunhão com Deus e o ódio profundamente arraigado ao pecado em si. Assim fez José (Gn 39.9): "... Como poderia eu, então, cometer algo tão perverso e pecar contra Deus?" — contra meu Deus bom e gracioso? E Paulo: "... o amor de Cristo nos constrange..." (2Co 5.14); "Amados, visto que temos essas promessas, purifiquemo-nos de tudo o que contamina o corpo e o espírito..." (2Co 7.1). Se, pelo contrário, o indivíduo ficar tão sujeito ao poder dos desejos que nada tiver senão a lei para se opor a eles, se não conseguir lutar contra isso com armas cristãs, mas somente pelo medo do inferno e do juízo, armas apropriadas à lei, fica evidente que o pecado tomou posse de sua vontade e disposição de alma a ponto de prevalecer e de conquistar.

Tal pessoa jogou fora a atuação da graça renovadora e se preserva da ruína somente pela graça refreadora.

Nesse sentido, decaiu da graça e voltou ao poder da lei. Não é uma grande provocação contra Cristo que os seres humanos repudiem seu jugo leve e suave e se prostrem debaixo do jugo férreo da lei, por mera satisfação de suas concupiscências?

Examine-se também segundo esse padrão. Ao ser forçado a tomar posição, de modo que precise decidir se vai servir ao pecado, por ordem dele se atirando desenfreadamente a loucuras como um cavalo na batalha, ou se vai resistir a ele a fim de suprimi-lo, o que diz sua alma? Apenas: "O inferno está no fim desse caminho; a vingança virá a meu encontro e me desmascarará!"? É hora de olhar à sua volta: o mal jaz à porta. O argumento principal de Paulo para evidenciar que o pecado não terá domínio sobre os cristãos é que estes não estão sujeitos à lei, mas à graça (Rm 6.14). Se argumentar contra o pecado somente com base na lei, em seus princípios e motivos legítimos, que certeza terá de que esse pecado, que será sua ruína, não o dominará?

Saiba, porém, que essa resistência não agüentará muito. Como a concupiscência já o expulsou de fortalezas cristãs mais sólidas, também prevalecerá rapidamente contra esse refúgio. Não suponha que tais considerações o livrarão, depois de voluntariamente ter entregado ao inimigo recursos e meios de preserva-

ção mil vezes mais poderosos que elas. Tenha a certeza disso: a não ser que se recupere com rapidez dessa condição, o que você teme acontecerá. O que não se consegue mediante princípios cristãos, argumentos legalistas também não são capazes de conseguir.

5) Outro sintoma perigoso, ao considerar o estado de inquietação produzido pela concupiscência, é a possibilidade de severidade judicial ou de castigo disciplinar. Não duvido, de modo algum, que Deus às vezes deixe até alguns de seus fiéis sujeitos ao poder desconcertante de alguma concupiscência ou pecado para, no mínimo, corrigi-los por causa de pecados, negligências ou tolices cometidos anteriormente. Daí a queixa da igreja: "SENHOR, por que [...] endureces o nosso coração para não termos temor de ti?" (Is 63.17). Que esse é o modo de Deus lidar com os não regenerados, ninguém duvida. Mas como saber se, ao ser deixado à inquietude de uma indisposição moral, há nisso algo da atuação disciplinadora de Deus?

Resposta. Examine seu coração e seus caminhos. Qual era o estado de sua alma antes de cair nos laços do pecado do qual agora se queixa tanto? Negligenciou seus deveres? Viveu indevidamente só para si mesmo? Pesa sobre você a culpa de algum pecado grave do qual não se arrependeu? Às vezes, é possível que

seja permitido um novo pecado, bem como enviada uma aflição nova, a fim de trazer à lembrança um pecado antigo.

Você recebeu alguma misericórdia, proteção ou livramento recentemente que não aproveitou do jeito devido nem acolheu com gratidão? Ou tem sido provado por alguma aflição sem se esforçar para acabar com ela adequadamente?Tem deixado de aproveitar as oportunidades (oferecidas pela graça divina) de glorificar a Deus entre seus contemporâneos? Tem se conformado com o mundo e com as pessoas do mundo por se multiplicarem as tentações nos dias em que vive?

Se descobrir que esse tem sido seu estado, acorde e invoque a Deus. Você está profundamente adormecido no meio de uma tempestade.

6) Quando a concupiscência já resistiu à atuação específica de Deus. Essa condição é descrita: "Por causa da sua concupiscência perversa fiquei indignado e o feri; fiquei irado e escondi o meu rosto. Mas ele continuou extraviado, seguindo os caminhos que escolheu" (Is 57.17). Deus lidou com a concupiscência que predominava em seu povo de diferentes modos, pela aflição e pelo abandono, mas as pessoas resistiram a tudo. Essa é uma condição lastimável, da qual o indivíduo não pode ser liberto senão pela pura graça soberana,

conforme Deus diz no versículo seguinte, e ninguém pode prometer a si mesmo essa graça nem se basear nela. Deus às vezes, em suas disposições providenciais, encontra-se com um indivíduo e lhe fala especificamente a respeito do mal em seu coração, como no caso dos irmãos de José, que o venderam para o Egito. Isso leva o indivíduo a refletir sobre seu pecado e a julgar a si mesmo especificamente em relação a certo pecado. Deus fala por meio do perigo, da aflição, da perturbação ou da doença que o ser humano sofre. Às vezes, Deus leva o indivíduo, quando este lê a Palavra, a prestar atenção em alguma coisa que o deixa com o coração aflito e com dúvidas a respeito de sua condição atual. Com freqüência, Deus se aproxima de indivíduos que ouvem a Palavra pregada, sua grande ordenança para convicção, conversão e edificação. Assim, Deus sempre golpeia os homens com a espada de sua Palavra, ferindo diretamente a raiz da concupiscência acalentada no peito, pegando o pecador de surpresa e o levando a ocupar-se com a mortificação e a abandonar a iniqüidade em seu coração.

Se a concupiscência tomar posse do indivíduo a ponto de obrigá-lo a romper os laços com o Senhor e a lançar de si as cordas divinas do amor; se abandonar suas convicções e voltar à postura anterior; se conseguir curar as feridas recebidas de Deus, a alma ficará

numa triste condição. São indizíveis os males que acompanham esse estado do coração. Cada advertência específica a um indivíduo nessa condição é de inestimável misericórdia. Que desprezo a Deus tem o indivíduo que resiste a essas advertências! Que infinita paciência tem o Senhor ao não repudiar essa pessoa nem jurar em sua ira que nunca entrará em seu descanso!

Existem essas e tantas outras evidências da existência de uma concupiscência perigosa ou até mortal. Conforme disse Jesus a respeito do espírito maligno: "Essa casta só sai pela oração e jejum", assim também digo das concupiscências desse tipo. O jejum habitual não surtirá efeito; precisamos apelar para meios extraordinários.

Esta é a primeira orientação: considere se a concupiscência ou tentação contra a qual você está lutando é acompanhada de qualquer um desses sintomas perigosos.

Antes de passar adiante, preciso fazer uma advertência para que ninguém se iluda com o que foi dito. Embora as coisas e os males já citados possam acontecer a cristãos verdadeiros, que ninguém conclua, quando os encontrar dentro de si, que é um cristão verdadeiro. São esses os males em que o cristão pode cair e ser enganado, não as coisas que constituem um cristão. Considerar-se cristão porque é adúltero, visto

que Davi, que cria em Deus, caiu em adultério, é o mesmo que considerar-se cristão com base nos sinais mencionados que indicam os males do pecado e de Satanás no coração do cristão.

O capítulo 7 de Romanos contém a descrição do homem regenerado. Aquele que considerar o que ali é dito contra seu lado tenebroso, contra a parte não regenerada do regenerado e contra o poder e a violência do pecado que permanece nele, pode, ao encontrar as mesmas coisas dentro de si, concluir que também é um indivíduo regenerado, mas estará muito enganado em seu raciocínio. Seria a mesma coisa que argumentar: um sábio que fica doente e ferido pode até fazer alguma coisa tola; por isso, todo doente e ferido que faz alguma coisa tola é um sábio. Ou é como se uma pessoa tola e deformada, ouvindo alguém dizer que uma pessoa belíssima tem alguma marca ou cicatriz que lhe reduz a beleza, concluísse que, assim como ela própria tem muitas cicatrizes, manchas e verrugas, também é belíssima. Se você quiser evidências do que significa ser cristão, é preciso buscá-las na base daquilo que faz os indivíduos serem cristãos. Aquele que possui esses sinais pode concluir com segurança: "Se sou cristão, sou um cristão muito miserável". Mas se algum indivíduo for assim, precisará procurar outras evidências, se quiser ter paz.

10

A segunda diretriz específica. *Seja consciente de: 1) A culpa do pecado traz perplexidade. Considerações para a ajuda proposta. 2) O múltiplo perigo: a) do endurecimento; b) da correção temporal; c) da perda da paz e das forças; d) da destruição eterna. Regras para o tratamento dessa consideração. 3) O mal que há no pecado: a) ao entristecer o Espírito; b) ao ferir a nova criatura.*

Diretriz 2: Tenha em mente a consciência nítida e constante, em primeiro lugar, da culpa; em segundo lugar, do perigo; e em terceiro, do mal, desse pecado que o deixa perplexo.

QUANTO À CULPA DO PECADO

Um dos enganos de uma concupiscência predominante é desculpar a própria culpa. Isso é uma coisinha de nada! Quando eu for me curvar na casa de Rimom, que Deus tenha misericórdia de mim. Ainda que seja ruim, não é tão ruim quanto esse ou aquele mal. Outras pessoas tementes a Deus já tiveram uma tendên-

cia assim, algumas até caíram em pecados terríveis! Há inúmeros caminhos por meio dos quais o pecado desvia a mente da repreensão justa e devida de sua culpa. Suas emanações nocivas obscurecem a mente, de modo que esta não consiga julgar corretamente os fatos: justificativas desconcertantes, promessas amenizadoras, desejos tumultuados, propósitos falsos de abandonar o pecado, esperança de misericórdia, tudo isso contribui para perturbar a mente no ato de considerar a culpa de uma concupiscência predominante. O profeta diz que a culpa fará tudo isso, ao chegar ao auge: "... porque abandonaram o SENHOR para se entregarem à prostituição, ao vinho velho e ao novo, prejudicando o discernimento do meu povo" (Os 4.10,11).

Assim como a culpa realiza essa obra ao extremo nos não regenerados, também a realiza em parte nos regenerados. Salomão diz, a respeito do que foi seduzido pela mulher leviana, um moço inexperiente, "um rapaz sem juízo" (Pv 7.7). Por que ele se mostra tolo? Porque age "sem saber que isso lhe custará a vida" (v. 23). Não pensa na culpa do mal em que está envolvido. O Senhor, esclarecendo por que seus tratos com Efraim não surtiam melhor efeito, explica: "Efraim é como uma pomba facilmente enganada e sem entendimento..." (Os 7.11); não tinha a mínima idéia da pró-

pria condição miserável. Seria possível Davi ficar tanto tempo na culpa daquele pecado abominável, se não tivesse inúmeras justificativas corrompidas, as quais o impediam de enxergar com clareza sua feiúra e sua culpa aos olhos da lei? Foi por isso que o profeta enviado para despertá-lo descartou todos os subterfúgios e fingimentos ao lidar com ele por meio de uma parábola. Assim, o rei ficaria plenamente convencido de quanto sua culpa era grande.

Essa é, em geral, a maneira de agir da concupiscência: escurece a mente para que não julgue corretamente sua culpa e encontra muitas maneiras (a respeito das quais não falarei agora) de se desculpar. Portanto, esta deve ser a primeira preocupação de quem quiser mortificar o pecado: fixar na mente a idéia de quanto é grande a culpa do pecado. Para isso, aproveite os benefícios decorrentes das seguintes considerações.

a) Embora o poder do pecado esteja enfraquecido pela graça inerente ao cristão, e o pecado já não exerça nele o mesmo domínio que tem sobre outras pessoas, a culpa pelo pecado que permanece em sua vida é agravada e aumentada pelo poder da graça. "Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo

nele?" (Rm 6.1,2). "Nós, os que morremos"; a ênfase recai na palavra *nós*. Como agiremos assim, já que nós (conforme o apóstolo passa a descrever a situação) recebemos graça de Cristo para fazer o contrário? Nós, sem dúvida, seremos mais iníquos do que qualquer outro, se continuarmos vivendo no pecado. Não vou insistir no agravamento dos pecados dessas pessoas que pecam muito mais que outras tendo diante de si maior abundância de amor, misericórdia, graça, assistência, alívio e livramento. Mas mantenha em mente a seguinte consideração: há inconcebivelmente mais iniqüidade e culpa no mal que ainda permanece em seu coração do que haveria na mesma quantidade de pecado caso não tivesse a graça. Observe:

b) Assim como Deus vê imensa beleza e excelência nos desejos do coração de seus servos, mais do que nas obras mais gloriosas de outros homens, sim, mais do que na maioria de suas realizações externas, contaminadas em maior grau pelo pecado do que os desejos e anseios de um coração cheio da graça, Deus também enxerga grande iniqüidade na atuação da concupiscência do coração do cristão — mais do que nos atos

famigerados dos ímpios e nos muitos pecados externos nos quais os santos porventura caiam, uma vez que, em geral, se faz mais oposição contra eles e mais humilhação geralmente os acompanha. Nesse aspecto, Cristo, ao tratar dos pecados de seus filhos decaídos (Ap 3.15), vai à raiz da questão, sem levar em conta o que professam: "Conheço as suas obras", você é bem diferente daquilo que alega ser, e isso o torna abominável.

Portanto, permita que essas considerações despertem-lhe a nítida consciência da culpa do pecado que habita em você, sem deixar espaço no coração para justificativas que amenizem o mal nem para desculpas, por meio das quais o pecado, imperceptivelmente, obtenha forças e prevaleça.

CONSIDERE OS PERIGOS DA CULPA

1) De se tornar endurecido pela capacidade que ela tem de enganar. Por isso adverte o autor de Hebreus, em 3.12,13: "Cuidado, irmãos, para que nenhum de vocês tenha coração perverso e incrédulo, que se afaste do Deus vivo. Ao contrário, encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama 'hoje', de modo que nenhum de vocês seja endurecido

pelo engano do pecado". Cuidado, diz ele, empreguem todos os meios, considerem suas tentações, vigiem com diligência. O pecado é traiçoeiro e enganoso, capaz de endurecer o coração contra o temor a Deus.

O endurecimento mencionado aqui é aquele que conduz à impenitência máxima e total: o pecado tende a isso, e toda indisposição moral e concupiscência avançará sempre nessa direção. Você, cujo coração era terno, que antes se quebrantava com a Palavra e com as aflições, vai tornar-se, segundo a linguagem profana de alguns, à prova de sermões e à prova de enfermidades. Você, que antes tremia diante da presença de Deus e da idéia da morte, ao ter de comparecer diante do Senhor, quando possuía mais certeza do amor divino do que agora, terá um espírito inflexível, que não se comoverá com coisas assim. Sua alma e seu pecado serão tocados e receberão avisos, mas você não se preocupará. Conseguirá deixar de lado os deveres e as orações, o que ouviu e o que leu, e seu coração não será afetado em nada. O pecado se tornará coisa sem significado, e você o deixará passar sem lhe dar importância. As coisas chegarão a esse ponto, e qual será o fim disso? Pode-lhe acontecer algo mais triste? Não é de fazer tremer qualquer coração pensar em ser levado a uma situação em que pensamentos levianos a res-

peito do pecado, da graça, da misericórdia, do sangue de Cristo, da lei, do céu e do inferno emergissem todos ao mesmo tempo? Cuidado! Seu pecado está operando nessa direção para endurecer-lhe o coração, para cauterizar sua consciência, cegar-lhe a mente, entorpecer a disposição da alma e enganar seu espírito.

b) O perigo de uma grande correção temporal, que as Escrituras chamam de vingança, juízo e castigo (Sl 89.30-33). Embora Deus não o repudie totalmente pela abominação que tem no coração, não deixará de visitá-lo com a vara. Mesmo que lhe perdoe e que o absolva, ele se vingará das coisas que você fez! Lembre-se de Davi e de todas as suas aflições! Veja como fugiu para o deserto e considere a mão de Deus sobre ele. Não significa nada para você se Deus, por ira, matar um filho seu, arruinar seus bens, quebrar-lhe os ossos, deixá-lo ser escândalo e vergonha? Se pela ira matá-lo, destruí-lo, fazendo-o mergulhar nas trevas? Não significa nada se ele castigar, arruinar e desgraçar outras pessoas por sua causa? Não me entenda mal. Não quero dizer que Deus sempre mande todas essas coisas com ira contra seu povo. Deus nos livre! Mas digo que, quando o Senhor lidar assim com você, e sua consciência der testemunho de que de fato

o provocou terrivelmente, descobrirá que os meios de Deus agir são amargos para a alma. Se não tem medo disso, receio que esteja com o coração endurecido.

c) O perigo de perder a paz e a força para sempre na vida. Ter paz com Deus, ter força para andar diante dele, é o resumo das grandes promessas da aliança da graça. Em todas essas coisas, acha-se a vida de nossa alma. Sem sua consoladora presença, viver é morrer. De que vale a vida, se não for para contemplar a face de Deus em paz? Se não tivermos força para andar com ele? Certamente, desejos pecaminosos não mortificados privarão a alma humana dessas duas bênçãos. Essa situação é tão evidente na vida de Davi que nada poderia ser mais claro. Quantas vezes ele se queixou de que seus ossos foram quebrados, sua alma ficou atribulada, suas feridas foram agravadas, tudo por causa de seu pecado! Vejamos outros exemplos: "Por causa da sua concupiscência perversa fiquei indignado e o feri..." (Is 57.17). Que paz, pergunto, existe para a alma enquanto Deus se esconde? Que força, enquanto Deus fere? "Então voltarei ao meu lugar até que eles admitam sua culpa. Eles buscarão a minha face..." (Os 5.15). Vou deixá-los, esconderei mi-

nha face, e o que será da paz e da força? Se, portanto, já desfrutou da paz com Deus, se seus terrores já o afligiram, se você já teve forças para andar com ele ou já se lastimou em sua oração e se perturbou por causa de sua fraqueza, pense nesse perigo pairando-lhe sobre a cabeça.

Talvez, muito breve, já não tenha paz ao olhar para a face de Deus. Pode ser que, antes do amanhecer, já não consiga orar, ler, escutar nem cumprir um dever com ânimo, vida ou vigor. É possível que nunca mais tenha uma hora sequer de tranqüilidade enquanto viver. Poderá carregar pelo restante de seus dias ossos quebrados, cheios de dor e de terror. Sim, talvez Deus atire contra você suas flechas e o encha de angústia e de perturbação, com temores e perplexidades. Talvez o transforme em um terror e em um pavor para você mesmo e para o próximo. Talvez lhe mostre, todo momento, o inferno e a ira e o assuste e amedronte com a triste visão de seu ódio; assim, ficará com feridas abertas durante a noite, e sua alma se recusará a ser consolada, de modo que prefira a morte à vida e deseje ser estrangulado. Considere por um instante que, embora Deus não o destrua totalmente, poderá lançá-lo nessa condição, em que terá a percep-

ção clara e vívida de sua ruína. Acostume seu coração a pensar sobre isso até que saiba qual é a conseqüência de estar nessa condição. Não abandone esse exame até ter levado sua alma a estremecer.

d) Existe o perigo da perdição eterna. Para lidar devidamente com essa questão, observe, em primeiro lugar, que há uma ligação entre a permanência no pecado e a destruição eterna. Embora Deus de fato resolva livrar alguns da permanência no pecado para não serem destruídos, não livrará da destruição nenhum dos que continuam no pecado. Dessa forma, enquanto alguém permanecer sob o poder contínuo do pecado, as ameaças de destruição e de separação eterna de Deus pesam sobre ele. É o que diz Hebreus 3.12, ao qual deve ser acrescentado Hebreus 10.38. Este é o modo de Deus agir: se alguém se afastar dele e recuar pela incredulidade, Deus não terá prazer nele. É o que deixa evidente Gálatas 6.8.

Além disso, o indivíduo envolvido a esse ponto com o que foi descrito anteriormente, pelo poder de qualquer corrupção, não possui, nessa condição, nenhuma evidência clara e decisiva

de sua participação na aliança, a qual é eficaz para livrá-lo de todo medo da destruição. Logo, com toda a razão, a destruição da parte do Senhor seria terrível pare ele, que pode e deve considerar tal ruína como o fim de seu modo de viver, de seus caminhos. “Portanto, agora já não há condenação para os que estão em Cristo Jesus” (Rm 8.1). É verdade! Mas quem tem o consolo dessa afirmação? Quem poderá tomá-la por certa em seu caso? “Os que andam segundo o Espírito, e não segundo a carne.” Mas você dirá: “Isso não é persuadir os homens a ser incrédulos?”. Respondo: não. Existe um duplo juízo a fazer de si mesmo: primeiro, de sua pessoa; segundo, de seus caminhos. Aqui falo do juízo de seus caminhos, não de sua pessoa. Mesmo se o indivíduo tiver as melhores referências possíveis a respeito de si, é seu dever julgar que um mau caminho o levará à destruição. Não pensar assim é ateísmo. Não digo que, nessas condições, o indivíduo deva lançar fora as evidências da participação pessoal em Cristo, mas sim que não será capaz de mantê-las. Existe uma dupla condenação do eu humano. Em primeiro lugar, no tocante ao merecimento, quando a alma conclui que merece ser expulsa da presença de

Deus. Isso, longe de ser atuação da incredulidade, é efeito da fé. Em segundo lugar, no que se refere ao resultado, aos fatos, quando a alma chega à conclusão de que será condenada. Não digo que isso deva acontecer a alguém nem o desejo, mas o fim merecido de um indivíduo que segue maus caminhos, como ele mesmo deve concluir, é a morte, a fim de que seja provocado a fugir dela. Essa é outra consideração que a alma deve fazer, se deseja libertar-se do embaraço de suas concupiscências.

CONSIDERE OS MALES DO PECADO

Refiro-me aos males presentes: o perigo diz respeito ao que está por vir; o mal está presente. Podem ser mencionados alguns dos muitos males que acompanham um pecado não mortificado.

a) Entristece o santo e bendito Espírito, dado aos cristãos para neles habitar e permanecer. Assim, o apóstolo (Ef 4.25-29), para dissuadir os cristãos de muitas concupiscências e pecados, oferece a seguinte motivação: "Não entristeçam o Espírito Santo de Deus, com o qual vocês foram selados para o dia da redenção" (v. 30). Não entristeçam o Espírito de Deus, diz ele, por meio

de quem vocês recebem tantos e tão grandes benefícios, dos quais ele cita como exemplo um que é notável e excelente: o selo para o dia da redenção. O Espírito se entristece por isso, assim como um amigo terno e amoroso é entristecido pela maldade que recebeu do amigo, da parte de quem só esperava o bem. Assim acontece com esse Espírito terno e amoroso, que escolheu nosso coração para habitar e ali fazer em nosso favor tudo quanto nossa alma deseja. É entristecido quando abrigamos no coração, com ele, seus inimigos e aqueles que ele terá de destruir. Ele não deseja nos afligir nem entristecer (Lm 3.33), mas será que o entristecemos diariamente? Por isso, às vezes se diz que o Espírito fica magoado ou entristecido de coração, para expressar o significado maior de nossa provocação.

Caso ainda exista na alma algum resquício de sinceridade cheia de graça, se não estiver totalmente endurecida pelo engano do pecado, essa consideração, sem dúvida, a afetará. Pense em quem e no que você é, em quem é o Espírito que está entristecendo, o que ele fez por você, por que ele vem até sua alma, o que já operou em você, e sinta-se envergonhado. Para os que andam com Deus, não existe maior motivação e

incentivo à santidade e à preservação do coração e do espírito em toda a pureza do que este: que o bendito Espírito, comprometido a habitar neles, como templos de Deus que são, e a conservá-los dignos da Pessoa que neles habita, continuamente observa o que eles acolhem no coração e se regozija quando seu templo é conservado livre de contaminação. Esse foi o grande agravante do pecado de Zinri, que introduziu uma adúltera na congregação, à vista de Moisés e dos demais que choravam pelos pecados do povo (Nm 25.6). Não é mais séria nossa aceitação de um pecado quando permitimos que habite em nosso coração, quando é acolhido (como forçosamente acontece se somos cristãos) sob o olhar típico do Espírito Santo, zeloso de conservar puro e santo seu tabernáculo?

b) O Senhor Jesus é ferido de novo por esse pecado. Sua nova criatura é ferida no coração. Seu amor é frustrado, e seu adversário, gratificado. Assim como abandonar totalmente a Jesus mediante o engano do pecado é crucificá-lo de novo e expô-lo à vergonha pública, também, quando alguém acalenta o pecado que Jesus veio para destruir, deixa-o ferido e magoado.

c) O pecado anula a utilidade do indivíduo em sua geração. Suas obras, seus esforços, sua labuta raras vezes recebem a bênção de Deus. Caso se trate de um pregador, Deus quase sempre golpeia seu ministério de modo que trabalhe em meio a chamas e não seja honrado com qualquer sucesso nem com a realização de obra alguma para Deus. O mesmo se pode dizer de outras atividades. Nestes dias, o mundo está cheio de cristãos professos pobres e inexpressivos: pouquíssimos andam em alguma beleza ou glória! Quanto são estéreis e inúteis em boa parte do que fazem! Das inúmeras razões atribuídas a esse triste estado, receamos com justiça que uma das mais importantes seja o fato de muitos acalentarem no íntimo concupiscências que lhes devoram o espírito, fixam-se como vermes na raiz de sua obediência, corroendo-a e enfraquecendo-a dia a dia. Todas as graças e todos os meios pelos quais a graça pode ser exercida e desenvolvida são prejudicados. E, quando há algum sucesso, Deus fulmina os empreendimentos desses indivíduos.

Essa, portanto, é minha segunda diretriz e diz respeito à oposição a ser feita contra o pecado e a sua permanência na alma. Mantenha vivas no

coração essas e outras considerações sobre a culpa, o perigo e a iniqüidade; medite muito nessas coisas; fixe continuamente a atenção nelas. Ocupe seus pensamentos com essas considerações. Não se desligue nem se desvie delas, até que comecem a influenciar poderosamente a alma e a façam estremecer.

11

Proposta a terceira diretriz. *Encha a consciência com o peso da culpa pela indisposição moral que gera perplexidade. Os meios para isso. Quarta diretriz. Desejo veemente de livramento. Quinta diretriz. Algumas indisposições morais estão profundamente arraigadas no temperamento natural dos seres humanos. Considerações sobre essas indisposições: modos de lidar com elas. Sexta diretriz. Prevenção de ocasiões e de vantagens do pecado. Sétima diretriz. Oposição rigorosa às primeiras atuações do pecado.*

Diretriz 3. Deixe a consciência sentir o peso da culpa desse mal, não somente se considerando culpada, mas também sentindo o peso dos efeitos e dos reais distúrbios provocados por essa indisposição moral.

Para o desenvolvimento correto dessa regra, oferecerei algumas diretrizes específicas.

1) Adote o método de Deus na questão e comece com as proposições gerais, para, em seguida, observar as particulares.

a) Faça sua consciência sentir a culpa que nela se encontra à luz da retidão e da santidade da lei. Traga a santa lei de Deus para dentro da consciência; ponha sua corrupção diante dessa lei. Ore para que sua consciência seja tocada por ela. Considere a santidade, a espiritualidade, a ardente severidade, a interioridade e a qualidade absoluta da lei. Pense em como é possível ficar diante dela. Ocupe a consciência com o temor do Senhor por meio da lei, em como é justo cada transgressão receber a merecida recompensa. Talvez sua consciência invente disfarces e evasivas para não sentir o poder dessa consideração, tais como: o poder condenatório da lei nada tem a ver com você, pois já está liberto, e assim por diante. Embora não se sinta confortável com ela, não precisa se preocupar muito.

   Diga à sua consciência que ela não conseguirá qualquer evidência de estar livre do poder condenatório da lei. Enquanto sua concupiscência não mortificada continuar ocupando seu coração, fazendo com que a lei justifique a petição contra você para obter pleno domínio de sua vida, será uma criatura perdida. Portanto, é melhor ponderar ao máximo o que a lei tem a dizer.

Com toda a certeza, aquele que alega, de todo o coração, estar liberto do poder condenatório da lei, mas que secretamente concede permissão, ainda que mínima, a qualquer pecado ou concupiscência, não é capaz de comprovar sua firmeza espiritual nem de demonstrar, de fato e de modo apropriado, estar liberto daquilo que tanto afirma estar livre.

Além disso, seja qual for a questão em pauta, a lei é comissionada por Deus para apanhar transgressores, onde quer que os ache. Leva-os perante o trono divino, onde terão de se defender. Essa é sua situação agora. A lei o desmascarou e o levará diante de Deus. Se conseguir pleitear o perdão, tudo bem; de outra forma, a lei realizará sua obra.

Entretanto, a obra apropriada da lei é desmascarar a culpa do pecado, despertar e humilhar a alma por causa dele, ser um espelho que reflita exatamente o pecado. Caso você se recuse a lidar com ela nessa base, não será pela fé, mas pela dureza de seu coração e pelo engano do pecado.

Essa é uma porta através da qual grande número de cristãos professos sai para a apostasia declarada. Buscando livramento da lei, não mais consultaram sua orientação e suas diretrizes nem

a aceitarem como medida de seus pecados. Pouco a pouco, esse princípio passou, sem que se sentisse, de mera noção para influência sobre o entendimento prático. Depois de tomar posse ali, deixou a vontade e as disposições da alma liberadas para todas as formas de abominações.

Por causa de coisas assim, digo, induza sua consciência a escutar com diligência o que a lei fala em nome do Senhor a respeito de seu pecado e de sua corrupção. Ah, se seus ouvidos estiverem abertos, ela lhe falará com uma voz que o deixará tremendo, que o lançará por terra, deixando-o atônito. Se quiser mortificar sua corrupção, precisa conectar sua consciência à lei e protegê-la de todos os disfarces e exceções, até que ela reconheça a própria culpa com clareza e eficácia de entendimento, a fim de que a partir daí, conforme diz Davi, seu pecado sempre o persiga (Sl 51.3).

b) Leve sua concupiscência ao evangelho, não para receber alívio, mas para ter convicção de sua culpa: olhe para Aquele a quem transpassou e amargure-se. Diga à sua alma: "O que fiz? Quanto amor, quanta misericórdia, quanto sangue, quanta graça desprezei e pisoteei! É assim que

retribuo ao Pai o seu amor, ao Filho o seu sangue, ao Espírito Santo a sua graça? É assim que recompenso o Senhor? Maculei o coração pelo qual Cristo morreu para lavar, que o bendito Espírito escolheu para habitar? Como posso ficar sem me lançar ao pó? O que direi ao querido Senhor Jesus? Como erguerei a cabeça com confiança diante dele? Considero a comunhão com ele de tão pouco valor que, por amor a essa concupiscência vil, quase não deixei o mínimo espaço para Jesus em meu coração? Como escaparei, se negligenciar tão grande salvação? Ao mesmo tempo, o que direi ao Senhor? O amor, a misericórdia, a graça, a bondade, a paz, a alegria, a consolação, desprezei e considerei como nada, só para acalentar um pecado no coração.

"Alcancei uma visão da face paterna de Deus para contemplar seu rosto e provocá-lo face a face? Minha alma foi lavada a fim de ter mais espaço para novas impurezas? Vou esforçar-me para tornar vão o propósito da morte de Cristo? Vou entristecer diariamente esse Espírito mediante o qual sou selado para o dia da redenção?"

Ocupe sua consciência diariamente com esses pensamentos. Veja se ela consegue manter-se firme diante desse agravamento de sua culpa.

Se ela não for levada a se rebaixar e a se quebrantar na medida certa, receio que seu caso seja perigoso.

2) Passe para as proposições particulares. Agora, todos os benefícios dos princípios gerais do evangelho devem ser levados em conta, como, por exemplo, a redenção, a justificação e coisas semelhantes. Considere, em especial, o amor pela alma expresso por eles mediante o agravamento da culpa da corrupção:

a) Considere a paciência e a tolerância infinitas de Deus com você. Considere como o Senhor poderia tê-lo tornado vergonha e opróbrio deste mundo, objeto de ira para sempre; como tem sido falso e traiçoeiro com Deus em muitas ocasiões, lisonjeando-o com os lábios, mas quebrando todas as promessas e compromissos com ele por meio do pecado contra o qual agora luta. Mesmo assim, Deus poupou você em muitas ocasiões, embora tenha a ousadia de pôr a paciência dele à prova para ver até onde ele agüenta. Por que ainda peca contra o Senhor? Quer cansá-lo e submetê-lo a suas corrupções?

   Será que achava totalmente impossível que Deus o suportasse por mais tempo? Que ele o repudiaria e que não seria mais gracioso com você? Que

toda a tolerância dele se esgotara e que o inferno e a ira já estavam preparados e prontos para você? Entretanto, acima de todas as suas expectativas, ele voltou a visitá-lo com amor, mas, mesmo assim, você continua a provocá-lo diante de sua glória?

b) Quantas vezes esteve a ponto de se endurecer pelo engano do pecado, mas pela graça rica e infinita de Deus foi restaurado à comunhão renovada com o Senhor!

   Não percebeu que estava decaindo da graça, que o deleite nas disciplinas, nas ordenanças, na oração e na meditação desapareciam, que aumentava a inclinação para o viver frouxo e descuidado e que todos esses males, assim como antes, começavam a se emaranhar novamente em sua vida de forma quase irreversível? Ocupou-se de prazeres, de caminhos e de convívio com companheiros de quem Deus se desagrada? Quer aventurar-se para ainda mais perto da beira do abismo do endurecimento?

c) Todos os meios de Deus lidar com você pela graça, com disposições providenciais, livramentos, aflições, misericórdias, prazeres, tudo acontece aqui. Por isso, digo, e por meios semelhantes,

bombardeie sua consciência e não lhe dê sossego até sentir totalmente a culpa da corrupção que habita em você, até que tome conhecimento de sua ferida e se prostre no pó diante do Senhor. Se isso foi feito de modo eficaz, todos os demais esforços perderão o valor. Enquanto a consciência tiver meios de aliviar-se da culpa do pecado, a alma nunca tentará fazer a própria mortificação.

Diretriz 4

Estando assim afetado por seu pecado, passe em seguida a buscar o anseio e o desejo constantes de livrar-se do poder dele. Não permita que o coração fique um momento sequer acomodado com seu estado e condição atuais. Desejos ansiosos de realização natural e social não têm valor nem consideração além de incitar e de despertar o indivíduo em quem existe o uso diligente de meios para alcançar o objetivo visado. No campo espiritual, é diferente. O anseio profundo de livramento é, em si, uma graça e tem grande poder para conformar a alma ao que deseja. Por isso, o apóstolo, ao descrever a divina tristeza do arrependimento, na carta aos Coríntios, atribui esse desejo veemente a uma das importantes graças colocada em

ação (2Co 7.11). No caso do pecado que habita em seu íntimo e do poder que nele opera, o que ele declara (Rm 7.24)? Seu coração anseia ardente e apaixonadamente por libertação. Se essa é a mentalidade dos santos ao fazer o exame geral do pecado que neles habita, como será ampliada e ressaltada quando se acrescentarem a ira e o poder assustador de algum pecado e corrupção específicos! Pode ter certeza de que, se não ansiar por livramento, não o obterá.

Isso deixará seu coração vigilante, em busca de todas as oportunidades de obter vantagem contra o inimigo, disposto a aceitar qualquer tipo de assistência para destruí-lo. Os desejos ardentes são a própria vida de quem "ora continuamente". Isso nos é recomendado em todas as condições, e em nenhuma delas é mais necessário do que quando é preciso pôr em operação a fé e a esperança, movendo a alma em direção ao Senhor. Coloque sua alma numa condição de ofegar e de suspirar; anseie, suspire, clame. Você conhece o exemplo de Davi; não preciso insistir nele.

Diretriz 5

Considere se a indisposição moral que deixa você perplexo não está arraigada em sua natureza e não é acalentada, alimentada e ampliada por sua constituição. Sem dúvida, uma tendência a determinados pe-

cados pode achar-se no temperamento e na disposição natural dos seres humanos. Nesse caso, considere:

1) Isso nem de longe constitui a mínima atenuação da culpa pelo pecado. Alguns, com uma conotação abertamente profana, atribuirão toda perversidade a seu temperamento. Não sei se outros usam a mesma consideração para se sentir livres da culpa de sua intemperança. Por causa da queda, da depravação original de nossa natureza, o combustível e o alimento de qualquer pecado permanecem em nosso temperamento natural. Davi reconhece o fato de ser pecador de nascença, desde que foi concebido pela mãe (Sl 51.5), fato que agrava e não diminui nem atenua seu pecado. Se você tem especial tendência a determinada intemperança pecaminosa, isso não passa de manifestação da concupiscência original de sua natureza, que quer rebaixá-lo e humilhá-lo.

2) O que você precisa ter sempre em mente, em seu andar com Deus, é que seu temperamento e sua disposição concedem imensa vantagem ao pecado e a Satanás. Sem vigilância, cuidado e diligência, certamente prevalecerão contra sua alma. Milhares de pessoas já foram lançadas precipitadamente no inferno por esse motivo. De outra forma, na pior das hipó-

teses, teriam ido numa velocidade mais suave, menos provocadora, menos maligna.

3) Para a mortificação de uma indisposição moral tão arraigada na natureza humana, além de todos os meios e modos já mencionados, nos quais ainda se insistirá, existe um recurso notavelmente apropriado. É aquele do apóstolo: "Mas esmurro o meu corpo e faço dele meu escravo..." (1Co 9.27). Reduzir o próprio corpo à sujeição é uma ordenança de Deus que visa à mortificação do pecado. Refreia a raiz natural da indisposição moral e a faz murchar ao remover-lhe a riqueza do solo. Talvez seja por isso que os romanistas (indivíduos que desconhecem a justiça de Cristo, a obra de seu Espírito e a totalidade do assunto em pauta, por ignorarem a verdadeira natureza do pecado e da mortificação) atribuem todo o peso da mortificação às obras voluntárias, dando tanta ênfase às penitências que supostamente deveriam levar à sujeição do corpo, mas que podem ser, no entanto, uma tentação para negligenciar alguns meios de humilhação reconhecidos e determinados pelo próprio Deus. Pôr o corpo em sujeição, no caso mencionado acima, reduzindo o apetite natural mediante jejuns, vigílias e práticas semelhantes, é sem nenhuma dúvida aceitável a Deus, se feito dentro das limitações a seguir.

a) Que o enfraquecimento e o impedimento externos do corpo não sejam considerados bons em si mesmos nem constituam mortificação alguma (pois isso nos submeteria às ordenanças carnais), mas somente um meio para os fins propostos: o enfraquecimento de toda indisposição maligna na raiz e na sede naturais. Um indivíduo pode fazer emagrecer o corpo e a alma ao mesmo tempo.

b) Que os meios de realizar essas práticas, a saber, os jejuns, as vigílias etc., não sejam considerados coisas que em si mesmas, e em virtude de seu próprio poder, sejam capazes de produzir a verdadeira mortificação de algum pecado, pois, se pudessem, o pecado seria mortificado, sem ajuda alguma do Espírito, em qualquer pessoa não regenerada do mundo. Devem ser considerados simplesmente meios pelos quais o Espírito exerce seu poder para o acompanhamento da própria obra, especialmente no caso mencionado. A falta de compreensão correta e do devido desenvolvimento dessas considerações e de outras semelhantes fez surgir entre os católicos romanos um sistema de mortificação que seria mais bem aplicado a cavalos e a outros animais do campo do que a cristãos.

Este é o resumo do que foi dito: quando a intemperança parece arraigada ao temperamento e à constituição naturais, devemos aplicar nossa alma à participação no sangue e no Espírito de Cristo; um esforço deve ser feito para refrear, pelo método de Deus, a raiz natural de tal intemperança.

Diretriz 6

Verifique as ocasiões e as oportunidades que sua indisposição moral aproveita para exercer domínio e se manifestar. Vigie todas elas. Essa é uma das partes da disciplina que nosso bendito Salvador recomenda a seus discípulos e que chama de vigilância: "O que lhes digo, digo a todos: Vigiem!" (Mc 13.37), o que em Lucas 21.34 é expresso: "Tenham cuidado, para não sobrecarregar o coração de vocês...": vigiem todas as manifestações de suas corrupções. Refiro-me ao dever que Davi professava pôr em prática. Disse ele: "... guardei-me de praticar o mal" (Sl 18.23). Ele vigiava todos os meios e táticas de sua iniqüidade, a fim de lhes tomar a dianteira e de se levantar contra eles. É a isso que somos convocados com a ordem de "considerar os nossos caminhos".

Pense nos caminhos, convívios, oportunidades, estudos, negócios e condições oferecidos no passado, ou

que lhe continuam sendo oferecidos, que tiram vantagem de sua indisposição moral. Coloque-se zelosamente contra todos eles. O ser humano faz isso contra as enfermidades e indisposições físicas: a estação, a comida, o ar que lhe fez mal, tudo isso é evitado. As coisas da alma têm menos importância? Saiba que quem ousa distrair-se com oportunidades de pecar também ousará pecar. Aquele que se aventura nas tentações à iniqüidade também se aventurará na própria iniqüidade. Hazael achava que não era tão ímpio quanto o profeta disse que seria; para convencê-lo, o profeta não lhe diz mais do que "você se tornará rei da Síria" (2Rs 8.13). Se gosta de se aventurar em tentações para a crueldade, será cruel. Se contar a um homem que cometerá tais e tais pecados, ele ficará assustado. Se conseguir convencê-lo de que se aventurará nessas ocasiões e tentações, pouca base sobrará para ele se sentir confiante.

As diretrizes específicas pertinentes a esse assunto são muitas para ser abordadas aqui. Todavia, como o assunto não é menos importante do que as demais doutrinas que aqui temos enfocado, tratei-o de modo mais amplo em outros itens que falam sobre a tentação.

Diretriz 7

Oponha-se poderosamente contra a primeira manifestação de sua indisposição moral, contra as primei-

ras idéias que surgirem. Não a deixe conquistar o mínimo terreno sequer. Não lhe diga: "Até aqui você pode chegar, mas não além". Se ela tiver licença de avançar um só passo, dará mais um. É impossível determinar limites para o pecado. É como a água num canal: uma vez que irrompe, segue o próprio curso. É mais fácil refreá-la quando está parada do que quando em movimento. É por isso que Tiago fala da graduação e do processo da concupiscência (1.14,15), a fim de que possamos detê-la logo no começo. Ao perceber que sua corrupção começa a embaraçar-lhe os pensamentos, oponha-se a ela com todas as suas forças, com mais indignação do que se tivesse conseguido todos os seus propósitos. Considere o que um pensamento impuro deseja alcançar: quer que você deite e role na tolice e na imundície. Pergunte à inveja o que ela almeja: a morte e a destruição. Lute contra ela com mais vigor do que se já estivesse humilhado em iniqüidade. Sem essa tomada de posição, não terá vitória. Assim como o pecado conquista terreno nas afeições da alma para se deleitar nelas, também o faz no entendimento, para aviltá-lo.

12

A *oitava diretriz.* *Pensar na excelência da majestade de Deus. Proposta e considerada nossa falta de conhecimento de Deus.*

Diretriz 8

Faça e pratique meditações que o tornem humilde o tempo todo e com idéias acerca de seu valor limitado. Como segue:

1) Reflita durante longo período na excelência da majestade de Deus e em sua distância infinita e inconcebível. Refletir bastante nisso certamente o conscientizará de sua própria pequenez, o que fere profundamente a raiz de qualquer pecado que habita em você. Ao chegar à clara descoberta da grandeza e da excelência de Deus, Jó enche-se de aversão por si mesmo e força-se à humilhação (Jó 42.5,6). E em que estado Habacuque fica, conforme afirma, ao compreender a majestade de Deus? Veja o capítulo 3.16. Em Jó 37.22, lemos: "... Deus vem em temível majestade".

Por isso é que as pessoas da Antigüidade pensavam que, se vissem a Deus, morreriam. As Escrituras estão cheias de exemplos de pessoas que se humilharam. Há passagens que, ao comparar os seres humanos com Deus, chamam-nos de "gafanhotos", de "vaidade", de "o pó que resta na balança" (Is 40.13-15). Encha-se de pensamentos como esses para diminuir o orgulho de seu coração e para manter sua alma humilde. Nada melhor para criar em você forte resistência ao engano do pecado do que essa disposição de coração. Pense muitíssimo na grandeza de Deus.

2) Reflita muito em sua falta de conhecimento de Deus. Embora você conheça o suficiente para se manter modesto e humilde, é pequeníssima a porção que sabe a respeito dele! Contemplando isso, o homem sábio mergulhou na compreensão de si mesmo, que expressa com as seguintes palavras: "Sou o mais tolo dos homens; não tenho o entendimento de um ser humano. Não aprendi sabedoria nem tenho conhecimento do Santo. Quem subiu aos céus e desceu? Quem ajuntou nas mãos os ventos? Quem embrulhou as águas em sua capa? Quem fixou todos os limites da terra? Qual é o seu nome, e o nome de seu filho? Conte-me, se você sabe!" (Pv 30.2-4). Considere também o seguinte para abater o orgulho do coração: o que você sabe a

respeito de Deus? É ínfimo! Quão imenso é Deus em sua natureza! Você é capaz de encarar o abismo da eternidade sem ficar aterrorizado? Não consegue suportar o esplendor de seu glorioso ser.

Por julgar essa consideração de grande utilidade em nosso andar com Deus, à medida que se mantém (como de fato se deve manter) a harmonia com a plena confiança de filhos em nossa aproximação do trono da graça, confiança esta que nos é dada em Jesus Cristo, insistirei mais ainda nesse ponto, a fim de dar impressão permanente disso às almas dos que desejam andar humildemente com Deus.

Considere, portanto, digo, a fim de manter o coração em temor reverente e contínuo diante da majestade de Deus, que pessoas com as mais sublimes e eminentes realizações, que desfrutam de comunhão mais próxima e de maior familiaridade com Deus, apesar dessa condição, pouco conhecem dele e de sua glória. Deus revelou seu nome a Moisés, até mesmo os atributos mais gloriosos da aliança da graça, mas isso foi apenas conhecer a Deus pelas costas (Êx 34.5,6). Tudo o que Moisés viu foi pouco e insignificante em comparação com a perfeição da glória do Senhor.

Com referência a Moisés, está escrito: "Ninguém jamais viu a Deus..." (Jo 1.18). A respeito de Moisés, por comparação com Cristo (v. 17), se diz que "ninguém",

nem sequer Moisés, o mais eminente dentre eles, "jamais viu a Deus". Falamos muito sobre Deus. Conseguimos conversar a seu respeito, sobre seus caminhos, suas obras, seus conselhos, durante a vida inteira, mas a verdade é que sabemos bem pouco a respeito dele. Nossos pensamentos, nossas meditações, nossas expressões sobre ele são inferiores. Muitos de nós são indignos de sua glória, e nenhum alcança sua perfeição.

Você diria que Moisés encontrava-se debaixo da lei quando Deus cercou-se de escuridão, envolvendo também a mente de Moisés em tipos, nuvens e instituições enigmáticas. Com o brilho glorioso do evangelho, que trouxe à luz a vida e a imortalidade, Deus foi revelado a partir de seu íntimo, e hoje o conhecemos com muito mais clareza e conforme ele é de fato. Agora vemos seu rosto, não apenas as costas, como Moisés viu.

Resposta 1. Reconheço a enorme diferença, quase inconcebível, entre o conhecimento que agora temos de Deus, depois de ter falado conosco por intermédio do próprio Filho, e o que tinham os santos em geral debaixo da lei (Hb 1.2), pois embora tivessem olhos tão bons e precisos como os nossos, sua fé e entendimento espirituais não fossem inferiores aos nossos, e o objeto da fé fosse tão glorioso para eles quanto para nós, nosso dia raiou mais claro do que o deles. As nuvens foram sopradas e espalhadas para longe, as trevas

da noite se foram e fugiram, o sol raiou, e a visão melhorou sua percepção e ficou mais clara (Ct 4.6).

Resposta 2. Embora a visão que Moisés teve de Deus (Êx 34) tenha sido uma visão do alto, uma visão de Deus como gracioso etc., não foi além de ver as costas do Senhor, ou seja, de pouco valor em comparação com sua excelência e perfeição.

Resposta 3. O apóstolo, exaltando ao máximo a gloriosa luz do evangelho acima da luz da lei e declarando que agora o véu que provocava as trevas está removido, de modo que "com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor", diz como a refletimos: como espelho (2Co 3.18). Isso ocorre com clareza e perfeição? Lamentavelmente, não! Paulo diz como é esse "refletir" (1Co 13.12): "Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho...". Não é de um telescópio, para nos ajudar a ver as coisas a distância, que fala o apóstolo. E que ajuda precária é o telescópio! Como é insuficiente para melhorar nossa visão, apesar da assistência que presta! Mas Paulo refere-se a um espelho, no qual só existem imagens pouco nítidas das coisas, não as próprias coisas. Compara nossos conhecimentos a olhar para um espelho e diz também que tudo quanto de fato vemos por esse espelho é "enigma", misterioso nas trevas e na obscuridade. Falando de si mesmo, sem dúvida alguém com maior clareza de

visão do que qualquer pessoa de seu tempo, afirma que conhecia em parte: só via, por assim dizer, as costas das coisas celestiais (v. 12).

Paulo compara todos os conhecimentos que alcançou a respeito de Deus com os que tinha das coisas quando menino (v. 11): eram parciais, não chegando a ser conhecimento perfeito. Por isso, passarão ou desaparecerão. Conhecemos as noções e percepções fracas, tênues e incertas que as crianças têm de qualquer idéia abstrata. Sabemos que, quando as crianças crescem e aprimoram suas capacidades, essas concepções desaparecem, e até se envergonham delas. É recomendável a uma criança que ame e honre seu pai, que acredite nele e que obedeça às suas ordens, mas, quanto aos conhecimentos e noções que tem, o pai sabe que são coisas de criança. A despeito da confiança que temos em nossa grande competência, todas as nossas noções a respeito de Deus não passam de infantilidade em comparação com sua perfeição infinita. Na maior parte das vezes, só balbuciamos e dizemos o que não sabemos, mesmo em nossos conceitos e noções de Deus que consideramos mais exatos. Podemos amar, honrar e obedecer a nosso Pai, e ele aceita nossos pensamentos infantis, pois não passam disso. Somente o vemos pelas costas e pouco sabemos a seu respeito.

Por isso, temos a promessa que tão freqüentemente nos sustenta e nos consola em nossas aflições: "... o

veremos como ele é" (1Jo 3.2); "... veremos face a face"; "... conhecerei plenamente, da mesma forma como sou plenamente conhecido" (1Co 13.12); ou seja, agora de fato não o vemos. Tudo leva a concluir que aqui só vemos as costas de Deus, não como ele é, mas uma representação sombria e obscura, longe da perfeição de sua glória.

A rainha de Sabá ouvira falar muitas coisas a respeito de Salomão. Com isso, elaborou muitos conceitos grandiosos da magnificência do rei, mas, quando foi até ele e viu sua glória, sentiu-se forçada a confessar que nem sequer metade da verdade lhe tinha sido contada. Podemos supor que nesta vida alcançamos grandes conhecimentos, idéias sublimes e nobres a respeito de Deus. Mas, ai de nós! Quando ele nos levar à sua presença, clamaremos que nunca o conhecemos como ele realmente é; nem a milésima parte de sua glória, perfeição e bem-aventurança penetrou nosso entendimento.

O apóstolo diz (1Jo 3.2) que ainda não sabemos o que vamos ser, como vamos estar naquela situação. Menos ainda passa pelo coração humano conceber como Deus é e descobrir quem ele é. Isso fica ainda mais evidente quando consideramos Aquele que deve ser conhecido e o que sabemos dele agora.

1) Sabemos tão pouco sobre Deus porque é assim que o Senhor deve ser conhecido, ou seja, ele mesmo se descreveu desse modo, a fim de que não o conhecêssemos. Que outra coisa pretende ao chamar a si mesmo de invisível e incompreensível? Isto é, ele é Aquele que não sabemos como é nem poderíamos chegar a saber. Nosso progresso no conhecimento de Deus consiste mais em saber o que ele não é do que o que ele é. Assim, Deus é descrito como imortal, infinito e, portanto, diferente de nós, mortais, finitos e limitados. Daí a descrição gloriosa dele: "O único que é imortal e habita em luz inacessível, a quem ninguém viu nem pode ver..." (1Tm 6.16). Sua luz é tamanha que nenhuma criatura pode se aproximar dele. Deus não é visto não porque não possa ser visto, mas porque não podemos suportar a visão dele. A luz de Deus, em quem não há trevas, impede todo acesso de qualquer criatura existente a ele. Nós, que não conseguimos olhar para o Sol em sua glória, somos demasiadamente fracos para suportar os raios do brilho infinito de Deus.

No que se refere a essa questão, conforme já se disse, o sábio parece um verdadeiro animal destituído de qualquer entendimento humano (Pv 30.2), ou seja, nada sabe em comparação ao Senhor, de modo que parece destituído de entendimento quando faz considerações a respeito de Deus, de suas obras e de seus

caminhos. É preciso entrar em alguns pormenores sobre esse assunto.

Quanto à pessoa de Deus, estamos tão longe de conhecê-lo o suficiente para nos instruir mutuamente a respeito dele, mediante palavras e expressões humanas, que formar qualquer conceito em nossa mente usando imagens e impressões em geral empregadas para conhecer as demais coisas é como fazer um ídolo e, assim, adorar a um deus criado por nós, não ao Deus que nos criou. Seria o mesmo que, e não menos ilícito, esculpi-lo em madeira ou pedra para formá-lo em nossa mente como um ser adequado a nosso entendimento.

A melhor idéia que possamos ter no tocante à pessoa de Deus é que não é possível ter idéia alguma a respeito dele. Nosso conhecimento de seu ser é muito inferior, quando não vai além de meramente constatar que não o conhecemos.

Além disso, existem alguns aspectos de Deus a respeito dos quais ele mesmo nos ensinou a falar, controlando nossas expressões; mas, feito isso, não vislumbramos a própria realidade nem a conhecemos. O máximo que conseguimos é crer e admirar. Professamos, conforme somos ensinados, que Deus é infinito, onipotente, eterno, e sabemos quantas polêmicas e noções existem a respeito da onipresença, da imensidão, do infinito e da eternidade. Afirmo que temos pala-

vras e noções a respeito desses atributos, mas deles mesmos o que sabemos, o que compreendemos? Pode a mente humana, que é como nada, fazer mais do que se perder num abismo infinito ou se entregar àquilo que nem consegue conceber, muito menos expressar? Nosso entendimento não é animalesco na contemplação dessas coisas, como se nem existissem? Sim, a perfeição de nosso entendimento é não entender e permanecer nisto: temos apenas um vislumbre daquilo que não passa das costas da eternidade e do infinito.

O que direi da Trindade ou da subsistência de pessoas distintas na mesma essência individual? Esse mistério é negado por muitos, porque não é entendido por ninguém. É um mistério, cujas letras são todas misteriosas. Quem pode declarar a geração do Filho, a emanação do Espírito e a diferença entre uma e outra? Mas não vou dar mais exemplos em detalhes.

Essa distância infinita e inconcebível entre nós e Deus mantém-nos na sombra em relação a qualquer visão de seu rosto ou a qualquer compreensão clara de sua perfeição. Conhecemos a Deus mais por meio de seus atos do que por aquilo que ele é, mais pelo bem específico que nos faz do que por sua bondade essencial. Conforme diz Jó, como é pequena a porção dele que dessa forma descobrimos!

2) Sabemos pouca coisa a respeito de Deus, pois é exclusivamente pela fé que o conhecemos. Não tratarei agora das impressões permanentes que a natureza deixa no coração de todos quanto à existência de Deus nem daquilo que podem aprender racionalmente a respeito desse Deus pelas obras de sua criação e providência que vêem e contemplam. Esse conhecimento é reconhecidamente, conforme a lastimável experiência de todos os tempos, tão fraco, inferior, obscuro, confuso, que por isso ninguém jamais glorificou a Deus conforme deveria; ao contrário, a despeito do todos os seus conhecimentos sobre Deus, os homens estavam, na verdade, sem Deus neste mundo.

O conhecimento principal e quase único que temos de Deus e da revelação de si mesmo vem pela fé. "... quem dele [de Deus] se aproxima precisa crer que ele existe e que recompensa aqueles que o buscam" (Hb 11.6). Nosso conhecimento de Deus e de sua recompensa (o alicerce de nossa obediência ou de nossa aproximação dele) é crer. "Porque vivemos por fé, e não pelo que vemos" (2Co 5.7). Vivemos pela fé, de modo que, pela fé, não temos nenhuma idéia, imagem nem forma específica daquilo que cremos. A fé é o único argumento que temos em favor das coisas que não vemos (Hb 11.1). Posso aqui insistir na natureza da fé e manifestar que, a partir de comparações e

discernimentos, mesmo o que conhecemos somente pelas costas conhecemos apenas pela fé. Quanto ao surgimento da fé, ela é edificada inteiramente no testemunho daquele a quem não vimos, conforme diz o apóstolo: "Como vocês podem amar àquele que não viram?", isto é, "aquele cuja existência vocês não conhecem senão pela fé". A fé recebe tudo pelo testemunho exclusivo dele. Quanto à natureza da fé, é a aceitação do testemunho, sem evidências demonstradas. Conforme se disse anteriormente, o objeto dessa fé está além de nosso alcance. Daí nossa fé, segundo se observou, ser explicada como o ato de ver obscuramente, como num espelho. Tudo o que conhecemos desse jeito (e tudo o que sabemos a respeito de Deus só conhecemos dessa maneira) é infinitesimal e obscuro.

Entretanto, você dirá: "Tudo isso é verdade só para os que talvez não conheçam a Deus conforme ele se revela em Jesus Cristo; para os que o conhecem, é diferente". É verdade: "Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido" (Jo 1.18); e "o Filho de Deus veio e nos deu entendimento, para que conheçamos aquele que é o Verdadeiro" (1Jo 5.20). A luz do glorioso evangelho de Cristo, que é a imagem de Deus, brilha sobre os cristãos (2Co 4.4). Sim, e "Deus, que disse: 'Das tre-

vas resplandeça a luz', ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo" (v. 6), de modo que "outrora vocês eram trevas, mas agora são luz no Senhor" (Ef 5.8). O apóstolo diz: "E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor..." (2Co 3.18); e agora estamos tão longe de ficar nessas trevas ou a uma distância tão grande de Deus que "nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo" (1Jo 1.3). A luz do evangelho, mediante a qual Deus agora é revelado, é gloriosa. Não uma estrela, mas o Sol em sua beleza raiou sobre nós, e o véu foi retirado de nosso rosto. De modo que, embora os não-cristãos, e talvez mesmo alguns cristãos fracos, permaneçam em certa escuridão, os que tiveram algum crescimento ou realizações consideráveis possuem uma perspectiva e visão nítida da face de Deus em Jesus Cristo.

Resposta 1. A verdade é que todos nós sabemos o suficiente a respeito de Deus para o amar mais do que o amamos, para nos deleitar nele e servi-lo, obedecer às suas ordens, crer e confiar nele muito mais do que já conseguimos até agora.

Nossa visão obscura e nossa fraqueza não servem de desculpa para nossa negligência e desobediência. Quem é que já viveu à altura dos conhecimentos que recebeu da perfeição, da excelência e da vontade de

Deus? O propósito de Deus ao oferecer algum conhecimento de si mesmo é que o glorifiquemos como Deus, isto é, que o amemos, que creiamos nele e a ele obedeçamos, rendamos-lhe toda a honra e glória que pobres criaturas pecaminosas devem ao Deus e Criador que lhes perdoa os pecados. Todos devemos reconhecer que nunca fomos totalmente transformados segundo a imagem dos conhecimentos que já recebemos. E, se tivéssemos empregado bem nossos talentos, Deus nos teria confiado mais deles.

Resposta 2. O conhecimento que temos de Deus pela revelação de Jesus Cristo no evangelho excede em preeminência e em glória, principalmente em comparação com qualquer conhecimento de Deus obtido de outra forma ou outorgado na lei do Antigo Testamento, mera sombra de boas coisas, mas não sua imagem expressa. Disso o apóstolo Paulo trata extensivamente (2Co 3). Cristo agora, nestes últimos dias, revelou o Pai a partir do próprio coração, tornou conhecidos seus propósitos, sua mente e sua vontade muito mais clara e distintamente do que no passado, quando mantinha seu povo debaixo do treinamento da lei. É esse, na sua maior parte, o ensino pretendido nos trechos bíblicos antes mencionados. A outorga e a declaração clara e compreensível de Deus e de sua vontade no evangelho são expressamente exal-

tadas em comparação com qualquer outro modo de ele se revelar.

Resposta 3. A diferença entre os cristãos e os incrédulos, no tocante ao conhecimento, não se acha tanto no conteúdo nem no modo de conhecer. Alguns incrédulos talvez saibam mais — e consigam dizer mais — a respeito de Deus, de sua perfeição e de sua vontade do que muitos cristãos. Mas nada sabem do que deveriam, nada de maneira certa, nada de modo espiritual e salvífico, nada com a luz santa e celestial. A excelência de um cristão não é ter ampla apreensão das coisas, mas sim aquilo que de fato compreende, talvez bem pouco, aquilo que vê à luz do Espírito de Deus, de forma salvífica e transformadora da alma. É isso o que nos dá comunhão com Deus — não a simples pesquisa investigativa nem conceitos baseados em mera curiosidade.

Resposta 4. Jesus Cristo, por sua Palavra e Espírito, revela ao coração de todos os que lhe pertencem Deus Pai, o Deus da aliança, recompensador, e isso de modo totalmente suficiente, para nos ensinar a obedecer-lhe aqui, nos levar à íntima comunhão com ele e nele descansar, desfrutando-o por toda a eternidade. Mas segue, ainda:

Resposta 5. Apesar de tudo isso, o que conhecemos de Deus não passa de uma pequena porção; só o vemos pelas costas. Porque:

a) A intenção de toda a revelação no evangelho não é desvendar a essência da glória de Deus, a ponto de o vermos conforme ele é, mas simplesmente declarar o fundamento suficiente para nossa fé, nosso amor, nossa obediência e nossa intimidade com ele, ou seja, a fé que espera de nossa parte acompanhada das devidas obras, prestadas por pobres criaturas em meio a tentações. Quando, porém, Deus nos chamar à sua eterna admiração e contemplação, sem interrupção, terá uma nova maneira de revelar-se, e as coisas, na forma que agora existem, desaparecerão como sombra.

b) Custa-nos entender o que está revelado na Palavra e demoramos a crer. Deus nos mantém, em nossa enfermidade e fraqueza, em contínua dependência dele para acolhermos ensinos e revelações a respeito dele, por meio de sua Palavra. Nunca neste mundo alma alguma alcançará a totalidade daquilo que pode ser deduzido e descoberto na Bíblia, de modo que, embora o caminho da revelação seja claro e evidente no evangelho, sabemos pouco mesmo do que é revelado.

Vamos agora relembrar a aplicação e o propósito dessas considerações. Será que a devida com-

preensão da inimaginável grandeza de Deus e da distância infinita entre nós e ele encherá a alma de temor santo e reverente, a ponto de nenhuma concupiscência ser capaz de ali prosperar ou florescer? Que a alma se acostume a ter pensamentos reverentes sobre a grandeza e a onipotência de Deus e, assim, permanecerá continuamente vigilante contra qualquer comportamento indevido. Pense no Deus com quem tem de se entender, pois "nosso Deus é fogo consumidor". Humilhando-se diante da presença e do olhar dele, vai saber que sua natureza é por demais limitada para discernir com exatidão a essência da glória de Deus.

13

A nona diretriz. *Quando o coração ficar inquieto por causa do pecado, não declare a ele nenhuma paz, até que Deus o faça. Ter paz sem detestar o pecado não é sadio; assim como a paz que declaramos em nós. Diretrizes a respeito dessa questão. A inutilidade de declarar paz levianamente. Como declará-la num só caso e não de modo geral.*

Diretriz 9

Caso Deus o inquiete por causa da culpa resultante de sua intemperança ou indisposição moral, enraizadas, presentes ou manifestas em seu coração, cuidado para não declarar paz a si mesmo antes de Deus fazê-lo, mas escute o que ele diz à alma. Essa é a próxima diretriz. Sem essa observação, o coração ficará superexposto à capacidade de engano do pecado.

Essa atividade é muito importante. É triste o indivíduo enganar a própria alma a esse respeito. Todas as advertências que Deus faz, com ternura, à nossa alma, tendem a impedir esse grande mal de declarar paz a nós mesmos sem fundamento. Nessa questão, seria o caso

de nos abençoar em oposição a Deus. Aqui não pretendo insistir no perigo dessa atitude, mas ajudar os cristãos a evitá-la e a reconhecer quando a adotaram.

Para usar corretamente essa diretriz, observe:

1) Já que a grande prerrogativa e soberania de Deus é conceder graça a quem quer (ele tem misericórdia de quem quer [Rm 9.15]; de todos os filhos dos homens, chama a quem quer e santifica a quem quer), assim também aos chamados e justificados, a quem salvará, reserva a si mesmo o privilégio de declarar paz a quem quer, mesmo àqueles a quem já concedeu sua graça. Ele é "o Deus de toda consolação", principalmente ao lidar com os cristãos. Esse é um dos benefícios que Deus restringe apenas à sua família, distribuindo-o a seus filhos segundo sua vontade. Nisso o Senhor insiste em Isaías 57.16-18; essa é a ênfase do texto. Quando Deus diz que guiará seu povo e que o consolará, assume especialmente para si esse privilégio. Mesmo com respeito às pobres criaturas feridas, estará "criando louvor nos lábios dos pranteadores" (v. 19) e, segundo sua soberania, cuidará do assunto segundo sua boa vontade.

Portanto, assim como acontece quando confere graça aos que estão em estado natural, algo que Deus realiza de modo bem especial, seu procedimento para

tirar ou conceder algo em geral deixa de lado tudo o que é aparentemente esperado, todas as expectativas prováveis, sendo quase sempre contrário a elas. Isso também acontece quando outorga paz e alegria aos que estão em estado de graça. Ou seja, Deus as distribui freqüentemente de modo bem diferente de nossa expectativa, jungida a critérios de distribuição baseados nas aparências.

2) Assim como Deus dá graça a quem quer, também é prerrogativa de Cristo aplicá-la à consciência. Falando com a igreja de Laodicéia, que havia curado falsamente suas feridas declarando paz a si mesma quando não deveria fazê-lo, adota para si o título "do Amém, a testemunha fiel e verdadeira" (Ap 3.14). Desse modo, dá testemunho de nossa condição conforme é de fato. Podemos nos enganar e nos perturbar por nada ou nos lisonjear por motivos falsos. Mas ele é o Amém, a testemunha fiel. O que ele fala de nosso estado e condição, sem dúvida, é verdadeiro. Dele se declara que não julga segundo o que os olhos vêem, nem de acordo com a aparência externa, nem segundo qualquer coisa sujeita a engano, conforme nossa tendência, mas julgará e determinará cada causa conforme é de fato (Is 11.3).

Aplicando essas duas observações, proporei algumas regras pelas quais as pessoas poderão saber se Deus

lhes está declarando paz ou se estão declarando paz a si mesmas.

1) Os homens certamente declaram paz a si mesmos quando essa ação não é acompanhada da esperada grande aversão pelo pecado que lhe perturba a paz, aborrecendo-se com ele. Quando estão feridos pelo pecado, inquietos, perplexos, sabendo que não há cura senão nas misericórdias de Deus por meio do sangue de Cristo, confiam nele e nas promessas de sua aliança. Diante disso, aquietam o coração para que tudo fique bem e Deus seja exaltado por lhes ser gracioso. Se, entretanto, sua alma não for levada à máxima aversão pelo pecado (ou pecados) que lhes causou inquietação, isso é curar a si mesmos, em vez de ser curados por Deus. Não passa de um "vento grande e forte" do qual o Senhor está próximo, mas não está nele. Quando os homens realmente olharem para Cristo, a quem traspassaram (e sem isso não há cura nem paz), chorarão (Zc 12.10), lamentarão por ele exatamente por essa razão, detestarão o pecado que o traspassou. Quando comparecemos diante de Cristo pedindo cura, a fé o olha como aquele que foi traspassado.

A fé olha para Cristo de vários ângulos, nas oportunidades que tem de se dirigir a ele e de ter comunhão. Às vezes, olha para sua santidade; às vezes, para seu

poder; às vezes, para seu amor, seu favor com o Pai. Quando a fé vai buscar a cura e a paz, olha especialmente para o sangue da aliança, para os sofrimentos de Cristo, pois por suas feridas fomos sarados, e "o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele" (Is 53.5). Quando procuramos cura, é para suas feridas que devemos olhar, não para sua história, método dos católicos romanos, mas para o amor, a bondade, o mistério e o desígnio da cruz. E quando procuramos a paz, o castigo que ele sofreu deve ocupar nossa atenção.

Agora digo que, se isso foi feito segundo a mente de Deus e na força do Espírito derramado sobre os cristãos, vai gerar ódio ao pecado ou aos pecados em favor dos quais se procura a cura e a paz. Assim diz Ezequiel 16.60,61: "Contudo, eu me lembrarei da aliança que fiz com você nos dias da sua infância, e com você estabelecerei uma aliança eterna". E depois? "Então você se lembrará dos seus caminhos e se envergonhará." Quando Deus se aproxima para declarar paz numa aliança segura, a alma envergonha-se de ter se alienado dele de todas as formas.

Uma das coisas que o apóstolo menciona como acompanhante da tristeza segundo Deus, seguida de arrependimento para a salvação, a qual não produz remorso, é o desejo de ver a justiça feita: "... que desejo de ver a justiça feita!" (2Co 7.11). Refletiram nas coisas que

fizeram errado com indignação e sentem vontade de castigar suas tolices. Quando Jó é totalmente curado, exclama: "Por isso menosprezo a mim mesmo..." (Jó 42.6); até fazer isso, não teve paz permanente. Poderia, quem sabe, ter chegado a um entendimento daquela doutrina da livre graça que Eliú pregou de modo tão excelente (33.14-30), mas assim teria apenas cicatrizado suas feridas. Precisaria chegar a aborrecer a si mesmo se quisesse alcançar cura. O mesmo aconteceu com as pessoas mencionadas em Salmos 78.33,35, em grande aflição e angústia por causa do pecado. Não duvido de que, na evidência daquilo que falaram a Deus em Cristo (pois isso fica claro nos títulos que lhe deram, ao chamá-lo de sua rocha e de seu redentor, duas palavras que sempre indicam o Senhor Jesus Cristo), declaravam paz a si mesmos. Mas essa paz era sadia e permanente? Não, evaporou como o orvalho da manhã. Deus não falara nenhuma só palavra de paz à alma deles. Mas por que não tinham paz? Porque, ao falar com Deus, o bajulavam. Como esse fato se revela? "... o coração deles não era sincero; não foram fiéis à sua aliança" (v. 37). Não detestavam nem abandonaram aquele pecado e, apesar dele, declaravam paz a si mesmos.

Que o ser humano peça quanto quiser a cura e a paz; que peça ao Médico dos médicos, que o faça do

modo certo, que lhe aquiete o coração nas promessas da aliança. Entretanto, quando a paz for declarada, se não for acompanhada do ódio e da repulsa ao pecado – ferida que provocou a inquietação –, não existirá a paz criada por Deus, mas somente a que produzimos. É mera cicatrização da ferida, enquanto sua base permanece embaixo, onde apodrecerá, corromperá e corroerá, até voltar a irromper de modo nojento, irritante e perigoso.

Que as pobres almas que trilham esse caminho, mais conscientes dos incômodos do pecado do que da poluição e da impureza que o acompanham, que pedem misericórdia e até se dirigem ao Senhor em Cristo para obter misericórdia, mas que ainda querem conservar debaixo da língua o doce sabor do pecado, que tais almas nunca pensem, digo, que possuem paz verdadeira e sólida.

Por exemplo, você percebe que seu coração está correndo atrás do mundo, perturbando sua comunhão com Deus. O Espírito lhe diz expressamente: "... Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele" (1Jo 2.15). Assim, você é levado a entender-se com Deus em Cristo para a cura de sua alma. Aquieta sua consciência, mas mesmo assim não detesta totalmente o próprio pecado. Talvez até o queira bem, não fossem suas conseqüências. Talvez seja salvo e purificado pelo

fogo, mas Deus ainda terá de fazer alguma obra em você antes de terminar; e você terá pouca paz nesta vida — ficará enfermo e terá desmaios durante todos os seus dias (Is 57.17).

Segue-se uma fraude que corrói a raiz da paz de muitos cristãos professos até destruí-la. Eles tratam, com todas as forças, da misericórdia e do perdão e parecem ter grande comunhão com Deus. Prostram-se diante dele e lastimam tanto seus pecados e tolices que alguém pensaria — e eles mesmos pensam — que seguramente houve separação entre eles e seus pecados. Assim, recebem em forma de misericórdia aquilo que lhes satisfaz o coração só por um breve período. Mas, quando se faz uma busca real, vê-se que alguma ressalva secreta ocorreu em favor dos pecados ou das tolices em questão. No mínimo, não existiu a necessária repulsa total ao pecado, descobrindo-se logo que toda essa paz, tão fraca e degenerada, dura apenas o tempo que se leva para suplicá-la.

2) Quando os indivíduos medem sua paz pessoal de acordo com as conclusões a que suas convicções e princípios racionais levam, trata-se de uma paz falsa, que não permanecerá. Explicarei brevemente o que quero dizer com isso. O indivíduo foi ferido pelo pecado, sem convicção desse pecado na consciência; não viveu de modo reto, à altura do evangelho; não está tudo bem

entre Deus e sua alma. Pensa, agora, no que fazer. Tem luz espiritual, sabe o caminho a seguir e como sua alma foi curada em ocasiões anteriores. Considerando que as promessas de Deus são meios externos a serem aplicados para a cura das feridas e para aquietar o coração, vai até elas, procura-as, descobre uma ou mais cuja expressão literal é diretamente apropriada à sua condição. Diz para si: "Deus fala nessa promessa; com ela farei um curativo adequado para minha ferida". Assim, aplica a Palavra da promessa à sua condição e se acomoda tranqüilo. Essa é mais uma típica manifestação no monte: o Senhor está por perto, mas não está na manifestação. Não foi obra do Espírito, o único que nos pode convencer do pecado, da justiça e do juízo (Jo 16.8), mas simples atuação da alma inteligente e racional.

Existem três tipos de vida: a vegetativa, a sensitiva e a racional ou inteligente. Alguns seres só têm a vida vegetativa; outros, também a sensitiva, que inclui a anterior; outros, ainda, têm a racional, que abrange e pressupõe as outras duas. Quem tem vida racional, não somente age de modo àpropriado àquele princípio, mas também aos outros dois: cresce e tem sensibilidade. O mesmo acontece aos indivíduos no tocante às coisas de Deus: alguns são meramente naturais e racionais; outros têm uma convicção adicional com iluminação;

outros, ainda, são verdadeiramente regenerados. Os que têm esta última qualidade também reúnem as anteriores; por isso, agem às vezes segundo os princípios do indivíduo racional e, outras, segundo os princípios do indivíduo iluminado. Sua verdadeira vida espiritual não é o princípio de toda a sua atuação. Nem sempre agem à altura dela, nem todos os seus frutos provêm dessa raiz.

Nesse caso, agem apenas segundo o princípio da convicção e da iluminação, mediante as quais são aumentados seus primeiros poderes naturais; mas o Espírito não sopra de modo algum sobre todas essas águas.

Por exemplo: suponhamos que a ferida e a inquietude da alma sejam causadas por deslizes dos quais não surgem feridas mais profundas na alma nem maiores inquietudes, seja qual for a iniqüidade ou a tolice, ainda que nunca sejam pequenos demais para não ter importância. Com a mente agitada, o indivíduo descobre esta promessa: "... o SENHOR, que terá misericórdia dele; volte-se para o nosso Deus, pois ele dá de bom grado o seu perdão" (Is 55.7), isto é, multiplicará ou adicionará o perdão e o fará repetidas vezes. Ou encontra esta promessa em Oséias 14.4: "Eu curarei a infidelidade deles e os amarei de todo o meu coração...". O homem pondera e tira conclusões de paz para si mesmo, quer o Espírito de Deus faça essa aplicação

quer não, quer essa conclusão dê vida e poder à letra quer não. Na verdade, nem leva isso em conta. Não escuta para saber se o Senhor Deus declarou a paz. Não espera em Deus, que talvez ainda esconda seu rosto e veja a pobre criatura surrupiando a paz e fugindo com ela. Deus sabe que virá a hora em que terá de lidar de novo com essa criatura e conclamá-la a uma nova prestação de contas (Os 11.3). Assim, o indivíduo verá que é inútil andar um só passo quando não é Deus que o conduz pela mão.

Vejo aqui, de fato, que várias questões se levantam e se interpõem. Não podendo dedicar minha atenção a todas, tratarei brevemente de uma delas.

Pergunta: Pode-se dizer, portanto, que visto ser este o caminho pelo qual o Espírito Santo leva à cura das feridas e ao descanso do coração, como saber quando alguém está seguindo sozinho e quando o Espírito o acompanha?

Resposta 1. Quem está fora do caminho por esse motivo, Deus o fará saber rapidamente, pois temos a promessa de que ele "conduz os humildes na justiça e lhes ensina o seu caminho" (Sl 25.9). Não o deixará permanecer sempre no caminho errado. Não deixará, digo, que sua nudez seja coberta de folhas de figueira, mas as removerá, bem como toda a paz que tem nelas, nem deixará que fique preso a esse engano. Ficará sa-

bendo rapidamente que sua ferida não foi curada. Isto é, saberá rapidamente pelos acontecimentos se houve cura ou não: a paz que consegue e obtém assim não é duradoura. Enquanto a mente estiver dominada pelas próprias convicções, não haverá terreno para as inquietudes se fixarem. É só esperar um pouco, e todos esses raciocínios esfriarão e desaparecerão perante a primeira tentação que surgir. Mas:

Resposta 2. Esse caminho de declarar paz é geralmente seguido sem esperar a graça e a atuação peculiar da fé exigida por Deus em semelhante condição. Sei que Deus às vezes invade a alma instantaneamente, num átimo, por assim dizer, ferindo-a e curando-a. Estou convencido de que foi isso o que ocorreu no caso de Davi, quando ele cortou a orla da veste de Saul. Em geral, numa situação como essa, Deus exige espera e trabalho, sempre com os olhos do servo atentos a seu senhor (Sl 123.2; 130.6). Diz o profeta Isaías (8.17): "Esperarei pelo SENHOR, que está escondendo o seu rosto da descendência de Jacó...". Deus quer que seus filhos parem um pouco diante de sua porta depois de terem fugido de casa, não que irrompam instantaneamente diante dele, a não ser que ele os tome pela mão e que os coloque para dentro, quando estão tão envergonhados que não ousam chegar até ele. Os que curam a si próprios, os que declaram paz a si mesmos,

normalmente se apressam; não querem esperar; não escutam aquilo que Deus lhes fala (Is 28.16), querem antes se adiantar na própria cura.

Resposta 3. Esse caminho, embora aquiete a consciência e a mente, a parte racional da alma, que tira conclusões, não ameniza o coração com repouso e contentamento cheio de graça. A resposta que recebe é bem semelhante àquela que Eliseu deu a Naamã: "Vá em paz" (2Rs 5.19). Aquietou-lhe a mente, mas questiono muito se lhe suavizou o coração ou se lhe deu qualquer alegria em crer, além da alegria natural que então se agitava dentro dele por causa da cura. "As minhas palavras fazem bem...", diz o Senhor (Mq 2.7). Quando Deus fala, não somente há em suas palavras verdade capaz de atender à convicção de nosso entendimento, mas também essas palavras fazem bem, trazem aquilo que é doce, bom e desejável à vontade e às emoções. Por elas, a alma volta a seu repouso (Sl 116.7).

Resposta 4. O pior de tudo é que esse caminho não corrige a vida, não cura o mal, não elimina a intemperança. Quando Deus declara paz, orienta a alma para não voltar à tolice (Sl 85.8). Quando declaramos paz a nós mesmos, o coração não é afastado do mal. Pelo contrário, é o caminho mais fácil do mundo para introduzir a alma na senda dos desviados. Se, ao aplicar o curativo em si mesmo, ficar mais animado para vol-

tar à batalha do que para desligar-se totalmente dela, é por demais evidente que trabalhou com a alma e que Jesus Cristo e seu Espírito não estavam presentes. Com freqüência, depois de a natureza ter feito a própria obra, dentro de bem poucos dias voltará para cobrar sua recompensa. Tendo estado ativa na obra da cura, estará pronta a aplicar novas feridas. Quando Deus declara paz, ela vem acompanhada de tamanha doçura e descoberta de seu amor que acaba sendo uma forte obrigação para a alma não mais agir perversamente.

3) Declaramos paz a nós mesmos quando o fazemos levianamente. O profeta lamenta que isso ocorra entre alguns mestres: “Eles tratam da ferida do meu povo como se não fosse grave...” (Jr 6.14). Assim acontece com algumas pessoas que fazem da cura de suas feridas uma obra leviana. Um breve olhar, um vislumbre das promessas pela fé completa a obra, e ponto final. A Palavra não foi de proveito para alguns porque “não foi acompanhada de fé” (Hb 4.2). Quer dizer, não foi bem temperada e misturada com fé. Não se trata de simplesmente estudar as palavras de misericórdia da promessa, mas sim de misturá-las com a fé, até que sejam incorporadas à própria natureza da promessa, para então realmente fazerem bem à alma. Se já teve uma ferida na consciência, acompanhada de fraqueza e de

inquietude, da qual agora está liberto, como isso aconteceu? "Confiei nas promessas do perdão e da cura e, assim, achei a paz." Sim, mas talvez você tenha se apressado demais, fazendo-o de modo superficial. Não se alimentou da promessa, a fim de misturá-la com a fé, para conseguir ter todas as suas virtudes difundidas na alma. Você apenas o fez levianamente, por isso verá sua ferida irromper de novo dentro de pouco tempo, e saberá que não foi curado.

4) Quem declara paz a si mesmo sobre determinado assunto e, ao mesmo tempo, tem outro mal de não menos importância pesando-lhe sobre o espírito, a respeito do qual não está se tratando com Deus, esse indivíduo clama por paz quando não há paz. Explico mais um pouco o que quero dizer: certo homem negligenciou um dever repetidas vezes, talvez quando dele se esperava, com toda a razão, que o cumprisse. Sua consciência fica perplexa, e a alma, ferida; seus ossos não tem quietude em razão de seu pecado; busca a cura e acha a paz. Ao mesmo tempo, talvez o mundanismo, o orgulho ou qualquer tolice que deixa o Espírito de Deus excessivamente entristecido pode se achar no íntimo daquele indivíduo, e tais pecados nem o perturbem, nem ele, a eles. Que esse indivíduo não pense que uma mínima parte de sua paz provém de Deus.

Por isso é bom que os homens respeitem todos os mandamentos de Deus. O Senhor nos justificará de nossos pecados, mas não justificará o menor pecado em nós; Deus tem olhos puros demais para contemplar a iniqüidade.

5) Quando os homens declaram paz à consciência por conta própria, é raro que Deus fale de humilhação à alma: a paz de Deus humilha, quebranta, assim como no caso de Davi (Sl 51.1). O rei nunca havia passado por humilhação tão profunda como ao receber de Natã a notícia de seu perdão.

Pergunta. Mas você dirá: "Quando receberemos o consolo de uma promessa que nos aquiete o coração no que diz respeito a alguma ferida?".

Resposta. Geralmente, Deus fala quando quer, mais cedo ou mais tarde. Conforme já disse, Deus pode fazer isso no instante do próprio pecado, e com poder tão irresistível que a alma acaba cedendo. Às vezes, Deus nos fará esperar mais tempo; porém, mais cedo ou mais tarde, enquanto estamos pecando ou nos arrependendo, seja qual for a condição de nossa alma, quando Deus fala, deve ser ouvido. Não existe nada em nossa comunhão com Deus que o deixe mais aflito conosco (se posso falar assim) do que nosso temor cheio de in-

credulidade, que nos impede de receber a forte consolação que ele está tão disposto a nos dar.

Pergunta. Mas você dirá: "Estamos na mesma; quando Deus fala, devemos receber o que ele diz; é verdade, mas como saber quando ele fala?".

Resposta 1. Eu gostaria que todos nós praticamente chegássemos a receber a paz quando estamos convictos de que Deus a declara, porque é nosso dever recebê-la, mas:

Resposta 2. Existe na fé, se posso dizer, um instinto secreto mediante o qual se reconhece a voz de Cristo quando ele fala de fato. Assim como a criança pulou no ventre quando a virgem bem-aventurada visitou a Isabel, a fé salta no coração quando Cristo se aproxima dele. Cristo disse que suas ovelhas conhecem sua voz (Jo 10.4,14), ou seja, estão acostumadas com o som dela e sabem quando os lábios do Pastor se abrem para lhes falar palavras cheias de graça. A noiva estava numa triste condição, adormecida na própria segurança (Ct 5.2), mas tão logo Cristo fala, ela exclama: "É a voz do meu Amado que fala!". Ela conhecia a voz do noivo e estava tão acostumada com a comunhão com ele que o reconhece imediatamente. Você também, caso se exercitar no conhecimento e na comunhão com ele, discernirá facilmente entre sua voz e a de um estranho. Use o seguinte critério: quando ele fala, fala

como nenhuma pessoa falou; fala com poder e, de uma maneira ou de outra, faz seu coração arder, assim como no caso dos discípulos (Lc 24.32). Ele faz isso pondo a mão por uma abertura da tranca (Ct 5.4), isto é, colocando o Espírito dentro de seu coração para tocá-lo.

O que tem os sentidos exercitados para discernir entre o bem e o mal, cujo juízo e experiência aumentaram pela observação constante das formas de Cristo agir, da maneira de o Espírito operar e do efeito comumente resultante, é em geral o melhor juiz de si mesmo nesse caso.

Resposta 3. Se a Palavra do Senhor fizer bem à sua alma, é ele quem a fala; se humilhá-lo, purificá-lo e for útil para as finalidades das promessas de enchê-lo de amor, quebrantá-lo, santificá-lo e levá-lo à obediência, promovendo o esvaziamento de si etc. Mas esse não é meu assunto nem vou fazer mais digressões para desenvolver essa diretriz, que, não sendo devidamente observada, cederá ao pecado grandes vantagens para o endurecimento do coração.

14

A utilidade geral das diretrizes anteriores.

A grande diretriz para realizar a obra em pauta. Aja segundo a fé em Cristo: as várias maneiras de fazer isso. Propõe-se a consideração da plenitude de Cristo para o alívio. Grandes expectativas da parte de Cristo; os fundamentos dessas expectativas; sua misericórdia; sua fidelidade. Essas expectativas na prática: por parte de Cristo; por parte dos cristãos. A fé deve ser exercida principalmente na morte de Cristo (Rm 6.3-6). A obra de Cristo em todo esse tema.

As considerações em que tenho insistido até agora dizem respeito mais às providências preparatórias para a obra visada do que ao que a levará a efeito. Meu alvo até aqui tem sido preparar o coração de modo adequado para a obra propriamente dita, que não será levada adiante sem esses preparativos.

DIRETRIZES PARA A OBRA PROPRIAMENTE DITA

São poucas as especificamente destinadas à obra, como seguem:

Diretriz 1. Coloque a fé em Cristo em ação para matar o pecado. Seu sangue é o grande e supremo remédio para as almas enfermas com o pecado. Viva nisso e morrerá vencedor. Sim, você vai, mediante a boa providência de Deus, viver para ver sua concupiscência morta a seus pés. Mas talvez pergunte: "Como a fé em Cristo deve operar para esse propósito?". De vários modos.

1) Pela fé, encha a alma de pensamentos sobre a provisão reservada em Jesus Cristo. O fim e propósito disso é que todas as suas concupiscências, a própria concupiscência na qual está emaranhado, sejam mortificadas pela fé. Medite nisso: embora você não seja capaz, em si nem por si, de vencer sua intemperança e esteja realmente a ponto de desmaiar (Lc 18.1,7), em Jesus Cristo existe suficiência para aliviá-lo (Fp 4.13). O filho pródigo, ao ficar fraco, sentiu-se animado em saber que havia pão na casa do pai. Embora estivesse a certa distância de casa, não deixou de se sentir aliviado e fortalecido ao lembrar que ali havia pão. Em sua maior aflição e angústia, considere a plenitude da graça, as riquezas, os tesouros de força, poder e ajuda armanezados nele para nosso sustento (Jo 1.16; Cl 1.19; Is 40.28.31). Deixe que entrem em sua mente e que aí permaneçam.

Considere que ele é exaltado como Príncipe e Salvador, para dar arrependimento a Israel (At 5.31). Se é para dar arrependimento, também é para dar mortificação, sem a qual o arrependimento não existe nem pode existir. Cristo diz que obtemos a graça purificadora ao permanecer nele (Jo 15.3). Pôr a fé em prática com base na plenitude que há em Cristo para nos suprir é um modo notável de permanecer em Cristo, pois é pela fé que somos enxertados em Cristo e nele permanecemos (Rm 11.19,20).

Que sua alma seja exercitada pela fé com pensamentos como os que se seguem. Sou uma criatura pobre e fraca, instável como a água, não consigo ser excelente em nada. Essa corrupção é pesada demais para mim e está a ponto de arruinar minha alma; nem sei o que faço. Minha alma tornou-se como terra ressecada e habitação de chacais. Fiz promessas e as quebrei; votos e compromissos tornaram-se algo como nada. Muitas vezes fiquei convencido de ter conseguido a vitória e de que ficaria liberto, mas estava enganado, de modo que vejo claramente que, sem socorro e ajuda extra, estou perdido e serei obrigado a abandonar totalmente a Deus. Entretanto, embora seja esse seu estado, que as mãos decaídas se levantem e os joelhos fracos se fortaleçam. Olhe para o Senhor Jesus Cristo, que tem toda a plenitude da graça em

seu coração, toda a plenitude do poder em sua mão (Jo 1.16; Mt 28.18): ele é poderoso para matar todos os inimigos. Nele há provisão suficiente para dar alívio e auxílio; ele pode socorrer minha alma abatida e moribunda e me fazer mais do que vencedor (Rm 8.38).

> Por que você reclama, ó Jacó, e por que se queixa, ó Israel: "O SENHOR não se interessa pela minha situação; o meu Deus não considera a minha causa"? "Será que você não sabe? Nunca ouviu falar? O SENHOR é o Deus eterno, o Criador de toda a terra. Ele não se cansa nem fica exausto; sua sabedoria é insondável. Ele fortalece o cansado e dá grande vigor ao que está sem forças. Até os jovens se cansam e ficam exaustos, e os moços tropeçam e caem; mas aqueles que esperam no SENHOR renovam as suas forças. Voam alto como águias; correm e não ficam exaustos, andam e não se cansam" (Is 40.27-31).

Ele pode transformar a areia abrasadora de minha alma em um lago, e meu coração sedento e estéril, em fontes de água; sim, ele pode transformar essa habitação de chacais, esse coração tão cheio de concupiscências abomináveis e de tentações abrasadoras em lugar de relva e de outras plantas para si mesmo (Is 35.7).

Assim Deus sustentou Paulo em suas tentações, com a consideração da suficiência de sua graça: "... Minha graça é suficiente para você..." (2Co 12.9). Embora

não desfrutasse imediatamente dela para ser liberto de sua tentação, a suficiência da graça de Deus para aquela finalidade e propósito bastou para firmar seu espírito. Digo, portanto: pela fé, considere o suprimento e a plenitude do que há em Jesus Cristo e como ele pode, em qualquer momento, dar-lhe forças e livramento. Se, pois, ainda não tiver sucesso numa conquista, pelo menos será mantido em seu carro de guerra para não fugir do campo de batalha antes do fim da luta. Estará protegido contra qualquer desânimo terrível, de ser esmagado pelo peso da incredulidade ou de desviar-se para falsos meios e remédios que não o aliviarão. A eficácia dessa consideração será achada somente na prática.

2) Pela fé, anime o coração na expectativa do alívio da parte de Cristo. Nesse caso, o alívio da parte de Cristo é como a visão do profeta (Hc 2.3): "Pois a visão aguarda um tempo designado; ela fala do fim, e não falhará. Ainda que demore, espere-a; porque ela certamente virá e não se atrasará". Embora a demora lhe pareça um pouco prolongada, enquanto permanecer debaixo de sua aflição e perplexidade, o alívio certamente virá no tempo determinado pelo Senhor Jesus — o melhor momento. Se, portanto, conseguir animar o coração com a firme expectativa de alívio da parte

do Senhor Jesus, se seus olhos estiverem atentos a ele "como os olhos dos servos estão atentos à mão de seu senhor" (Sl 123.2), quando esperam receber algo dele, sua alma ficará satisfeita (Is 7.4,7-9). Certamente o livrará, destruirá a concupiscência, e você enfim terá paz. Somente olhe e busque. Espere para ver quando e como a mão dele o fará. "Se vocês não crerem, certamente não serão estabelecidos."

Pergunta. Mas você dirá: "Que base tenho para construir tal expectativa, para esperar não ser enganado?".

Resposta. Como é necessário colocar-se nesse caminho para receber alívio e ser recuperado desse modo, e de nenhum outro (a quem você iria? [Jo 6.68]), assim também existem no Senhor Jesus recursos inumeráveis para encorajá-lo e ocupá-lo nessa expectativa.

Quanto à necessidade disso, já o mencionei parcialmente, quando falei que essa é obra somente da fé e somente de cristãos. Cristo disse: "... sem mim, vocês não podem fazer coisa alguma", falando especialmente em relação à purificação do coração para deixá-lo livre do pecado (Jo 12.2,5). A mortificação de qualquer pecado deve ocorrer mediante o suprimento da graça. Por nós mesmos, não conseguimos realizá-la. Foi do agrado do Pai que em Cristo "habitasse toda a plenitude" (Cl 1.19); e que recebêssemos "da sua plenitude, graça sobre graça" (Jo 1.16). Ele é o Cabeça, de

onde o novo homem deve receber influências de vida e força, para não entrar em decadência dia após dia. Se somos fortalecidos com poder no homem interior (Cl 1.11), é porque Cristo habita em nossos corações mediante a fé (Ef 3.16,17). Que essa obra não deve ser feita sem o Espírito, já demonstrei anteriormente. De onde esperamos o Espírito? A partir de quem o procuramos? Quem o prometeu a nós depois de tê-lo ido buscar em nosso favor? Todas as nossas expectativas nesse sentido não devem se fixar exclusivamente em Cristo? Grave no coração, portanto, o seguinte: se não receber alívio da parte dele, nunca receberá alívio algum. Todos os meios, esforços e lutas que não forem animados por essa expectativa de alívio da parte de Cristo, e somente de Cristo, não servirão para nada, não serão proveitosos. Realmente, se forem outra coisa que não confirmações de seu coração dessa expectativa ou de meios determinados por ele para receber ajuda da parte dele, serão em vão.

Eis algumas considerações para envolvê-lo mais nessa expectativa:

a) Considere a misericórdia, ternura e bondade de nosso grande sumo sacerdote à direita de Deus. Com certeza, ele tem compaixão de você em sua aflição e diz: "Assim como uma mãe consola seu

filho, também eu os consolarei..." (Is 66.13). Ele tem a ternura de uma mãe para com o filhinho que amamenta.

Por essa razão era necessário que ele se tornasse semelhante a seus irmãos em todos os aspectos, para tornar-se sumo sacerdote misericordioso e fiel com relação a Deus, e fazer propiciação pelos pecados do povo. Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz de socorrer aqueles que também estão sendo tentados (Hb 2.17,18).

Como nos é proposta aqui a capacidade de Cristo por causa de seu sofrimento? "... Porque, tendo em vista o que ele mesmo sofreu quando tentado, ele é capaz...".

Os sofrimentos e as tentações de Cristo acrescentam algo à sua capacidade e ao seu poder? Não, caso sejam considerados de modo absoluto e em si mesmos. Mas a capacidade aqui mencionada é do tipo que vem acompanhada de prontidão, disposição, desejo de ser exercida. É uma capacidade da vontade, que enfrenta todas as disposições opostas; Jesus pode, em tentação e sofrimento, romper todas oposições e resgatar as pobres almas tentadas. Ele é "capaz" de ajudar; trata-se de uma palavra que ressalta o efeito.

Agora ele pode ser sensibilizado a ajudar, tendo sido tentado dessa forma. Assim diz Hebreus 4.15,16:

... pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade.

A exortação, no versículo 16, é a mesma da qual estou tratando: devemos manter a expectativa de alívio da parte de Cristo, que o apóstolo chama de "graça que nos ajude no momento da necessidade". Se há uma ocasião, diz a alma, em que a ajuda chegará no momento certo da necessidade, é em minha condição presente. É por isso que anseio pela graça no momento da necessidade; estou a ponto de morrer, de perecer, de ficar perdido para sempre. A iniqüidade prevalecerá contra mim, se não vier socorro. Diz o apóstolo: "Espere essa ajuda, esse alívio, da parte de Cristo". Sim, mas por conta de quê? Isso ele define (v. 15); podemos observar que a palavra "recebermos" (v. 16) significa que ha-

verá ajuda apropriada e em tempo hábil. Posso dizer com toda a liberdade que fortalecer a alma, pela fé, na expectativa de alívio da parte de Jesus Cristo (Mt 11.28), por causa de sua misericórdia como nosso sumo sacerdote, terá mais efeito para acabar com a concupiscência e a intemperança e dará resultados melhores e mais depressa do que todos os meios mais rígidos de automortificação empregados por qualquer dos filhos do homem. Sim, quero acrescentar isto: nunca homem algum pereceu nem perecerá sob o poder de qualquer concupiscência, pecado ou corrupção, se puder elevar sua alma, pela fé, a uma expectativa de alívio da parte de Jesus Cristo (Is 55.1-3; Ap 3.18).

b) Considere a fidelidade de quem prometeu; assim será animado e confirmado ao esperar nessa expectativa de alívio. Ele prometeu que traria alívio em tais casos e cumprirá a palavra até as últimas conseqüências. Deus nos diz que sua aliança conosco é como as ordenanças do céu, do Sol, da Lua e das estrelas, que têm percursos fixos (Jr 31.36). Por isso, Davi disse que esperava alívio da parte de Deus assim como quem espera pela manhã, a qual certamente virá em

seu horário determinado. Assim será seu alívio da parte de Cristo. Virá na estação certa, como o orvalho e a chuva na terra ressequida, pois fiel é o que prometeu. Há inúmeras promessas específicas nesse sentido, e a alma deve sempre estar equipada com algumas delas, especialmente apropriadas para sua situação.

Há, pois, duas vantagens notáveis que sempre acompanham essa expectativa de socorro da parte de Jesus Cristo.

[a]Jesus se compromete a prestar ajuda plena e rápida. Nada pode comprometer mais o coração de um homem para ser útil ao próximo e ajudá-lo do que a expectativa que o próximo tem de ser por ele ajudado, principalmente se a expectativa foi devidamente provocada e aprovada por quem vai oferecer o alívio. Nosso Senhor Jesus Cristo, por sua bondade, cuidado e promessas, motiva nosso coração a ter essa expectativa. Certamente, nossa aceitação dessa expectativa deve estabelecer um grande compromisso com ele, no sentido de nos ajudar à altura. É isso o que o salmista diz na já comprovada máxima: ".. tu, SENHOR, jamais abandonas os que te buscam" (Sl 9.10).

Uma vez que Deus conquistou nosso coração para descansar e repousar nele, certamente o satisfará. Deus nunca será como a água que falta: "... eu não disse aos descendentes de Jacó: Procurem-me à toa..." (Is 45.19). Se Cristo for escolhido como garantia de nosso suprimento, ele não nos faltará.

[b]O coração compromete-se a prestar atenção diligente a todos os meios pelos quais Cristo está acostumado a comunicar-se com a alma. Assim, o coração recebe verdadeira assistência de toda a graça e de todas as ordenanças que existem. O que espera receber alguma coisa de um homem, esforça-se nos meios para obter o que deseja. O mendigo que espera alguma esmola, fica à porta ou no caminho daquele de quem espera receber alguns trocados. Os meios pelos quais Cristo comunica a si mesmo são, em geral, suas ordenanças. Aquele que espera alguma coisa de Cristo, deve aguardar isso. É a expectativa de fé que faz o coração funcionar. Não é de uma esperança à toa ou sem fundamento que estou falando. Se, pois, existe algum vigor, alguma eficácia e algum poder na oração ou nos sacramentos que tiverem o propósito de morti-

ficar o pecado, o indivíduo certamente se interessará por eles, dada essa expectativa de receber alívio da parte de Cristo. Por isso, reduzo a essa categoria todas as atuações específicas, como a oração, a meditação e coisas semelhantes. Portanto, não insistirei mais nelas. Quando se fundamentam nesse alicerce e brotam dessa raiz, são de uso especial para esse propósito; de outra forma, não.

Quanto a essa diretriz para a mortificação de uma intemperança que o dominava, você talvez tenha mil comprovações pela experiência. Quem tem andado com Deus sob essa tentação sem ter provado a utilidade e o sucesso de agir assim? Posso confiar a alma a isso sem acrescentar mais nada. Talvez devam ser mencionados apenas alguns pormenores.

1) Pratique sua fé especificamente na morte, no sangue e na cruz de Cristo, ou seja, em Cristo crucificado e morto. A mortificação do pecado surge especificamente da morte de Cristo. Essa é uma das finalidades específicas e preeminentes da morte de Cristo, que certamente será realizada por ela. Cristo morreu para destruir as obras do Diabo. Tudo quanto

sobreveio à nossa natureza por sua primeira tentação, tudo quanto recebe força na pessoa humana por suas sugestões diárias, Cristo morreu para destruir. "Ele se entregou por nós a fim de nos remir de toda a maldade e purificar para si mesmo um povo particularmente seu, dedicado à prática de boas obras" (Tt 2.14). Esse foi seu propósito e sua intenção, nos quais não fracassou ao entregar-se por nós. Seu desígnio foi que ficássemos libertos do poder de nossos pecados e purificados de todas as concupiscências que nos contaminam. "... Cristo amou a igreja e entregou-se por ela para santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável" (Ef 5.25-27).

Isso, em virtude da sua morte, será levado a efeito em vários e diferentes graus. Por isso, nossa lavagem, purificação e limpeza são em todos os lugares atribuídas a seu sangue (1Jo 1.7; Hb 1.3; Ap 1.5). Este, aspergido sobre nós, "purificará a nossa consciência de atos que levam à morte, para que sirvamos ao Deus vivo!" (Hb 9.14). É esse o nosso alvo, é isso o que procuramos para que nossa consciência seja purificada de obras mortas, para que estas sejam desarraigadas, destruídas e não tenham mais lugar em nós. Isso certamente

será levado a efeito pela morte de Cristo. Dela sairá virtude para esse propósito. Na realidade, todos os suprimentos do Espírito, todas as concessões de graça e de poder provêm daí, conforme demonstrei em outra obra (*Treatise on communion with God* [*Tratado da comunhão com Deus*], caps. 7,8).

Assim apresenta o apóstolo Paulo essa questão (Rm 6). No versículo 2, propõe o argumento de que estamos tratando: "... Nós, os que morremos para o pecado, como podemos continuar vivendo nele?". Mortos para o pecado por nossa profissão de fé; mortos para o pecado por nossa obrigação de assim ficar; mortos para o pecado mediante participação da virtude e do poder para matá-lo; mortos para o pecado mediante a união com Cristo e a participação nele, em quem e por meio de quem o pecado é morto. Assim, como viveremos em pecado? Nisso o apóstolo insiste nos versículos que se seguem, por meio de várias considerações, todas tiradas da morte de Cristo. Não podemos viver no pecado: "Ou vocês não sabem que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em sua morte?" (v. 3). Temos no batismo uma evidência de nossa inserção em Cristo. Nele somos batizados, mas em que parte dele somos batizados a fim de ter participação nele? Em sua morte, diz ele. Se de fato, e além de qualquer profissão externa, fomos batizados em Cris-

to, somos batizados em sua morte. O apóstolo oferece a explicação do fato de sermos batizados na morte de Cristo:

> Portanto, fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, e fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova [...]. Pois sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído, e não mais sejamos escravos do pecado (v. 4,6).

Trata-se, diz ele, de ser "batizados na morte de Cristo", de estar conformados a essa morte, mortos para o pecado, de ter mortificado nossas corrupções, assim como Cristo foi morto para vencer o pecado. De modo que, assim como ele ressuscitou para a glória, nós também ressuscitássemos para a graça e para a novidade de vida.

O apóstolo diz de onde provém esse batismo na morte de Cristo — da própria morte de Cristo: "... o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado seja destruído..." (v. 6). "Foi crucificado com ele" não no que diz respeito ao tempo, mas à causalidade: somos crucificados com ele meritoriamente, pois Cristo providenciou o Espírito para nós, a fim de mortificar nosso pecado; e eficientemente, pois

sua morte provê virtude para nossa crucificação, por exemplo. Certamente seremos crucificados para o pecado, assim como ele foi crucificado para nosso pecado. É isso o que o apóstolo quer dizer: Cristo, mediante sua morte, ao destruir as obras do Diabo e ao providenciar o Espírito para nós, matou o pecado e seu reinado sobre os cristãos, e este não conseguirá seus propósitos e domínio.

2) Depois, ponha em prática a fé na morte de Cristo, e isso segundo estas duas categorias: a) Na expectativa do poder; b) nos esforços em favor da conformidade (Fp 3.10; Cl 3.3; 1Pe 1.15-19).

Quanto à primeira, a diretriz dada de modo geral deverá bastar.

Quanto à segunda, as palavras do apóstolo Paulo (Gl 3.1) talvez lancem luz para nos orientar. Deixe a fé contemplar Cristo no evangelho conforme ele é retratado, morrendo crucificado por nós. Veja-o sob o peso de nossos pecados, orando, sangrando, morrendo. Pela fé, introduza-o, naquela condição, em seu coração. Aplique seu sangue, assim derramado, às corrupções que você tem; faça isso diariamente (1Co 15.31; 1Pe 1.16; 5.1,2; Cl 1.3). Poderia estender-me mais nessa consideração, em vários pormenores, mas vou encerrar.

Preciso acrescentar, portanto, somente os itens que se referem à atuação do Espírito nesse assunto da mortificação, uma obra típica do Espírito. Em resumo, tudo o que descrevi como sendo nosso dever é efetuado, executado e cumprido pelo poder do Espírito, em todas as partes e níveis. Conforme segue:

1) Somente ele convence, de modo claro e pleno, o coração da iniqüidade, da culpa e do perigo da corrupção, da concupiscência ou do pecado a ser mortificado. Sem essa convicção ou enquanto ela estiver tão fraca que o coração consiga resistir a ela ou absorvê-la, nenhuma obra eficaz será feita. Um coração incrédulo (como todos nós temos, em parte) rejeitará qualquer consideração até ser dominado por convicções claras e evidentes. Essa obra é exclusiva do Espírito: é ele quem convence do pecado (Jo 16.8). Somente ele pode fazê-lo. Se as considerações racionais dos homens, com a pregação da letra, tivessem a capacidade de convencê-los do pecado, talvez víssemos mais pessoas convictas do que vemos agora. Pela pregação da Palavra, vem uma compreensão no entendimento dos homens de que são pecadores, que tais e tais coisas são pecados, que são culpados... No entanto, essa luz não é poderosa nem afeta os princípios práticos da alma a ponto de conformar com eles a mente

e a vontade e de produzir efeitos apropriados a essa compreensão. Por isso, homens sábios e cheios de conhecimento, porém destituídos do Espírito, não acreditam que as ações e as atitudes que impliquem concupiscência sejam de fato pecado. Apenas o Espírito pode realizar, e realiza mesmo, uma obra com esse propósito. É a primeira coisa que o Espírito faz a fim de levar à mortificação toda e qualquer concupiscência: ele convence a alma de sua iniqüidade, repudia todas as suas desculpas, desmascara suas fraudes, acaba com suas evasões, responde a seus fingimentos, leva a alma a confessar sua abominação e a submeter-se a esse reconhecimento. Sem fazer isso, tudo o que segue é em vão.

2) Somente o Espírito revela a plenitude de Cristo para nosso alívio, consideração que impede o coração de entrar em caminhos errados e em desânimo desesperador (2Co 12.8,9).

3) Somente o Espírito coloca o coração na expectativa do alívio por parte de Cristo, o grande e soberano meio de mortificação, conforme já vimos (2Co 1.21,22).

4) Somente o Espírito introduz a cruz de Cristo em nosso coração com seu poder para matar o pecado, pois pelo Espírito somos batizados na morte de Cristo.

5) O Espírito é o autor e consumador de nossa santificação. Oferece novos suprimentos e influência da graça para a santificação, quando o princípio contrário é enfraquecido e abafado (Ef 3.16-18).

6) Em todas as orações que a alma dirige a Deus nessa condição, tem o apoio do Espírito. De onde vem o poder, a vida e o vigor da oração? De onde vem sua eficácia para prevalecer com Deus? Não provém do Espírito? Ele é o "Espírito de súplica" prometido aos que contemplarem aquele a quem traspassaram (Zc 12.10), que os capacita a orar com gemidos inexprimíveis (Rm 8.26). Este é o grande e reconhecido meio da fé para prevalecer com Deus. Assim Paulo lidou com a tentação, qualquer que fosse: "... roguei ao Senhor que o tirasse de mim" (2Co 12.8). Qual é a obra do Espírito na oração? De onde e como ela nos ajuda e nos leva a prevalecer? O que devemos fazer a fim de desfrutar sua ajuda? Esses são temas que não tenho a intenção de examinar por ora.